

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA**

**Jorama de Quadros Stein**

***ALEGRIA TEM BEM A CARA DO ONDA:***

**um estudo enunciativo da participação em grupo de jovens**

**São Leopoldo  
2010**

**Jorama de Quadros Stein**

***ALEGRIA TEM BEM A CARA DO ONDA:***

**um estudo enunciativo da participação em grupo de jovens**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Marlene Teixeira

São Leopoldo

2010

*À minha mãe, Lorena, eterna mestra,  
Aos jovens do Onda, eternos amigos.*

## AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Marlene Teixeira, mais do que uma orientadora, um exemplo de perseverança, uma conquistadora de objetivos, motivadora de perguntas, uma garimpeira de respostas, respeitadora das angústias, leitora de vidas com a lupa da humildade e da sabedoria, agradeço pelas sábias palavras, promotoras de reviravoltas no mais profundo de mim, que me levaram a (re)significar caminhos; pela interlocução proporcionada, pelo apoio e incentivo; por acreditar em minha proposta e motivar-me a navegar por mares já navegados com diplomacia, estudo e coragem; e, ainda, fazer-me enxergar outros mares no horizonte da vida, desde nossos encontros para a escrita da monografia de conclusão de curso até a conclusão da dissertação de Mestrado.

À professoras Dra. Maria Eduarda Giering, Dra. Rove Chishman e Dra. Ana Cristina Ostermann, pelo espaço de aprendizado, interlocução e crescimento. Esta navegadora tem certeza de que só aprendeu a vencer as intempéries com as verdadeiras mestras!

À Dra. Ana Maria de Mattos Guimarães, à UNISINOS e ao Santander pela oportunidade de ter iniciado a viagem e ter aportado com segurança o apoio necessários!

Às brilhantes Dra. Ana Gageiro e Dra. Cátia Fronza, por terem me feito ver, na parte principal da viagem, o que era preciso ser feito para seguir em frente para que houvesse uma revitalização indispensável.

Aos queridos colegas do Mestrado, especialmente os de minha linha de pesquisa: Deise Chamorro, Viviane Grespan e Éder Cabral, por me fazerem bem melhor do que sou, compreenderem e respeitarem o que era desafiador para mim e colaborarem para que a travessia fosse mais tranquila e esperançosa.

Ao grupo de Jovens Onda, amigos que me acompanham em tantos momentos da vida, que sempre me impulsionaram, e que disponibilizaram gentilmente tempo, compreensão e dedicação em tudo o que foi necessário para a pesquisa.

À minha mãe, por sempre saber que eu conseguiria, acreditando em mim, oferecendo olhar generoso e disciplinador, uma mão carinhosa e guiadora, um sorriso motivador, um abraço encorajador, pelo silêncio respeitador e pelos ouvidos pacientes e atentos. Ao meu pai, pela presença na ausência. Ao meu irmão, pelo auxílio técnico, pela escuta amiga e confiante. À minha vó, companheira fiel das minhas conquistas. Ao meu avô (*in memoriam*), que sempre incentivou meus estudos.

Aos parentes e demais amigos, cujos nomes não podem ser mencionados, sob pena de se deixar de lado alguém importante, vocês demonstraram paciência, compreensão e fizeram a vida ter mais cor, com os encontros ainda que breves e esporádicos.

Aos amigos de mais tempo, aos recentes, aos conhecidos no meio acadêmico, aos familiares, meu sincero obrigada !

*Nada do que foi será  
De novo do jeito que já foi um dia  
Tudo passa  
Tudo sempre passará*

*A vida vem em ondas  
Como um mar  
Num indo e vindo infinito*

*Tudo que se vê não é  
Igual ao que a gente  
Viu há um segundo  
Tudo muda o tempo todo  
No mundo*

*Não adianta fugir  
Nem mentir  
Pra si mesmo agora  
Há tanta vida lá fora  
Aqui dentro sempre  
Como uma onda no mar  
Como uma onda no mar  
Como uma onda no mar*

*( Lulu Santos e Nelson Motta)*

## RESUMO

Este trabalho focaliza a participação de jovens em um grupo religioso de orientação católica, o ONDA, pertencente a uma pastoral de paróquia da região do Vale do Rio dos Sinos. Através da forma como vinte jovens participantes constroem o referente ONDA, em oficinas e entrevistas, a pesquisa investiga que representações os jovens constroem do trabalho realizado no grupo e quais as possíveis repercussões desse trabalho em relação à estruturação da vida em sociedade. Consideramos, enfim, bastante relevante buscar compreender como o sujeito constrói sua subjetividade a partir do reconhecimento de si na relação com o outro. A teoria da enunciação de Benveniste, apresentada como um quadro teórico pertinente para transcender a análise intralinguística e permitir o estudo da intersubjetividade como condição para a constituição da subjetividade, fundamenta a pesquisa. Considerações feitas no campo dos estudos psicanalíticos a respeito da adolescência auxiliam-nos a compreender os atravessamentos que perpassam a constituição do jovem, enquanto sujeito da/na linguagem. Os resultados do estudo revelam que os jovens encontram sustentação na relação com seus pares e com o líder e, ainda, que a participação no grupo favorece o estabelecimento de vínculo com o social.

**Palavras-chave: enunciação, subjetividade, intersubjetividade, referência, vínculo social.**

## **ABSTRACT**

This study focuses on the participation of young people in a religious group of Catholic orientation, called ONDA, which belongs to a parish pastoral in the region of the Vale do Rio dos Sinos. Based on the way twenty young participants build the referent ONDA, at workshops and interviews, this research analyzes the role of this activity in the process of appropriation of a place in the symbolic space by these young people. Benveniste's enunciation theory, presented as a meaningful theoretical frame in order to transcend the intra-linguistic analysis and allow the study of intersubjectivity as a condition for the construction of subjectivity, bases this research. Discussions realized in the field of psychoanalytic studies on adolescence helped us understand factors that are part of the constitution of young people as a subject of/in language. Results of this study reveal that these young people find support in the relation with their peers and with the leader and, also, that being part of a group favors the settlement of bonds with the social.

**Keywords: enunciation, subjectivity, intersubjectivity, reference, social bond.**

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>12</b>
<b>2 DO CAMPO DA ENUNCIÇÃO.....</b>	<b>17</b>
2.1 A TEORIA DA ENUNCIÇÃO DE ÉMILE BENVENISTE .....	22
<b>2.1.1 Intersubjetividade e linguagem .....</b>	<b>23</b>
<b>2.1.2 Sujeito, cultura e sociedade.....</b>	<b>27</b>
<b>2.1.3 A co-construção da referência .....</b>	<b>33</b>
<b>3 DO CAMPO DOS ESTUDOS PSICANALÍTICOS SOBRE A ADOLESCÊNCIA .....</b>	<b>41</b>
3.1 PANORAMA DA CONTEMPORANEIDADE .....	41
3.2 A ADOLESCÊNCIA E O FENÔMENO GRUPAL .....	45
<b>4 UM CAMINHO PARA A ANÁLISE .....</b>	<b>56</b>
4.1 O GRUPO DE JOVENS ONDA .....	56
4.2 DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	59
<b>4.3.1 Do questionário .....</b>	<b>60</b>
<b>4.3.2 Das oficinas.....</b>	<b>61</b>
<b>4.3.3 Das entrevistas .....</b>	<b>62</b>
4.4 DOS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE .....	62
<b>5 REPRESENTAÇÃO DO ONDA .....</b>	<b>66</b>
5.1 DA CARACTERIZAÇÃO DOS ADOLESCENTES .....	66
5.2 DA RELAÇÃO INTERSUBJETIVA .....	68
5.3 DA CO-CONSTRUÇÃO DO REFERENTE .....	76
<b>6 PALAVRAS FINAIS .....</b>	<b>95</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>99</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>102</b>
<b>ANEXO 1 - Questionário .....</b>	<b>103</b>
<b>ANEXO 2 - Oficina analisada .....</b>	<b>105</b>
<b>ANEXO 3 - Entrevistas .....</b>	<b>109</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1. A relação intersubjetiva na oficina .....</b>	<b>71</b>
<b>Quadro 2. A relação intersubjetiva na entrevista.....</b>	<b>74</b>

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Com quem os jovens residem.....	66
Tabela 2. Escolaridade .....	66
Tabela 3. Profissão do pai .....	67
Tabela 4. Profissão da mãe .....	67
Tabela 5. Acesso à leitura e tecnologias.....	67
Tabela 6. O <i>eu</i> no quadro da enunciação .....	70
Tabela 7. O <i>tu</i> no quadro da enunciação.....	70

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este estudo focaliza o trabalho no ONDA - *Objetivos Novos Do Apostolado* -, grupo de jovens de uma pastoral paroquial, vinculado à Igreja Católica. Propõe-se a investigar que representações desse trabalho são construídas por jovens que dele participam. A pesquisa se insere na linha *Interação e Práticas Discursivas* (PPGLA), particularmente na vertente que vem se dedicando ao desenvolvimento de procedimentos teórico-metodológicos voltados para a análise de práticas intersubjetivas em diferentes contextos (produção literária, atividade de trabalho, espaços educacionais, entre outros), a partir de estudos no campo da enunciação (Benveniste, Bakhtin, Authier-Revuz).

Esta pesquisa, alicerçada na linguística da enunciação, particularmente no que diz respeito às concepções de subjetividade, intersubjetividade, língua e linguagem, sujeito, cultura, sociedade e referência, filia-se a Benveniste, buscando em sua teoria a possibilidade de transcender o aspecto intralinguístico e, assim, promover uma abertura para o campo aplicado.

Para melhor justificar a relevância deste trabalho, se faz necessário evidenciar o conjunto de acontecimentos que conduziram à ideia de realizá-lo. Para tanto, apresento brevemente minha trajetória<sup>1</sup>, no que diz respeito ao que se concatena com o desejo de realizar uma investigação dessa natureza.

Pensar a questão do jovem na atualidade é um interesse que me acompanha há bastante tempo. A opção por tomar o ONDA como espaço para o desenvolvimento dessa reflexão explica-se pelo fato de eu atuar no grupo e observar, em minha experiência, aspectos que parecem relevantes para melhor compreender o jovem de hoje.

O ONDA é um curso<sup>2</sup> para jovens de 11 a 13 anos, que tem por objetivo formar líderes e possibilitar a perseverança<sup>3</sup> dos jovens na caminhada de fé. Após três dias de encontro, em paróquia da região do Vale do Rio dos Sinos, o jovem é convidado a frequentar as reuniões que acontecem aos sábados, das 14h30min às 16h30min. Nessas reuniões, são feitas reflexões sobre o evangelho, discussões em grupo, preparativos para participação em eventos de caráter religioso (liturgia de missas, apresentação em festas paroquiais, disponibilidade para auxiliar

---

<sup>1</sup> Faço uso, neste caso, da primeira pessoa do singular tendo em vista tratar-se do relato de uma experiência pessoal.

<sup>2</sup> Utilizamos “curso” e não “retiro”, como comumente são chamados os encontros de aprofundamento espiritual de algumas religiões, porque, no ONDA, os encontros não têm caráter fechado: os jovens não dormem no local, portanto, não se desvinculam do encontro com a família e com os amigos. Ao final da tarde, acompanhados por um responsável, voltam para suas casas e retornam no dia seguinte.

<sup>3</sup> O termo designa o ato de continuar na caminhada, não desistir da participação e da atuação no grupo.

voluntariamente em algum evento, combinação de doações a serem realizadas para alguma entidade, entre outros), além de ensaios dos grupos de teatro e de dança.

Para participar do curso, os jovens preenchem uma ficha com dados pessoais. É importante esclarecer que não se faz nenhum tipo de seleção por situação social ou por condições familiares, ou seja, os adolescentes que ingressam no curso são de famílias com as mais diferentes estruturas: moram com os pais; com os avós; só com o pai ou só com a mãe; têm pai ou mãe falecido(a). É comum que alguns dos cursistas apresentem algum tipo de problema familiar: briga com os pais, irmãos; têm alguém da família com problema de alcoolismo; enfim, apresentam alguma dificuldade emocional e/ou comportamental. Todos os que tiverem entre 11 e 13 anos, com a devida autorização dos pais ou responsáveis e do pároco, podem participar.

Tive a oportunidade de cursar o ONDA<sup>4</sup> nos dias 25, 26 e 27 de julho de 1997, com treze anos, e desde então participo ativamente do grupo. Quando completei cerca de um ano de perseverança, fui convidada a ingressar na coordenação. Passei, então, a auxiliar na elaboração de reuniões para outros jovens e na organização de cursos e retiros. Em 2007 e 2008 integrei a coordenação diocesana, visto que o movimento é constituído por grupos em diversas paróquias da diocese.<sup>5</sup> Em razão da pesquisa, projetei meu afastamento do grupo no ano de 2009 a fim de mais facilmente me deslocar para a posição de pesquisadora, com um olhar focado no ONDA como objeto de estudo.

Há jovens que permanecem no grupo por vários anos. Mesmo os que não podem ou preferem não fazê-lo, participam de diversas reuniões seguidas ou de encontros esporádicos. Quando questionados por padres, membros do grupo e até mesmo familiares, muitos afirmam que as amizades feitas no grupo e o que se faz junto desses (as) amigos (as) é algo tão significativo que os laços constituídos, mesmo com a distância e o passar do tempo, não são facilmente rompidos.

Investigar que aspectos podem estar contribuindo para a constituição desses laços parece-me importante, especialmente, no contexto atual, em que, conforme atestam inúmeros estudiosos, de diferentes áreas, os jovens vêm apresentando dificuldade de encontrar pontos de sustentação no social.

Abramo (1994) aponta para uma crise nos modelos da sociedade que faz com que os adolescentes, em busca dos próprios ideais, partam de frágeis referências, tais como dinheiro,

---

<sup>4</sup> Esclarecimentos referentes à estrutura do curso são feitos no subcapítulo 4.1.

<sup>5</sup> A diocese referida é a de Novo Hamburgo abrange paróquias localizadas em diversos municípios: São Leopoldo, Novo Hamburgo, Taquara, Rolante, Estância Velha, Sapiranga, Igrejinha, entre outros.

consumo, lazer, entre outros, numa cultura em que o hedonismo e o individualismo têm triunfado.

Essa crise constante e acelerada caracteriza-se pela hiper-valorização dos aspectos materiais, pelo desemprego, pela miséria e a desigualdade social, que acentuam os problemas econômicos, políticos, sociais e ambientais. Acrescente-se a esse quadro, a descrença na política e nas instituições governamentais. Como se isso não bastasse, a família, alicerce para a formação do indivíduo, também vem passando por abalos e modificações de grande proporção tanto em sua estrutura quanto no que se refere a aspectos de ordem emocional e financeira. Esse conjunto de fatores produz um esvaziamento de referências que facilmente leva ao desamparo.

Diante disso, o jovem necessita de uma palavra de autoridade, que possa oferecer-lhe algum tipo de orientação a seguir. Mas, muitas vezes, depara-se com a fragilidade das instituições socializadoras.

Tendo em vista a atual configuração da sociedade e a falta de sustentação indicada por muitos autores, não é fácil subjetivar-se e, conseqüentemente, inscrever-se no laço social. Matheus (2002, p.15) observa certo ceticismo em alguns jovens, entendendo-o como “expressão da falência de ideais de sua cultura”.

Diante desse quadro, não é de estranhar que alguns jovens mostrem-se bastante vinculados a grupos de pastorais paroquiais, filiando-se aos ideais ali estabelecidos. Como afirma Matheus (2002), quando as referências habituais falham, outras figuras podem assumir o papel de tentar preencher esse vazio. Na mesma direção, Dufour (2005) lembra que é preciso pensar formas de sustentação simbólica para os jovens se inserirem no convívio social.

Justifica-se, assim, uma proposta de pesquisa destinada a investigar que representações os jovens constroem do trabalho realizado no grupo Onda e quais as possíveis repercussões desse trabalho em relação à estruturação da vida em sociedade. Consideramos, enfim, bastante relevante buscar compreender como o sujeito constrói sua subjetividade a partir do reconhecimento de si na relação com o outro.

Para tanto, do ponto de vista teórico, recorreremos à teoria da enunciação de Émile Benveniste, considerado um linguista dedicado a descrições de fatos de língua que, embora ampliadas em seu escopo, ainda se situam num âmbito intralinguístico. Nossa tentativa será a de seguir a trilha que vem sendo aberta por alguns estudiosos da obra do autor, no sentido de expandir a compreensão do que ele propõe, no final de “Semiologia da língua” (1969), como translinguística.

Esta dissertação é composta por seis capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos a trajetória que nos levou ao objeto de estudo e apontamos os objetivos desta pesquisa. No segundo capítulo, expomos a origem da linguística da enunciação para então chegarmos a teoria da enunciação em Benveniste. Na obra do linguista francês, encontramos a concepção de intersubjetividade na linguagem (2.1), apresentada como um ponto de abertura da teoria para o social.

Refletimos, a partir do caráter intersubjetivo da linguagem em Benveniste, sobre como o linguista explicita, ao longo de sua obra, o sujeito da/na linguagem e seu engendramento com a cultura e a sociedade (2.2). Pontuamos como língua e cultura constituem o indivíduo e como este atualiza e renova a linguagem em cada instância do discurso. Acentuamos o papel da língua diante do social, explicitando o porquê de o indivíduo e a sociedade se fundirem na língua.

A partir daí, abordamos como Benveniste compreende a referência, constituída, para ele, a partir de uma construção intersubjetiva entre os falantes. A referência (2.3) é, como trazemos no capítulo, co-construída pelos interlocutores. É a partir de como Benveniste aborda a referência que encontramos subsídios para a análise do material de investigação.

Tendo em vista que, do ponto de vista da análise, nosso objetivo é investigar, a partir das representações construídas, quais aspectos do trabalho realizado pelo ONDA podem favorecer a estruturação dos jovens no vínculo social, é necessário recorrer ao campo dos estudos psicanalíticos da adolescência. Isso é feito no terceiro capítulo, em que trazemos um panorama da contemporaneidade (3.1) e apresentamos o adolescente e sua relação com seus pares no grupo (3.2). Essa interlocução é fundamental para que se compreenda melhor como o adolescente se constitui a fim de cumprimos nosso objetivo de, através do diálogo da linguística da enunciação com outros campos do saber, avançarmos além do estritamente linguístico.

No quarto capítulo, apresentamos a estrutura e organização do grupo ONDA antes, durante e após a realização do curso (4.1) para que melhor se possa explicitar como foi realizada a seleção dos participantes da pesquisa (4.2). Em seguida, esclarecemos os procedimentos de coleta do material de investigação (4.3), em que é possível compreender a trajetória que parte da aplicação de questionários com os participantes, seguida da realização de oficinas em uma reunião do grupo e se encerra com entrevistas com os integrantes das oficinas. Por fim, esclarecemos os procedimentos que serão realizados para a análise, evidenciando os aspectos a serem observados a fim de cumprimos nosso objetivo (4.4).

No quinto capítulo, trazemos a análise do material de investigação. A pergunta da qual partimos é: Qual representação os jovens do Onda fazem de sua participação no grupo? Para respondermos, iniciamos apresentando como se dá a relação intersubjetiva (5.1) entre os jovens, através de como agenciam o *eu* em relação ao *tu* ao realizarem as encenações (segunda oficina) para então chegarmos ao modo como o referente ONDA é co-construído por eles (5.2).

No sexto capítulo, tecemos brevemente algumas considerações que elucidam a trajetória realizada no trabalho e reiteram a resposta à pergunta e ao objetivo da pesquisa.

Passamos, a seguir, para a apresentação do campo da enunciação e da teoria enunciativa benvenistiana que propicia a construção de um referencial teórico adequado à busca da concretização de nosso objetivo.

## 2 DO CAMPO DA ENUNCIÇÃO

Antes de partir para a definição dos conceitos que são fundamentais para a realização desta pesquisa, é necessário apresentar o campo do qual fazem parte, ou seja, o da linguística da enunciação.

A designação *linguística da enunciação* é proposta por Flores e Teixeira (2005) para abrigar o conjunto de teorias que, por diferentes perspectivas, se ocupam das relações entre subjetividade e linguagem.

Segundo Flores et al. (2009), as teorias da enunciação receberam uma leitura muito particular no cenário linguístico brasileiro. Os autores reiteram que muitas vezes são realizadas leituras de Bakhtin e Benveniste que se apropriam de suas definições fora do construto epistemológico do qual fazem parte. Essa observação não é feita com o intuito de instaurar uma crítica, mas de levar-nos a de fato compreender que em uma sociedade em que os saberes são mediados por tantas singularidades em todo o contexto sócio-histórico-cultural, o campo da enunciação surge, de certa forma, mediado por outras disciplinas de estudos da linguagem.

Neste trabalho, usamos “campo” para abarcar o conjunto de teorias que dizem respeito à enunciação. Consideramos incluídos no campo todos os estudos que conduzem a uma abordagem que diz respeito a questões teóricas e descritivas da enunciação. Entendemos por teorias da enunciação os diferentes construtos metodológicos que integram o campo. São propostas, que, conforme Flores et al. (2009), são vinculadas aos nomes de seus autores. Por isso, coloca-se a necessidade de percorrer o que foi determinado por estudiosos anteriores a Benveniste que permitem traçar a constituição do campo.

Muitos deles fizeram reflexões a respeito da linguagem que influenciaram a constituição da linguística da enunciação, dentre os quais podem ser citados: Wilhelm von Humboldt, Michel Bréal, Ferdinand de Saussure e Charles Bally.<sup>6</sup>

Humboldt traz para a linguagem uma abordagem feita por Kant na filosofia: o reconhecimento da impossibilidade de que a subjetividade transcenda a si mesma. A linguagem, para o primeiro, considerado fundador da filologia geral, é um sistema governado por regras, que organiza o mundo.

---

<sup>6</sup> As considerações aqui feitas sobre a origem da linguística da enunciação, especialmente no que diz respeito a Humboldt e Bréal, tomam por base o trabalho de Cremonese (2007) devido à dificuldade de acesso direto à obra da maioria desses autores.

Para Humboldt, a linguagem é a forma de expressar o pensamento humano. Ele acentua que a essência da linguagem é o predomínio da subjetividade. Nesse sentido, o filólogo traz um aspecto fundamental que entra em consonância com o pensamento benvenistiano: a linguagem não serve somente para comunicar, mas para significar.

Humboldt traz outra contribuição essencial para a linguística da enunciação ao afirmar que a linguagem só tem existência real a cada momento em que é proferida. Segundo ele, na percepção dos objetos há uma certa subjetividade, ressaltando que cabe considerar cada indivíduo como um ponto de vista no universo.

Além do aspecto crucial de considerar a linguagem, que se manifesta através do uso, inerente ao homem, o linguista prussiano reconhece que o homem, mesmo em pensamento, fala sempre com um outro ainda que seja um outro em si mesmo. A linguagem é, para ele, portanto, constitutiva do homem, mas o seu sentido só se constitui na relação de *eu* para *tu*. Esse posicionamento vem ao encontro do destaque dado por Benveniste à correlação entre *eu* e *tu* para a significação na linguagem.

Bréal, já em 1897, também traz suas contribuições para a linguística da enunciação. Considera a linguagem como um ato do homem, constituída a partir do todo social, que está longe de ser um espelho que reflete a realidade:

Desse modo a linguagem começa a nos aparecer efetivamente como ela é. Ela não é – está longe disso – um espelho em que se reflete a realidade: é uma transposição da realidade através dos signos particulares dos quais a maior parte não corresponde a nada de real. Nós estamos de tal modo habituados a essa transposição que as idéias e os sentimentos que atravessam a consciência tomam de imediato essa forma. Se examinarmos um a um os elementos da mais simples frase, não de um livro de metafísica ou de direito, mas de uma conversa familiar, nos surpreenderemos ao ver que quase tudo pertence a esta álgebra particular que nos serve para comunicar nossos pensamentos (BRÉAL, 1992 apud CREMONESE, 2007, p. 23).

Bréal entra em consonância com Humboldt no que diz respeito ao fato de as palavras precisarem de um contexto para ganharem sentido. O primeiro ainda acentua que “o que dizemos daquele que fala não é menos verdade para aquele que escuta. Ele está na mesma situação; seu pensamento segue, acompanha ou precede o pensamento de seu interlocutor” (BRÉAL, 1992 apud CREMONESE, 2007, p.23). Evidencia, portanto, que o sentido das palavras só pode ser definido nas instâncias particulares em que são utilizadas.

Vimos que Humboldt e Bréal trouxeram contribuições que reagem à maneira de como vinham sendo realizados os estudos da linguagem no século XIX. Cronologicamente, no

entanto, é importante que lembremos de Saussure, cujos estudos constituem um legado que possibilita não só afirmar a linguística como ciência, como também trazer subsídios para estudos posteriores. O campo da enunciação nasce do diálogo com Saussure do *Curso de Lingüística Geral* (CLG). Não queremos dizer com isso que os autores incluídos nesse campo tenham se filiado a seu pensamento, mas, sim, que as diferentes perspectivas que aí se abrigam, conforme Flores e Teixeira (2005), de alguma forma, remetem-se a ele.

Bally, por sua vez, tem um diferencial com relação aos estudiosos que citamos: toma a enunciação como objeto mesmo, enquanto os demais trazem elementos para sua constituição. O linguista suíço é considerado, portanto, o precursor desse campo de estudos.

Bally, por ter sido aluno de Saussure e um dos autores do CLG, já antes da obra que faria o grande público ter acesso aos ensinamentos do mestre genebrino, tem considerações que muito contribuíram para a constituição do campo da linguística da enunciação. Foi responsável por criar uma nova disciplina: a estilística, por ele concebida como um estudo sincrônico e descritivo dos fatos da língua organizada, associados à afetividade, à subjetividade.

Bally (1962) abre para a leitura da linguística junto a outras ciências ao evidenciar que estas podem favorecer a compreensão de alguns conceitos. Ele considera a relevância da contribuição da psicologia ao afirmar que nada se diz que não tenha sido pensado, e, ainda, da sociologia, que enfatiza a linguagem como produto da vida social.

A linguagem, conforme Bally (1962), permite-nos perceber como as excitações sensoriais se traduzem em expressões e em juízos de valor. Esses juízos estão regidos por um fim subjetivo, sempre afetivos em alguma medida:

Así, al contacto de La vida real, las ideas em aparência objetivas se impregnan de afectividad. El habla individual intenta sin Cesar traducir la subjectividad del pensamiento...he ahí por qué El sistema de una lengua ES una tela de Penélope que se teje e desteje sin cesar, porque La inteligencia y La sensibilidad trabajan em ella simultáneamente pero no de la misma manera. (BALLY, 1962, p. 24/25).<sup>7</sup>

Para Bally, a subjetividade está, portanto, sempre em primeiro plano na linguagem, acima das formas lógicas; e a inteligência se sobressai para que seja possível ao falante fazer-se entender. A linguagem é, para o linguista francês, um produto do instinto de sociabilidade.

---

<sup>7</sup> A obra foi escrita por Bally, em francês. O trecho citado, em espanhol, foi traduzido por Amado Alonso.

Para entendermos de forma adequada a concepção de sujeito na obra de Bally, nos remetemos a Cremonese (2007, p. 26 e 27):

Esse falante, o sujeito que aparece na obra de Bally, não é um ser do mundo, mas uma representação que o indivíduo tem de si mesmo, do mundo, da sociedade, das situações e dos demais indivíduos que o cercam, o que é uma configuração bastante próxima à formulação feita pelos teóricos da enunciação atualmente. Sendo assim, também o uso da linguagem está condicionado à visão que o sujeito tem de si, dos outros e do mundo. O sujeito, então, não vê a si mesmo, não vê aos demais e nem é visto por eles de forma objetiva, há sempre um filtro, que é o seu olhar, a imagem que faz de tudo o que o cerca. O que os sujeitos podem perceber uns dos outros são apenas as manifestações exteriores de seus seres reais, realizadas a partir do uso da linguagem.

Bally traz uma contribuição bem significativa para o campo da enunciação ao afirmar que, quando se expressa, o falante imprime no que diz traços de sua singularidade. Ele ressalta, ainda, que o procedimento que gera a expressividade não é infalível e que o resultado nem sempre é o esperado pelo falante, já que a língua se realiza em relação a um outro. Destaca que o seu objeto de estudo é a expressão dita e não o fato pensado.

Ao propor a estilística, Bally promove uma abertura real para os estudos relacionados à enunciação, uma vez que a esta disciplina cabia estudar o que do pensamento do sujeito está expresso no uso que ele faz da linguagem. Ele já enunciava, assim, que a partir das marcas linguísticas deixadas pelo sujeito em sua fala é possível perceber como a linguagem age sobre a subjetividade e como os traços da singularidade do sujeito aparecem no que diz.

Conforme destacam Flores et al. (2009), Bally define a enunciação como o ato de o falante utilizar os meios de expressão de uma determinada comunidade linguística para expressar suas ideias e sua subjetividade. Segundo o suíço, toda a enunciação do pensamento pela língua é condicionada lógica, psicológica e linguisticamente em proporções variáveis.

A respeito da designação *linguística da enunciação*, há um questionamento bastante pertinente em Flores e Teixeira (2005, p.109): “quais as vantagens de se nomear um campo que não existe como unidade, mas apenas como multiplicidade (...), a quem (ou a quê) serve essa unidade, se ela não parece ser mais do que uma miragem, uma vez que a ela subjaz o diverso?”. Os autores afirmam a validade epistemológica de realizar tal nomeação, justificando tratar-se de uma unidade constituída pela diversidade, em que podemos encontrar pontos em comum: a inclusão no objeto de estudo de questões como subjetividade, referência, dêixis, contexto, modalização, entre outras.

Levando em conta que o ato enunciativo se esvaece assim que o falante profere um enunciado, não é possível buscar, para a lingüística da enunciação, um objeto pronto e acabado. Ela não se encaixa, portanto, entre as teorias que buscam a formalização do objeto, mas, na verdade, concebe o próprio objeto como heterogêneo. No entanto, de acordo com o apontamento de Flores e Teixeira (2005, p. 12):

Com isso não estamos querendo dizer que a lingüística da enunciação abre mão de formalizar seu objeto. Émile Benveniste, um dos maiores lingüistas da enunciação, utiliza o termo “formal” no título de um de seus mais célebres artigos, “O aparelho formal da enunciação”. Evidentemente, esse termo deve ser entendido, no contexto da obra de Benveniste – e acreditamos no escopo da lingüística da enunciação –, não no sentido de formalista como se pode atribuir, por exemplo, à gramática gerativa, na qual o estudo da forma lingüística é determinante em relação a aspectos funcionais e/ou contextuais, mas no sentido de mecanismos formais de enunciação e/ou de realização do enunciado.

O adjetivo “formal” na passagem acima vem, portanto, explicitar a natureza singular do objeto e o estudo dos mecanismos da enunciação no quadro formal de sua utilização.

É também esclarecedora a concepção do objeto da lingüística da enunciação em Cremonese (2007, p.46):

Não vemos, portanto, a Lingüística da Enunciação como uma área cujo objeto tem um tratamento homogêneo. Embora, inegavelmente, haja um objeto no campo proposto, a *enunciação*, ele é abordado de inúmeras formas [...] O que buscamos é entender um campo de estudos rico por sua heterogeneidade, e que tem por essência a aceitação de determinados elementos comuns que fazem com que possamos reuni-los sob um mesmo paradigma. Ainda que esse campo seja constituído de diversas teorias, ele pode, então, ser denominado *Lingüística da Enunciação*.

No contexto desta pesquisa, que objetiva investigar que representações os jovens constroem a respeito do trabalho no grupo ONDA, é preciso partir da noção de subjetividade e de sua relação com a linguagem. O linguista que evidencia a relevância da noção de subjetividade é Émile Benveniste ([1956] 2005, p. 288), com a célebre frase de que é “na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui enquanto sujeito”. Atribui-se, portanto, a Benveniste o mérito de ter trazido a questão da subjetividade, articulada à noção de enunciação, para os estudos lingüísticos.

Benveniste promove a construção de uma teoria da enunciação ao longo de sua obra. Ele contribui para a descrição de fenômenos linguísticos que transcendem o formalismo, uma vez que estes consideram a subjetividade como elemento primordial na constituição do sentido. As pesquisas na área da linguística, portanto, comumente utilizam textos do autor que referem a categoria de pessoa, subjetividade e intersubjetividade para fazer análises de língua propriamente dita, ou seja, no âmbito intralinguístico.

Consideramos tais estudos muito relevantes para a ampliação da descrição de fenômenos linguísticos. Pretendemos, no entanto, ir além, partindo da discussão de alguns capítulos da obra benvenistiana que promovem abertura para além do estritamente linguístico. Justifica-se, assim, a escolha de Benveniste como referencial teórico embaixador desta pesquisa. Nossa proposta alinha-se a um conjunto de pesquisas realizadas no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS e no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS, em que diversos estudos em contextos clínicos, educacionais, literários e de trabalho, em instituições e empresas, partem dos estudos enunciativos para fundamentar e concretizar sua proposta, numa perspectiva que permita a interdisciplinaridade.

No item a seguir, apresentamos o quadro enunciativo benvenistiano e algumas de suas concepções que constituem a fundamentação de nossa pesquisa, que transcende o estudo da língua *stricto sensu*.

## 2.1 A TEORIA DA ENUNCIÇÃO DE ÉMILE BENVENISTE

Entre todos os teóricos que, de alguma forma, influenciaram a constituição do campo da linguística da enunciação, destaca-se Émile Benveniste. Considerado o pai desse importante campo dos estudos da linguagem, o linguista traz reflexões que constroem a concepção de enunciação a partir da intersubjetividade.

Tomamos textos de Benveniste que trazem conceitos relevantes para os objetivos propostos nesta pesquisa, como subjetividade, intersubjetividade, língua, linguagem, enunciação e enunciado, referência. Esses textos são: *Estrutura das relações de pessoa no verbo* [1946, PLG I], *A natureza dos pronomes* [1956, PLG I], *Da subjetividade na linguagem* [1958, PLG I], *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística* [1963, PLG

II], *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* [1970, PLG II], *o Aparelho Formal da enunciação* [1970, PLG II] e *Semiologia da língua* [1969, PLG II].<sup>8</sup>

### 2.1.1 Intersubjetividade e linguagem

Para tratar da intersubjetividade e de sua relação com a linguagem, é necessário primeiramente compreender o que Benveniste entende por *subjetividade*.

De acordo com Ono (2007), as palavras *subjetivo* e *subjetividade* são empregadas por Benveniste em contextos tão diversos que é preciso voltar a seus textos, respeitando-se a cronologia, para tentar decidir sobre seu escopo.

A primeira utilização do termo *subjetividade* por Benveniste está em *Estrutura das relações de pessoa no verbo* ([1946] 2005). Nesse texto, a subjetividade não tem relação com o conceito de locutor ou de sujeito falante, porque ela está dada antes mesmo que a língua seja colocada em uso; é colocada como noção operatória oposta à objetividade e não aparece na esfera do sujeito falante; determina a posição do sujeito na *língua*, compreendida a noção de sujeito ora como *sujeito gramatical*, ora como *agente* ou *pessoa*, e não como sujeito falante ou pensante.

De acordo com Ono (2007), nesse texto, Benveniste toma o sujeito como suporte de uma ação à medida que o trata como pessoa gramatical. Não deixa, porém, de vinculá-lo a um ser no mundo. A linguista enfatiza que a subjetividade nesse texto benvenistiano já aparece como estando presente na língua, uma vez que para o ato da enunciação é necessário que haja a apropriação das pessoas linguísticas.

A pessoa *eu* se enuncia a um *tu* e juntos esses pronomes configuram a correlação de pessoalidade, uma vez que possuem marca de pessoa. Além disso, são caracterizados pela unicidade: são cada vez únicos na instância do discurso, em oposição à terceira pessoa, o *ele*, que pode ser uma infinidade de sujeito ou nenhum. Entre as pessoas do discurso – primeira e segunda pessoas - se estabelece, portanto, a correlação de subjetividade. É na relação do discurso que acontece a transcendência, fenômeno que é temporal, pois o *eu* é transcendente ao *tu* no momento em que ocupa a casa de *eu* enunciador:

---

<sup>8</sup> Neste trabalho optamos por, a cada vez que um texto de Benveniste for citado, trazer em colchetes o ano em que foi publicado pela primeira vez e, ao lado, a data da obra consultada. Assim, quando citamos 2005, referimo-nos à obra *Problemas de Linguística Geral I* (PLG I) e ao citar 2006 à *Problemas de Linguística Geral II* (PLG II).

“eu” é sempre transcendente com relação ao “tu”. Quando saio de “mim” para estabelecer uma relação viva com um ser, encontro ou proponho necessariamente um “tu” que é, fora de mim, a única pessoa imaginável. Essas qualidades de interioridade e de transcendência pertencem particularmente ao “eu” e se invertem em “tu”. (BENVENISTE [1946], 2005).

Em *A natureza dos pronomes* ([1956] 2005), texto publicado 10 anos depois de *Estrutura de relações de pessoa no verbo*, Benveniste ([1956] 2005) evidencia que a distinção entre “eu-tu” e “ele” reside no tipo de referência que estabelecem: *eu* e *tu* são indicadores de subjetividade, têm referência na enunciação; são formas que fazem parte da língua enquanto discurso; são formas vazias que se plenificam na enunciação; são unidades cuja função é relacionar o enunciado à enunciação; não representam, mas são indicadores de subjetividade; fazem referência à instância de discurso.

Nesse texto, portanto, os pronomes *eu* e *tu* são abordados como categorias que são preenchidas de sentido, quando postas em uso pelo locutor, na instância discursiva. Há uma remissão importante à enunciação logo no início do texto, que enfatiza o uso dessas categorias gramaticais como indicadoras de subjetividade, quando Benveniste distingue pronomes que pertencem à sintaxe da língua (*ele*) de outros relacionados ao que chama as “instâncias do discurso”, isto é, “os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em cada palavra pelo locutor.” (BENVENISTE [1956] 2005, p. 277)

Dentro desse contexto é que Benveniste ([1956] 2005, p. 280) afirma que “É identificando-se como pessoa única pronunciando *eu* que cada um dos locutores se propõe alternadamente como “sujeito”.

*Ele*<sup>9</sup> pertence ao sistema sintático da língua; é um anafórico; tem função de substituir algo pertencente à realidade objetiva do mundo fenomenal; é unidade cuja função é relacionar dois termos do enunciado; tem referência objetiva. A terceira pessoa constitui, assim, o membro não marcado da correlação de pessoa.

É por isso que não há truísmo em afirmar que a não pessoa é o único modo de enunciação possível para as instâncias do discurso que não devam remeter a elas mesmas, mas que predicam o processo de *não importa quem ou não importa o que*, exceto a própria instância, podendo sempre esse *não importa quem ou não importa o que* ser munido de uma referência objetiva. (BENVENISTE, 2005, p. 282).

---

<sup>9</sup> A terceira pessoa, *ele*, considerada a *não-pessoa* no discurso, por não fazer parte da correlação de subjetividade, é apresentada de forma mais detalhada no subcapítulo 2.1.3, que aborda a referência.

Em *Da subjetividade na linguagem* ([1958] 2005), Benveniste afirma o caráter constitutivo da linguagem em relação ao sujeito, através da discussão da impossibilidade de estabelecer uma oposição entre ela e o homem, o que o leva a negar o aspecto instrumental da linguagem. Nessa discussão, aparecem distinções importantes entre linguagem, língua, línguas, discurso, palavra.

Flores (2008) destaca que quando Benveniste fala de linguagem está se referindo à faculdade simbólica inerente à condição humana, que se realiza em uma língua, isto é, em uma estrutura linguística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular.

No texto de 1958, a subjetividade é concebida como “capacidade do locutor de se propor como ‘sujeito’” (Benveniste [1958] 2005, p.286). O linguista evidencia que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua, pois, somente na instância do discurso, *eu* se enuncia como “sujeito”. Essa “subjetividade” - que se instala e se manifesta no exercício da linguagem - não é mais do que a “emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem”: Dizendo “eu” não posso não falar de mim: *É “ego” quem diz “ego”*.

Em *Da subjetividade na linguagem*, percebe-se que a noção de sujeito não se identifica com a de homem, pois “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE [1958], 2005, p. 286) nem com a de locutor, uma vez que a “subjetividade” de que Benveniste [1958], 2005, p. 286) fala “é a capacidade do locutor de se propor como ‘sujeito’”. No entender de Flores (2008), o sujeito pode ser pensado como um efeito da *apropriação*<sup>10</sup>, como um efeito da “colocação da língua por um ato individual de utilização”; da “conversão individual da língua em discurso” (BENVENISTE [1970]2006, p. 82).

A linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas a sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, uma vez que as instâncias discursivas são sempre novas e únicas. Ao observar esses aspectos, é possível visualizarmos em Benveniste não uma teoria do sujeito propriamente dita, mas uma teoria da subjetividade na linguagem.

Segundo Teixeira (2008):

---

<sup>10</sup> Tornar próprio de si (cf. Flores, 2008).

A proposição de que a subjetividade, em Benveniste, além de estar presente no sistema lingüístico de cada idioma, está também na linguagem, conduz a teoria do autor para além do encerramento na análise intralingüística, pois implica o reconhecimento de que a subjetividade está presente no exercício da linguagem, isto é, no discurso.

Para Benveniste ([1958] 2005), a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, no momento em que se apropria do turno de fala se propondo com *eu* no seu discurso. Acentua ainda que embora a polaridade *eu –tu* não signifique simetria ou igualdade, os sujeitos na linguagem só podem ser concebidos pela existência de ambos.

Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*. A polaridade das pessoas é na linguagem a condição fundamental [...] Essa polaridade não significa igualdade nem simetria: *ego* tem sempre uma posição de transcendência quanto a *tu*; apesar disso nenhum dos dois termos se concebe sem o outro; são complementares mas segundo uma posição “interior/exterior”, e ao mesmo tempo são reversíveis. Procure-se um paralelo para isso; não se encontrará nenhum. Única é a condição do homem na linguagem. (BENVENISTE ([1958] 2005, p. 287).

Essa reversibilidade é que permite a cada locutor apropriar-se da língua toda, constituindo-se como *eu*. Os pronomes são, conforme o linguista, o primeiro ponto de apoio para a revelação da subjetividade. Ele salienta, ainda, que os indicadores de dêixis, como advérbios, demonstrativos, adjetivos, modalizadores - que organizam o *aqui – agora*, ou seja, a temporalidade e a espacialidade da instância discursiva, têm em comum o traço de se definirem somente com relação à instância de discurso em que são produzidos, em dependência do *eu* que aí se enuncia.

É importante salientar que, quando Benveniste ([1958]2005) aborda a subjetividade, salientando que “o discurso provoca a emergência da subjetividade pelo fato de consistir em instâncias discretas”<sup>11</sup>(BENVENISTE, [1958] 2005, p. 289), ele coloca como questão fundamental para sua constituição, a intersubjetividade. Em outras palavras, para o linguista, a intersubjetividade é condição para a constituição da subjetividade, pois a linguagem se apresenta como condição da existência do homem e, como tal, está sempre referida ao outro.

---

<sup>11</sup> De acordo com Dubois ( 1973, p. 192), o enunciado é uma grandeza discreta porque é constituído de unidades distintas umas das outras e que fazem parte de um sistema cujos outros elementos são em número limitado; assim, por exemplo, os fonemas que constituem os morfemas de uma língua são *unidades discretas*, visto que toda substituição de fonema leva a uma variação significativa do morfema.

Ou seja: a linguagem é constitutiva do homem na justa medida em que a intersubjetividade lhe é inerente, sem o que não se poderia encontrar “um homem falando com outro homem”.

Pode-se dizer que a intersubjetividade viabiliza o uso da língua, de acordo com Benveniste. Ono (2007) considera que, pela noção de intersubjetividade, a teoria de Benveniste se abre para o social. Para atestar a validade de sua interpretação, a autora lembra que, no artigo de 1958, Benveniste destaca que a subjetividade não se define “pelo sentimento que cada um experimenta de ser ele mesmo (esse sentimento, na medida em que podemos considerá-lo, não é mais que um reflexo), mas como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência” (BENVENISTE, 1988, p. 286). “A subjetividade em Benveniste é como um reflexo da sociedade, do coletivo a que cada um pertence” (ONO, 2007, p. 172), como aprofundaremos a seguir, recorrendo a dois textos em que Benveniste tematiza a relação sujeito, cultura e sociedade: *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da lingüística* (1963) e *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968).

### 2.1.2 Sujeito, cultura e sociedade

Em *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da lingüística* ([1963] 2005), Benveniste acentua a presença da subjetividade na língua. Começa a apontar, também, aquele que fala, o locutor, como capaz de, ao utilizar-se das formas da língua, conferir significação ao que diz:

Isso é o que faz com que a língua seja um sistema em que nada signifique em si e por vocação natural, mas em tudo signifique em função do conjunto; a estrutura confere às partes a sua “significação” ou a sua função. Isso é também o que permite a comunicação indefinida: como a língua é organizada sistematicamente e funciona segundo as regras de um código, aquele que fala pode, a partir de um pequeníssimo número de elementos de base, constituir signos, depois grupos de signos e finalmente uma variedade indefinida de enunciados, todos identificáveis por aquele que os percebe pois o mesmo sistema está estabelecido nele. (BENVENISTE [1963] 2005, p. 24)

Benveniste volta a evidenciar o caráter intersubjetivo da linguagem ao tratar de língua e linguagem. Coloca, por sua vez, indivíduo e sociedade como termos complementares, em virtude da polaridade *eu-tu*. Nesse texto, podemos ler (2005, p. 26):

Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende, primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido. Assim a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato do discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento de comunicação intersubjetiva.

Coloca-se aí a relação dialógica, a intersubjetividade, que, como vimos, constitui o primeiro ponto de abertura da teoria de Benveniste para o social.

Levando em conta a questão fundamental da linguagem como o que permite a intersubjetividade e, conseqüentemente, a subjetividade, Benveniste ([1963]2005, p.27) ressalta: “A sociedade não é possível a não ser pela língua; e, pela língua, também o indivíduo.” Por que indivíduo e sociedade se fundam na língua? Benveniste (2005) atribui esse fato à faculdade de simbolizar, inerente ao homem, isto é, à capacidade de estabelecer uma relação de “significação” entre algo e algo diferente:

Estabelecendo o homem na sua relação com a natureza ou na sua relação com o homem, por intermédio da linguagem, estabelecemos a sociedade [...] De fato, a linguagem se realiza sempre dentro de uma *língua*, de uma estrutura lingüística definida e particular, inseparável de uma sociedade particular. Língua e sociedade não se concebem uma sem a outra (BENVENISTE, 2005, p. 31)

Benveniste ([1963] 2005) proporciona uma reflexão em torno das relações entre o homem na língua, na cultura e na sociedade ao destacar que, embora o homem tenha a capacidade de simbolizar, o conhecimento da língua e da sociedade não é inato à capacidade humana. O homem desenvolve-se aos poucos, à medida que reconhece a si mesmo no mundo, seu nome e o nome dos objetos e, ao se tornar capaz de operações intelectuais mais complexas, integra-se na cultura que o rodeia.

Benveniste ([1963] 2005) entende por cultura o meio humano, tudo o que dá à vida humana forma, sentido e conteúdo e é, portanto, inerente à sociedade dos homens seja qual for o nível de civilização. A cultura é, assim, para ele, um conjunto muito complexo de representações, organizadas por um código de relações e de valores: tradições, leis, política, artes, enfim, um universo de símbolos integrados numa estrutura que a linguagem manifesta e transmite.

Pela língua o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma. Ora, assim como toda a língua, cada cultura emprega um aparato específico de símbolos pelo qual cada sociedade se identifica. A diversidade das línguas, a diversidade das culturas, as suas mudanças mostram a natureza convencional do símbolo que as articula. É definitivamente o símbolo que prende esse elo vivo entre o homem, a língua e a cultura (BENVENISTE, 2005, p. 32).

Já em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, Benveniste ([1970] 2006) examina mais a fundo as relações entre língua e sociedade. O linguista (2006, p. 93) introduz esse texto trazendo novamente a questão da intersubjetividade, constituída através da linguagem, como o elemento que assegura a formação da subjetividade: “A linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem. Consequentemente, a linguagem exige e pressupõe o outro.”

Para Benveniste ([1970] 2006), a linguagem e a sociedade devem ser estudadas em conjunto, uma vez que nasceram juntas. A sociedade só se sustenta pelo uso em comum de signos de comunicação. O linguista reflete acerca da evolução histórica da língua. Comenta que muitos estudiosos defendem que a língua e a sociedade evoluem de maneira independente, enquanto outros dizem que a língua é o espelho da sociedade. Na verdade, para ele, não se devem buscar entre essas duas entidades relações unívocas, uma vez que se trata de grandezas não-isomórficas, se tomarmos por base sua diferença estrutural.

Não se pode imaginar, conforme Benveniste ([1970] 2006), que tenha existido o começo da língua assim como não se pode referir o começo da sociedade. Nem uma nem outra podem ser mudadas conforme a vontade aleatória dos homens. O que o locutor que se apropria da língua é capaz de mudar são as designações que se multiplicam, que se substituem, mas não a essência da língua, o seu sistema fundamental. Assim também o homem modifica as instituições, mas nunca o princípio da sociedade.

A língua representa uma permanência na sociedade que está em constante mudança e, assim, ela constitui uma realidade em meio às diversidades individuais. E aí está a riqueza da língua, conforme Benveniste (2006, p. 97): “E daí procede a dupla natureza profundamente paradoxal da língua, ao mesmo tempo imanente ao indivíduo e transcendente à sociedade. Essa dualidade se reencontra em todas as propriedades da linguagem.”

A língua é posta como interpretante da sociedade, justamente por conter a sociedade. A sociedade está apta a mudar constantemente, mas ao interpretante cabe registrar e orientar as mudanças do interpretado. Se a língua é um instrumento de comunicação, ela é uma máquina

de produzir sentido, e, assim, segundo Benveniste ([1970] 2006, p.99): “Nada pode ser compreendido – é preciso se convencer disto – que não tenha sido reduzido à língua.” A língua pode, portanto, ser isolada, descrita, estudada sem se referir ao seu emprego no meio social e sem se referir a suas relações com as normas e com as representações sociais que formam a cultura.

A língua permite que seja feita a distinção entre indivíduo e sociedade: “Eu digo a língua em si mesma, sempre e necessariamente” (BENVENISTE [1970] 2006, p. 98). Quando posta em uso, é o que permite ao falante constituir-se na alteridade, como sujeito, na sociedade. Podemos ler em Benveniste ([1970] 2006, p.101):

Para cada falante o falar emana dele e retorna a ele, cada um se determina como sujeito com respeito ao outro ou a outros. Entretanto, e talvez por causa disto, a língua que é assim a emanção irredutível do eu mais profundo de cada indivíduo é ao mesmo tempo uma realidade supraindividual e coextensiva à toda a coletividade.

A língua pode acolher todas as mudanças produzidas pelo social, mas elas não agem sobre sua própria estrutura. A língua está, portanto, na condição de interpretante: como instrumento de comunicação está investida de propriedades semânticas, como uma máquina de produzir sentido; e, como interpretante, não deve mudar para permanecer capaz de registrar e orientar as mudanças do interpretado.

Benveniste, no mesmo texto, acentua a inclusão do falante em seu discurso, posicionando a pessoa como participante de uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação.

Podemos perceber que a subjetividade está na própria língua para Benveniste, como ressalta Ono (2007); e, também, na instância do discurso. Além disso, língua e linguagem estão diretamente ligadas à sociedade e à relação que os indivíduos que dela fazem parte estabelecem.

A língua é para Benveniste ([1970] 2006) a expressão de certos grupos especializados. Ao distinguir as noções que unem língua e sociedade, ressalta a língua como um sistema produtivo: produz sentido e enunciações que fazem da língua instrumento de significação no contexto comunicacional entre os indivíduos.

É preciso perceber a necessidade de ultrapassar a tradição de colocar língua e sociedade uma ao lado da outra. Benveniste acentua o estabelecimento de relações lógicas

entre língua e sociedade (sob a consideração de suas faculdades e de sua relação significantes) e funcionais (uma e outra são sistemas produtivos, cada qual segundo sua natureza).

Além disso, o linguista francês destaca o quanto o papel do homem na língua ainda precisa ser melhor desvelado e acrescenta que é pelo estudo da comunicação intersubjetiva na prática social que se compreende melhor a própria língua, (2006, p. 104):

É na prática social, comum no exercício da língua, nesta relação de comunicação inter-humana que os traços comuns de seu funcionamento deverão ser descobertos, pois o homem é ainda e cada vez mais um objeto para ser descoberto, na dupla natureza que a linguagem fundamenta e instaura nele.

Até aqui vimos que o locutor se apropria da língua e, através desse gesto, se constitui como sujeito, sendo a comunicação intersubjetiva a condição para a constituição de sua subjetividade.

Cabe-nos aprofundar como o sujeito é encarado em Benveniste. Estaria Benveniste propondo uma teoria do sujeito? Flores et al. (2008) questiona o leitor a respeito do sujeito que pode ser vislumbrado na obra benvenistiana e explicita o que a linguística da enunciação tem a dizer a respeito disso, uma vez que não se pode afirmar que ela faça uma “análise do sujeito”. Segundo Flores et al.(2008), o termo sujeito não aparece sozinho na literatura da área: acompanha locutor, enunciador, falante. Tais termos podem estabelecer relação de sinonímia ou de antagonismo. Em suma, o termo sujeito aparece em Benveniste com diferentes sentidos, de acordo com Flores et al. (2008).

Em *Estrutura das relações de pessoa do verbo* ([1946] 2005), notamos a menção a um sujeito relativo ao indivíduo que fala: “as formas são diversificadas ao extremo segundo o nível do sujeito e do interlocutor e variam segundo se fale a um superior, a um igual ou a um inferior” (BENVENISTE [1946] 2005, p. 248).

Em *A natureza dos pronomes* ([1956] 2005), fica claro que existe um locutor que se apropria, a cada instância do discurso, dos elementos da língua: “ a língua é atualizada por um locutor” (BENVENISTE [1956] 2005, p.277) e ainda: *eu* significa “a pessoa que enuncia a presente instância do discurso que contém eu” (BENVENISTE [1956] 2005, p.278). Nesse texto, conforme Flores et al. (2008), Benveniste propõe que, ao pronunciar *eu*, cada um dos locutores se propõe alternadamente como sujeito.

Em *Estrutura da língua e Estrutura da Sociedade* ([1968] 2006), já citado anteriormente, a especificidade do sujeito decorre da alternância com o falante: “Para cada

falante o falar emana dele e retorna a ele, cada um se determina como sujeito com respeito ao outro ou a outros” (BENVENISTE[1968] 2006, p. 101). Nesse texto, portanto, coloca o locutor em sua relação com o discurso, que se dirige a um interlocutor, em uma instância discursiva.

Em *O Aparelho formal da enunciação* ([1970] 2006), Benveniste ressalta que é o locutor que mobiliza a língua e que cada realização vocal da língua, ou seja, cada enunciação é um ato novo no discurso. Ressalta ainda que:

Na prática científica procura-se eliminar ou atenuar os traços individuais da enunciação fônica recorrendo a sujeitos diferentes e multiplicando os registros, de modo a obter uma imagem média de sons, distintos ou ligados. Mas cada um sabe que, para o mesmo sujeito, os mesmos sons não são jamais produzidos exatamente, e que a noção de identidade não é senão aproximativa mesmo quando a experiência é repetida em detalhe. Estas diferenças dizem respeito à diversidade das situações nas quais a enunciação é produzida ( BENVENISTE [1970]2006, p. 83).

Acentua também o locutor como o responsável por atribuir significação, como sujeito falante, que atribui sentido novo: “O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro das condições necessárias de enunciação. Antes da enunciação a língua não é senão possibilidade de língua” (BENVENISTE [1970]2006, p. 83).

Flores (2008) assinala a necessidade de ao tomar o sujeito em nosso campo recorrermos à exterioridade teórica para defini-lo, uma vez que a teoria benvenistiana não tem uma teoria do sujeito. O autor (2008) faz uma remissão a Claudine Normand enfatizando que ela esclarece que em Benveniste não há o sintagma *sujeito da enunciação* nem a evidência de que o linguista almejava a construção de uma teoria do sujeito.

Aqueles que afirmam que Benveniste apresenta uma teoria do sujeito, localizam em sua obra um sujeito egocêntrico, idealista, psicologizante. Há outros que, assim como Normand (2001), reconhecem a amplitude de suas ideias e veem nas reflexões do autor um potencial teórico-metodológico que ele mesmo não pode avaliar.

Flores (2008) acentua que a enunciação estuda as marcas do sujeito no enunciado e é absolutamente legítimo que se convoquem exteriores à linguística para produzir formas de abordar o sujeito na linguagem. Para o linguista brasileiro, em Benveniste, aquele que toma a palavra, ao se pronunciar, deixa suas marcas no enunciado, constituindo-se como sujeito na enunciação. São as marcas que o falante deixa no enunciado que nos permitem perceber que um sujeito advém.

Vimos que Benveniste não constrói uma teoria do sujeito, mas que a concepção de subjetividade e intersubjetividade nos permitem perceber que há um sujeito que advém pelas marcas que deixa no uso da língua. O homem como ser não só constituído na linguagem mas também constituído por ela, se apropria da língua como locutor e nos enunciados que profere a outrem deixa marcas que nos permitem investigar o sujeito que emerge de sua enunciação. Sabemos, também, que a comunicação intersubjetiva é condição para a constituição de sua subjetividade. Resta examinar como no *aqui-agora*, mobilizado pelo *eu-tu*, o referente, isto é, aquilo do que se fala, é (co-) construído.

### 2.1.3 A co-construção da referência

Ao longo do tempo, estudiosos de várias áreas têm abordado a temática da referência, desde filósofos até analistas do discurso.

Saussure, considerado o pai do estruturalismo, ainda que não tenha feito a citação do termo *estrutura* propriamente dito, no CLG, exclui o referente dos estudos linguísticos. A língua, para ele, é considerada um sistema de relações internas. O signo saussuriano “une não uma coisa a uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica” (SAUSSURE, 1977, p. 80), elementos chamados, respectivamente, de significado e significante. Sendo assim, a língua constitui-se como um sistema puramente diferencial e, portanto, não-representacionista: uma “coisa” é aquilo que a outra não é.

Benveniste ultrapassa o linguista genebrino, sem abandonar o princípio (CLG) de que os signos não se definem por sua relação com a realidade exterior. O linguista francês contempla a dimensão referencial da linguagem, remetendo-a à questão da subjetividade.

No âmbito dos estudos do discurso, em geral, não se toma a referência como um problema de representação no mundo, mas, conforme Mondada (2003), como resultante da interação entre interlocutores, construída de forma intersubjetiva pelos sujeitos no discurso.

Mondada e Dubois (2003) preferem chamar os referentes de objetos de discurso, vendo-os como construtos culturais, representações constantemente alimentadas pelas atividades linguísticas. Conforme as autoras, é mais adequado falar em referenciação do que em referente.

As categorias e objetos de discurso, para elas, são marcados pela instabilidade constitutiva, observável através de operações cognitivas ancoradas nas práticas, nas

negociações dentro da interação: “As categorias e objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos” (MONDADA e DUBOIS, 2003, p. 17).

As categorias linguísticas são instáveis, variáveis e flexíveis e estão sujeitas à apropriação daquele que, como sujeito falante, constrói o mundo e dá sentido a ele através da resignificação da linguagem a cada instância do discurso:

[...] analisaremos essas instabilidades como sendo inerentes aos objetos de discurso e às práticas, e como estando ligadas às propriedades intersubjetivamente negociadas das denominações e categorizações no processo de referenciação: estas últimas não são mais consideradas como algo que estabiliza uma ligação direta com o mundo, mas como processos que se desenvolvem no seio das interações individuais e sociais com o mundo e com os outros, e por meio de mediações semióticas complexas.” (MONDADA e DUBOIS, 2003, p. 22)

Szinvelski (2008, p.35) salienta que a perspectiva sociocognitiva de Mondada, Dubois, Apothéloz, entre outros, tem contribuído bastante para o desenvolvimento de uma perspectiva discursiva de estudo da referenciação.

A exemplo da autora (2008), reconhecemos a importância dos estudos feitos na perspectiva sociointeracionista, mas, coerentes com nosso referencial teórico, concebemos a referência - buscando desenvolver indicações presentes na teoria de Benveniste (2005, 2006), que trata desse tema, excluído dos estudos linguísticos de base estruturalista, de modo bastante particular- como referência ao sujeito e não ao mundo, como observam Flores e Teixeira (2005).

Para tanto, trazemos, em primeiro lugar, a reflexão apresentada em *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da lingüística* ([1963] 2005) em que o autor deixa claro como se deve entender a relação linguagem e realidade no âmbito dos estudos enunciativos:

A linguagem reproduz a realidade. Isso deve entender-se da maneira mais literal: a realidade é reproduzida novamente por intermédio da linguagem. Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a experiência do acontecimento. Aquele que ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso o acontecimento reproduzido. Assim a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato do discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva (BENVENISTE, [1963] 2005, p.26).

No trecho citado, há afirmações que poderiam soar estranhas à perspectiva que queremos defender: “A linguagem reproduz a realidade” e “a realidade é reproduzida novamente por intermédio da linguagem.” É importante esclarecer que Benveniste não utiliza “reprodução” em outro sentido a não ser o de produzir novamente.

Para ele, indivíduo e sociedade não são mais termos contraditórios, mas complementares. “A sociedade não é possível a não ser pela língua; e, pela língua, também o indivíduo.” (BENVENISTE [1963]2005, p.27).

A linguagem<sup>12</sup> é, como já abordamos anteriormente, para Benveniste, a mais alta forma da faculdade de simbolizar, que é inerente à condição humana. O linguista amplia o entendimento dessa faculdade ao acentuar que se trata de “*representar* o real por um ‘signo’ e de compreender o ‘signo’ como representante do real, de estabelecer, pois, uma relação de ‘significação’ entre algo e algo diferente.” (BENVENISTE [1963] 2005, p. 27)

Ele acentua que a faculdade simbólica está na base das funções conceptuais. O pensamento não é nada mais do que, segundo Benveniste ([1963]2005), esse poder de construir representações das coisas e de operar por essas representações. O universo de símbolos criados pela linguagem é que estabelece esse elo vivo entre o homem, a língua e a cultura.

Essa reflexão feita pelo linguista fundamenta, nesta pesquisa, a investigação de como a realidade é (*re*)-*produzida* pelo jovem diante do sujeito que com ele se constitui na comunicação intersubjetiva. Essa referência só pode ser construída no ato enunciativo, como podemos perceber na sequência da obra benvenistiana.

Em *O aparelho formal da enunciação*, texto de 1970, Benveniste integra a referência à enunciação. O autor (2006) entende que a língua se acha empregada para expressar uma certa relação com o mundo, mas essa relação é mediada pelo sujeito. Nessa perspectiva, o referente é, então, o objeto particular a que a palavra corresponde na circunstância concreta de uso da língua.

Para Flores e Teixeira (2005), Benveniste utiliza a noção de referência para estabelecer o valor semântico daquilo que se chama frase – que poderia também ser chamada de enunciado. O linguista pontua que se o sentido da frase é a ideia que ela exprime, a referência da frase é o estado de coisas que a provoca, que nós não podemos prever nem fixar.

Nesse mesmo texto, podemos destacar, também, que, para Benveniste, se apropriar da língua é atribuir referência ([1970] 2006, p. 84):

---

<sup>12</sup> Neste texto, Benveniste não faz uma distinção rigorosa no uso de *língua* e *linguagem*. Em alguns momentos, temos *língua* no lugar de *linguagem* e vice-versa.

Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de apropriação. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, do outro.

Benveniste ([1970] 2006, p. 84) esclarece, também, que toda a enunciação postula um alocutário e é no discurso que se constitui a referência:

A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um colocutor. A referência é parte integrante da enunciação.

Conforme acentua Barros (2008), é no *Aparelho formal da enunciação* (1970), que a referência passa a ser vista como integrante da língua em sua totalidade, indicando que, ao serem proclamados pelo sujeito, signos plenos e vazios estão submetidos ao centro enunciativo do discurso e permitem que o sujeito estabeleça referência. Essa referência trazida por Benveniste não é, como já vimos, ao mundo, mas é mediada pelo sujeito. Nessa perspectiva, o referente é, então, o objeto particular a que a palavra corresponde na circunstância concreta de uso da língua. A esse respeito, Barros (2008, p.67) afirma: “A referência, portanto, provém de um sujeito cultural e socialmente situado diante de outro sujeito que, por sua vez, irá co-referir desde sua posição social e de sua inserção em uma dada cultura”.

Eu é o indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância lingüística eu; [...] tu é o indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância lingüística tu (BENVENISTE, 2005, p. 279). [...] ele predica o processo de não importa quem ou não importa o que, exceto a própria instância podendo sempre esse não importa quem não importa o que ser munido de uma referência objetiva (BENVENISTE, 2005 p. 282).

Como os atos de linguagem estão relacionados ao “eu”, em sentido amplo, “toda a língua é dêitica”, como afirmam Flores e Teixeira<sup>13</sup> (2005, p. 42), “na medida em que necessita ser referida a quem a enuncia para ter sentido”, os fenômenos lingüísticos precisam

<sup>13</sup> Os autores acentuam que o sentido da dêixis é constituído na relação com o *eu*.

ser analisados a partir da centralidade do “eu”. É desse modo que nos propomos a olhar a referência neste trabalho.

Essa questão é também trazida em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, quando Benveniste ([1970] 2006) acentua que o estado da sociedade numa época dada não se reflete nas designações de que ela faz uso, uma vez que as designações podem muitas vezes subsistir quando os referentes, as realidades designadas já mudaram, e ressalta:

O que se chama de polissemia resulta desta capacidade que a língua possui de *subsumir* em um termo constante uma variedade de tipos e em seguida admitir a variação da referência na estabilidade da significação (BENVENISTE, 1989, p. 100).

Enfim, para Benveniste, a oposição “eu-tu” /”ele” efetua a operação de referência e fundamenta a possibilidade do discurso a respeito do mundo e esse é o fundamento sobre o qual repousa o duplo sistema relacional da língua. A referência, portanto, é tomada como uma construção intersubjetiva: “é a inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação.” (BENVENISTE [1970] 2006, p. 101)

Benveniste, portanto, conforme Flores et al. (2009), relaciona a noção de referência às características do uso do pronome *eu*. Tendo em vista que esse pronome tem um significado diferente a cada vez que é empregado pelo locutor, a referência é definida pela situação de discurso que envolve a unidade linguística considerada. Segundo os autores, a situação de discurso que define a referência é constituída pela relação entre locutor, alocutário, objeto de alocução e instâncias de tempo e lugar de uma determinada enunciação. Para Benveniste, em resumo, a referência define-se como “significação singular e irreptível da língua cuja interpretação realiza-se a cada instância do discurso contendo um locutor.” (FLORES et al., 2009, p.197).

Haag e Teixeira (2009), com base em Benveniste, fazem uma distinção entre *referenciação* e o que chamam de *construção enunciativa de referentes*. A primeira é a que se dá através de grupos nominais e, no discurso, forma cadeias referenciais constituídas de expressões nominais, nomes próprios e pronomes. Diz respeito, portanto, ao conjunto de operações por meio das quais o locutor faz referência a objetos mais ou menos definidos. Já a noção de construção enunciativa de referentes “*consiste no emprego de variados recursos*

*linguísticos, de natureza plástica, no sentido de gerar representações (inter-)subjettivas de objetos discursivos, ligadas à situação de enunciação”* (HAAG e TEIXEIRA, 2009, p. 8).

Na visão dos autores (2009), a *não-pessoa* benvenistiana é essencialmente (inter-)subjettiva, pois à medida que o locutor toma a palavra, pronunciando-se eu, supõe sempre um interlocutor, tu; e, ao falar sobre o mundo (ele), esse locutor deixa transparecer algo de si de alguma forma. Destacam, ainda, que a *não-pessoa* é, portanto, co-construída e integra o quadro da enunciação. No aqui-agora em que se fala, a referência à *não-pessoa* permite (des-)velar algo do sujeito, pois retorna a ele:

Nesse sentido, a referência à *não-pessoa* retorna ao sujeito que a constrói,(des)velando algo desse sujeito: suas crenças, seus gostos, hábitos, enfim, algo de sua subjetividade. Entretanto, vale sublinhar, essa subjetividade é (re-)velada enquanto *inter-subjetividade*, pois aquela apenas tem existência na possibilidade de relação com o outro (HAAG e TEIXEIRA, 2009, p. 8).

Haag e Teixeira (2009) fazem questão de evidenciar que a subjetividade não é apenas marcada nos paradigmas da categoria de pessoa e de *não-pessoa*, mas sim por toda a língua na instância do discurso. Assim, a referência é feita também por toda a língua e não apenas através das expressões nominais, como comumente observamos nos estudos linguísticos. É possível, portanto, que o referente seja co-construído sem que sejam mencionadas expressões nominais propriamente ditas.

Essa abordagem trazida pelos autores toma por parâmetro o que é postulado por Benveniste a respeito de signo, semântica e linguagem ao longo de sua obra. O linguista apóia-se em Saussure para propor uma ultrapassagem que nos permite buscar a realização de uma análise que dialogue com o social.

Benveniste ([1967] 2006) em *A forma e o sentido da linguagem* recupera que Saussure abriu caminho para a descrição das unidades semióticas, que devem ser caracterizadas pelo duplo ponto de vista da forma e do sentido, já que o signo se apresenta como significante e significado.

Em *Estruturalismo e Linguística* ([1968] 2006, p.21), quando questionado, explicita que o nível semiótico deve ser reconhecido como tendo ou não um sentido, enquanto o nível semântico diz respeito ao sentido resultante do encadeamento e, por isso, é imprevisível:

A semântica é o “sentido” resultante do encadeamento, da apropriação pela circunstância e da adaptação dos diferentes signos entre eles. Isto é absolutamente imprevisível. É a abertura para o mundo. Enquanto que o semiótico é o sentido fechado sobre si mesmo e contido de algum modo em si mesmo.

Em *Semiologia da língua*, o linguista faz questionamentos bastante pertinentes para o que almejamos construir. Começa por perguntar qual é o lugar da língua entre os sistemas de signos. Nesse texto, postula dois níveis através dos quais a língua tem existência. Vincula-se a Saussure, ao chamar de semiótico o nível da *langue*. Esse é o nível da língua que corresponde ao sistema de significação, em que cada signo é aquilo que os outros não são. Um signo adquire significado na relação que estabelece com os demais signos. Uma vez que a língua é virtualidade não há, como já foi proposto por Saussure, lugar para a referência. Benveniste transpõe essa abordagem ao propor um segundo nível para a língua, em que ela se atualiza. Assim ao se apropriar da língua, o enunciador a atualiza.

O privilégio da língua é comportar a significância dos signos e a significância da enunciação. Daí provém seu poder maior, o de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância. É nesta faculdade metalingüística que encontramos a origem da relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 66).

Conforme Benveniste, neste mesmo texto, no domínio semiótico, a teoria do signo linguístico serve de base à pesquisa, mas o domínio semântico deve ser reconhecido como separado, uma vez que ele precisará de um aparelho novo de conceitos e definições.

Fica claro, portanto, em Benveniste, que é impossível ficarmos fechados ao universo do signo, é preciso transpor esse universo e estabelecer uma nova dimensão de significância que abarque a significação do signo em seu contexto de enunciação. Assim, Benveniste ([1970] 2006, p. 67) abre para a interlocução com outras áreas e para perceber o que emerge do sujeito ao co-construir a referência no discurso, ao propor uma translingüística, que se constituirá a partir da semântica da enunciação:

-na análise intralingüística, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que denominamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo e que será semiótica;

-na análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação.

Essa abertura que Benveniste sugere ao propor a construção de uma translinguística é que será o nosso apoio para levarmos adiante o objetivo de reconhecer, através dos estudos enunciativos, que representações os jovens fazem do trabalho realizado no grupo Onda.

A exemplo de Barros (2008), selecionamos a metassemântica como recurso analítico para constituir o aparato metodológico deste estudo. É através dessa construção que almejamos explicar a estrutura enunciativa por uma análise translinguística, sugerida por Benveniste em *Semiologia da língua*. Sabemos que o próprio linguista não formulou esse tipo de análise.

Apresentamos a seguir o campo psicanalítico de estudos que propiciam uma interlocução com a teoria de Benveniste. O próprio autor sugere a necessidade de interlocução, afirma que a linguística não pode dar conta de tudo e que o diálogo com outras áreas pode permitir que o objeto multifacetado seja melhor observado.

### 3 DO CAMPO DOS ESTUDOS PSICANALÍTICOS SOBRE A ADOLESCÊNCIA

Contaremos com o aporte de estudos elaborados por psicanalistas que estudam o sintoma social. O recurso ao instrumental psicanalítico circunscreve-se à compreensão dos impasses que a sociedade contemporânea vem apresentando ao sujeito, e, nesse contexto, como está situada a problemática da adolescência.

#### 3.1 PANORAMA DA CONTEMPORANEIDADE

*Nossa nova sociedade seria a de uma perversão generalizada? Perversão atéia e, então, benigna, diríamos, já que ela se dispensa de interpelar e de ter necessidade de Deus. Mas ela deixa aberta a questão de saber se a festa permanente para a qual fomos convidados é suscetível de nos curar do sintoma (Melman, 2003, p. 197).*

Como já abordamos na introdução, o quadro social tem sido foco da reflexão de diversos estudiosos. A crise assola os mais diversos campos: político, econômico, político e ambiental. Há novas configurações familiares que provocam alteração no comportamento dos indivíduos desde a vida materna até o seio da vida social. A crise nas instituições socializadoras tem provocado o desamparo dos adolescentes, em busca dos próprios ideais e de uma orientação a seguir.

Melman (2003, p. 9 e 10) reflete acerca das transformações sociais tão aceleradas que geram uma crise que acaba por provocar o desequilíbrio no que diz respeito às referências:

Ninguém contestará que estamos, hoje, diante de uma *crise de referências*. Seja qual for a pertinência dessa expressão, a tarefa de pensar o mundo em que vivemos se impõe, então, mais do que nunca. As transformações de nossas sociedades, subseqüentes à conjunção do desenvolvimento das tecnociências, da evolução da democracia e do crescimento do liberalismo econômico, nos obrigam a interrogar a maioria das nossas certezas de ontem [...]

Dufour (2005, p. 23) levanta uma série de aspectos que assolam a sociedade e contribuem para a produção de um sujeito esquizóide, fruto da pós-modernidade:

Ter-se-á compreendido, levanto a hipótese de que uma mutação histórica na condição humana está se completando diante de nossos olhos, nas nossas sociedades. Essa mutação não é uma simples hipótese teórica; ao contrário, ela me parece identificável através de todo um cortejo de acontecimentos, nem sempre bem circunscritos, que afetam as populações dos países desenvolvidos. Todos já ouviram falar desses acontecimentos: domínios de mercado, dificuldades de subjetivação e socialização, toxicomania, multiplicação das passagens ao ato, aparecimento do que se chama corretamente ou não, “os novos sintomas”, explosão da delinqüência em porções não negligenciáveis da população jovem, nova violência e novas formas sacrificiais...

Todos esses “sintomas” apontados por Dufour, que produzem um sujeito que sofre com o desamparo, são reiterados por Melman (2003, p.16) ao expressar a crise vivenciada pelos indivíduos atualmente diante do progresso:

O progresso considerável é ter efetivamente considerado o fato de que o céu está vazio, tanto de Deus quanto de ideologias, de promessas, de referências, de prescrições, e que os indivíduos têm que se determinar por eles mesmos, singular e coletivamente.

Lebrun (2008, p. 60), em busca de esclarecer o que está em jogo quando nos vinculamos ao social, ou em suas palavras, “como os sujeitos se amarram na pós-modernidade”, enfatiza que “nesse laço social cada um pode e deve mesmo se pensar autônomo, liberado de qualquer dívida em relação ao transcendental, em que a perda necessária para fundar o coletivo não está mais colocada, em todo caso, não é mais claramente visível...”.

Deixamos de lado o transcendente, mas adquirimos uma liberdade que rompeu com uma grande confusão: “estar liberado da forma como o constrangimento era presentificado ontem pode ser tomado como estar liberado de qualquer constrangimento” (LEBRUN, 2008, p.44).

Para ele, a falta de disciplina, de limites, confere ao sujeito o negligenciamento ao cumprimento da lei, isto é, daquilo que torna a convivência na sociedade estruturada. Para Lebrun (2008) tudo, hoje em dia, tem o traço da falta inscrita na condição humana, no

entanto, a sociedade busca o politicamente correto, instituindo uma atmosfera que aparentemente busca uma filiação às normas:

[...] a atmosfera atual prescreve o igualitarismo, a simetria dos lugares, a reciprocidade dos direitos, a parentalidade, em outros termos, um parentesco liberado da diferença dos sexos, da alternância da guarda das crianças em caso de separação ou de divórcio dos pais, da igualdade dos gêneros, da equivalência das gerações, etc (LEBRUN, 2008, p. 61).

De acordo com Lebrun (2008), é justamente a família, seio em que o indivíduo se desenvolve, que é capaz de oferecer sustentação simbólica necessária e continua: “[...] nesse conflito, as possibilidades, que sejam o trabalho da cultura e a elaboração psíquica que vençam, são diretamente proporcionais à ajuda que a criança terá podido encontrar em sua família ou em seu primeiro ambiente” (LEBRUN, 2008, p. 37).

Se a família e a sociedade não oferecem suporte à criança ou ao adolescente, ele(a) encontra-se convidado(a) a recusar o trabalho de subjetivação ao não ser mais forçado a se inscrever no laço social. A esse respeito, Lebrun (2008, p. 48) oferece questionamentos bem pertinentes: “E com seus filhos como oferecerá suporte se a ele não foi oferecido?” e, ainda: “os efeitos da crise de legitimidade, que evocamos, poderiam atingir a construção da subjetividade?” (LEBRUN, 2008, p. 50).

Nessa linha de raciocínio, Douville (2004) convida-nos a perceber a sociedade em um momento de necessidade de remanejamento identitário, em que é um desafio para os indivíduos subjetivar-se à medida que se vinculam ao social.

Diante disso, o jovem necessita de uma palavra de autoridade, que possa oferecer-lhe algum tipo de orientação a seguir. Mas, muitas vezes, depara-se com a fragilidade das instituições socializadoras, uma vez que, conforme Melman (2003, p. 29), a sociedade nunca conheceu uma expressão tão livre do desejo e, ao mesmo tempo, nunca pensou tão pouco!

Ressaltamos ainda, conforme Dufour (2005), que o sujeito, diante da crise da sociedade atual, aparece sob uma modalidade diferente quando se leva em conta as gerações precedentes. Ele salienta o declínio de instituições que sustentem o sujeito:

A condição subjetiva também está submetida à historicidade e provavelmente acabamos de atravessar, a esse respeito, um limite importante, ao qual as grandes instituições (políticas, educativas, de saúde física e mental, de justiça...) são particularmente sensíveis (DUFOUR, 2005, p. 24).

Essas instituições que deveriam suprir a falta do Pai não oferecem suporte suficiente para que o indivíduo possa se sustentar. O declínio da função paterna<sup>14</sup>, expresso por Melman (2003), diz respeito ao fato de aquele que deveria favorecer a constituição simbólica da criança e do jovem (função que pode ser exercida por outrem que permita a instauração do limite) está em crise, não detém mais a autoridade, a função de referência: “Ele está só e tudo convida, de qualquer modo, a renunciar a sua função e simplesmente participar da festa. A figura do pai se tornou anacrônica” (MELMAN, 2003, p. 34).

Para reafirmar seu posicionamento, Melman (2003, p. 141) enfatiza: “Lidamos com a perda da gravidade, com a sociedade que não se sustenta mais na autoridade do pai. Vivenciamos, portanto, uma libertinagem massificada.”

Kaufmann (1996, p.334) registra “a explicação da função paterna como instauradora da lei simbólica, por uma escrita significante fundada na escrita da metáfora”. Com base em Lacan, esclarece que a metáfora paterna é constitutiva do sujeito, metáfora esta que, tendo em vista a atual configuração da sociedade, pode ser tomada também como materna, ou seja, o sujeito necessita de um outro (pai ou mãe ou outro familiar ou responsável em primeira instância) que o situe enquanto pessoa. Segundo Kaufmann (1996), Lacan considera que a criança não tem que recriar todo mundo simbólico, uma vez que nasce no mundo da linguagem. O pai vem, portanto, triangular a relação entre a mãe e o filho.

Lebrun (2008) salienta a necessidade de o adolescente e a criança encontrar um outro que extrapole os laços familiares para constituir sua “amarração” no social: “É por isso que a criança – o futuro sujeito – deveria poder contar com o apoio de um outro, diferente do primeiro Outro, com um pai, com um outro diferente da mãe, para autorizá-lo a se descolar, com vôo próprio e que assim possa se distanciar do que é dito dele” (LEBRUN, 2008, p. 27).

Para Lebrun, o terceiro é “o que cria um vínculo na relação entre dois interlocutores [...] o que permite avançar, o que introduz o simbólico, o que representa a Lei; é simplesmente a posição do pai entre a mãe e a criança” (LEBRUN, 2008, p.65).

Dufour (2005) acentua que expressar a “perda de referências nos jovens”, nas condições da sociedade atual, é algo relevante e o contrário disso é que seria espantoso, uma vez que os jovens só podem estar perdidos tendo em vista que experimentam uma nova condição subjetiva.

Nosso intuito é investigar se o trabalho com grupo de jovens pode ser uma maneira de facilitar a inscrição do jovem no social, identificado com o outro e, ao mesmo tempo,

---

<sup>14</sup> A função paterna é entendida por Lacan como uma função simbólica, e justamente por isso é possível utilizá-la por meio de uma metáfora.

encontrando para si próprio um ponto de apoio. A partir das representações da atuação no grupo de jovens que os sujeitos constroem em sua relação com os demais imaginamos poder observar de que forma o grupo interfere no processo de subjetivação dos indivíduos que dele participam.

Nosso próximo passo será, portanto, pensar a adolescência e aspectos fundamentais desse momento de passagem dos jovens, especialmente no que se refere à inscrição dos sujeitos no convívio social através do grupo, reflexão que sustentará um dos pilares de nossa pesquisa. Essa discussão, cujo resultado produz uma interface fundamental para nos situarmos mais tarde nos estudos enunciativos, é focalizada no próximo item e conta com embasamento de psicanalistas, como Jean- Jacques Rassial, Maurício Knobel, Ricardo Rodolfo, Olivier Douville, Maria Rita Kehl, dentre outros.

As reflexões psicanalíticas trazidas nesta pesquisa nos auxiliam na compreensão da caracterização do adolescente participante da pesquisa e de como se situa diante de seus pares e do social. Permite uma interlocução com a teoria da enunciação de Émile Benveniste, no que diz respeito ao que o linguista sustenta a respeito do sujeito e de sua relação com língua e sociedade, formando um construto teórico adequado para embasarmos nosso quadro metodológico para a análise. Benveniste é considerado um linguista dedicado a descrições de fatos de língua que, embora ampliadas em seu escopo, ainda se situam num âmbito intralinguístico. Nossa tentativa será a de seguir a trilha que vem sendo aberta por alguns estudiosos da obra do autor, no sentido de expandir a compreensão do que ele propõe, no final de “Semiologia da língua” (1969), como translinguística, como já mencionamos anteriormente.

Fiquemos, agora, atentos à discussão acerca de aspectos norteadores referentes à adolescência e suas repercussões quanto à inscrição dos jovens no seio da sociedade.

### 3.2 A ADOLESCÊNCIA E O FENÔMENO GRUPAL

*Nossos adolescentes amam, estudam, brigam, trabalham. Batalham com seus corpos que se esticam e se transformam. Lidam com as dificuldades de crescer no quadro complicado da família moderna. Como se diz hoje, eles se procuram e eventualmente se acham (CALLIGARIS, 2000, p.9).*

A adolescência tem sido a temática de muitas discussões realizadas por diversos estudiosos, dentre eles psicólogos, psicanalistas, terapeutas, além de filósofos e interessados em realizar uma pesquisa que abarque esse momento de passagem à vida adulta. Rassial afirma que (1999, p. 68) “[...] a adolescência de hoje é um testemunho direto, imediato e o mais simples, do mal-estar na civilização, mal-estar de que o sujeito moderno é necessariamente vítima.” Por que o adolescente é apontado como testemunha do mal-estar da sociedade moderna? Como é viver a adolescência hoje, com todos os desamparos e desafios de nossa civilização?

Abordar a adolescência, tendo em vista a complexidade e extensão do tema, consiste em levar em conta um conjunto de fatores que compreendem bem mais do que as condições físicas ou de faixa etária do indivíduo. A compreensão desses fatores ou aspectos que caracterizam a passagem da adolescência é fundamental para entender o jovem no contexto social.

Nesse momento, portanto, servimo-nos mais uma vez da possibilidade de diálogo com a psicanálise para aprofundar melhor essa temática, tendo em vista o terreno fecundo que essa discussão vem encontrando ao longo dos tempos dentro dos estudos psicanalíticos. As reflexões produzidas nesta área são muito adequadas à nossa pesquisa tendo em vista que não só compreendem o adolescente em si, mas sua relação com os demais sujeitos e o estabelecimento de vínculo social.

De acordo com Calligaris (2000), o adolescente é visto pelos pais, em geral, como uma “criatura” que causa muitos embates e polêmicas, sustentada pela imaginação de todos, um mito que vingou após a Segunda Guerra Mundial, objeto de admiração e ojeriza.

Procuramos, a seguir, traçar um percurso que nos permita refletir acerca da constituição do adolescente. Afinal, como é ser adolescente para si e para os outros? Há diferença entre sê-lo diante dos adultos e de seus pares? Como são as relações que permitem ao adolescente criar vínculos a fim de integrar-se ao social, encontrando suporte adequado para seus desejos e desamparos?

Por fim, tocamos mais veementemente no enlaçamento sustentado pela participação no grupo: o papel do grupo na adolescência e nas reflexões que a relação com seus semelhantes pode proporcionar a fim de melhor compreender o adolescente diante do *nós* do qual faz parte e no qual se integra. Buscamos compreender a função desse vínculo criado para a estruturação do indivíduo. A partir daí, observamos se, de alguma maneira, há possibilidade

de encontrar suporte no grupo de jovens<sup>15</sup> e por que os adolescentes o buscam. A questão que levantamos é se o grupo de jovens, onde nosso estudo acontece, pode ser apontado como um lugar onde o vínculo com outros jovens e a figura do coordenador do grupo e, ainda, a possibilidade de atuar como um líder diante de outros jovens pode constituir um lugar em que o jovem toma outras figuras de autoridade e portanto estrutura-se socialmente.

É preciso conhecer que elementos são norteadores desse momento na vida dos indivíduos, que chamamos, de acordo com Rassial (1999), de *condição de passagem*. O psicanalista considera que a adolescência se constitui como uma passagem, como um processo. Ele se opõe à visão de que se trata de um período determinado da vida, correspondente a uma faixa etária específica.

Conforme Calligaris (2000), o adolescente se constitui como um sujeito capaz, que é treinado pela escola, pelos pais e pela mídia para se enquadrar nos ideais de uma comunidade e que, apesar de seu corpo e seu espírito estarem prontos para a competição, não tem o reconhecimento do adulto. Podemos pensar, portanto, que a passagem para a vida adulta constitui um desafio ou até mesmo um enigma:

A adolescência não é só uma moratória mal justificada, contradizendo valores cruciais como o ideal de autonomia. Para o adolescente, ela não é só uma sofrida privação de reconhecimento e independência, misteriosamente idealizada pelos adultos. É também um tempo de transição, cuja duração é misteriosa (CALLIGARIS, 2000, p.18).

Calligaris (2000) destaca, ainda, que o adolescente é alguém cujos sentimentos e comportamentos são reativos a uma moratória injusta; que tem a missão de ser feliz diante da idealização dos adultos e que desconhece quando e como proceder para sair da adolescência. Segundo Matheus (2002, p.15), a adolescência é um fenômeno preocupante para a sociedade, uma vez que o adolescente apresenta uma dificuldade simbólica de projetar-se para o futuro e fazer planos.

Knobel (1983), em estudos anteriores, acerca da normalidade e da patologia na adolescência, já traz que essa *condição de passagem* não pode ser estudada só como uma característica social determinada, pois isso seria realizar uma abstração parcial de todo um processo humano. De acordo com o autor,

---

<sup>15</sup> Essa reflexão só é possível quando da realização da análise.

[...] devemos em parte considerar a adolescência como um fenômeno específico dentro de toda a história de desenvolvimento do ser humano, e, por outro lado, estudar a sua expressão circunstancial de caráter geográfico e temporal histórico-social. (KNOBEL, 1983, p. 24)

Aberastury e Knobel (1985) apresentam aspectos da adolescência relativos a algumas mudanças pelas quais passam os sujeitos nesse momento de passagem:

1. Físicas – puberdade, processo biológico que leva à maturidade orgânica.
2. Psicológicas – elaboração de perdas, lutos:
  - a) A perda do corpo infantil: o jovem precisa lidar com sua nova imagem corporal, seu corpo vai se tornando adulto, mas sua mente ainda está na infância. É o chamado *fenômeno de despersonalização* (KNOBEL, 1983, p. 81).
  - b) A perda dos pais da infância: os pais deixam de ser vistos como ideais, fato que produz um processo gradual de afastamento, de independência e de busca por um novo grupo que garanta este processo subjetivo. Para isso, o adolescente refugia-se em si mesmo, num processo de meditação, análise e elaboração que o impele a idealizar professores, ídolos famosos e amigos.
  - c) A perda da identidade e papel sociofamiliar infantil: precisa descobrir seu novo papel na família e em seu ambiente, uma vez que não pode mais manter a dependência infantil, mas também não pode assumir a independência adulta. É o chamado *fracasso de despersonalização* (KNOBEL, 1983, p. 82). Esse momento se reflete na postura irresponsável assumida pelo adolescente, já que ele não é nem uma coisa nem outra. Aparece também na instabilidade afetiva que figura entre crises passionais e arroubos de indiferença. Enfim, essa confusão de identidade leva-o a buscar estabilidade nos grupos, fazendo com que o funcionamento de seu pensamento adquira características grupais.
3. Cognitivas – referem-se ao aprendizado, pensamento e comportamento.

Para caracterizar a síndrome normal da adolescência, Knobel (1983) a sintetiza descrevendo a sintomatologia que integra essa “síndrome”. Dentre os fatores apontados por ele destacamos os quatro primeiros:

1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso (KNOBEL, 1983, p.29).

Não pretendemos entrar em especificações relacionadas à construção da identidade, pois para isso seria necessário adentrar em um campo bem mais vasto de estudos. Não se pode, no entanto, deixar de salientar que o adolescente, na busca de identidade, conforme assegura Knobel (1983), recorre a diversas situações, entre elas a busca pela semelhança com seus pares, que proporciona segurança e estima pessoal: “Ocorre aqui o processo de dupla identificação em massa, onde todos se identificam com cada um, e que explica, pelo menos em parte, o processo grupal do qual participa o adolescente” (Knobel, 1983, p. 32).

A busca por essa identificação, ressaltada pelo autor, é fundamental para compreendermos o aspecto da tendência grupal. Conforme o psicanalista, a vivência e convivência no grupo são fundamentais para o adolescente, uma vez que permitem a ele, através do encontro com seus pares, exercer a passagem para a fase adulta. Além disso, é no grupo que o jovem pode exercer liderança:

Dessa maneira, o fenômeno grupal adquire uma importância transcendental, já que se transfere ao grupo grande parte da dependência que anteriormente se mantinha com a estrutura familiar e com os pais especialmente. O grupo constitui assim a transição necessária no mundo externo para alcançar a individualização adulta. O grupo resulta útil para as dissociações, projeções e identificações que seguem ocorrendo no indivíduo, mas com características que diferem das infantis. Depois de passar pela experiência grupal, o indivíduo poderá começar a separar-se da turma e assumir a sua identidade adulta (KNOBEL, 1983, p.37).

Essa necessidade de, diante de seus pares e na identificação com eles, desenvolver a capacidade de se tornar independente da relação com os pais que ainda exercem grande dominação na vida do indivíduo, é comum e faz parte do rito de passagem. É no grupo que a liderança aparece como uma forma de exercer o papel dos pais. Além disso, é também o grupo uma maneira de não só exercer liderança, mas, especialmente, buscar um líder em quem encontrar suporte: “É por isso que no fenômeno grupal o adolescente procura um líder ao qual submeter-se e, ou então, erige-se ele mesmo em líder para exercer o poder do pai ou da mãe” (KNOBEL, 1983, p. 37).

O indivíduo sente que estão ocorrendo mudanças. Muitas delas, conforme Knobel (1983), fogem de sua alçada, ou melhor, nem sempre ele pode participar de modo ativo de

todas elas. O grupo nesse momento é, portanto, muito importante à medida que vem solucionar grande parte dos conflitos. Podemos pensar a partir disso que o adolescente encontra no grupo algum tipo de sustentação, tendo em vista que os jovens muitas vezes têm atitudes que implicam uma certa dependência dos adultos, mas que neste momento fazem o papel de dar limite e repreender comportamentos, o que provoca no jovem o desejo de se distanciar da família.

Matheus ( 2002, p. 19) esclarece que o distanciamento das figuras parentais leva o sujeito a se deparar com outras figuras de autoridade. Na adolescência, segundo o autor, a busca por autonomia se intensifica e os indivíduos, premidos por uma condição de desamparo, procuram orientação na imagem do líder.

Rodulfo (1999) discorre a respeito da inscrição ou escrita do *nós* na adolescência. O autor introduz o *nós* muito além do vínculo relacional na adolescência, mas como uma inscrição simbólica primordial dentro da passagem adolescente. O *nós* é proposto como um agente de subjetivação, que inscreve uma nova ordem simbólica, uma vez que se constitui fora do laço familiar.

Rodulfo (1999) destaca que é nos pares que o adolescente encontra identificação e que é na dimensão do *nós* que se reconhece enquanto sujeito com o outro e para o outro. À medida que se identifica, o indivíduo, nesse processo, percebe que pode estar com o outro, se diferenciar dele e não necessariamente se opor a ele. Podemos pensar, a partir dessa proposição do autor, que o *nós* inaugura, de fato, uma nova categoria para o indivíduo que nele se vincula:

Entre outras coisas, porque, no adolescente, a questão de ser reconhecido por seus pares, é fundamental e possui um componente infra-estrutural e não meramente superestrutural. Deve-se fazer, então, desempenhar seu papel esta categoria de ser reconhecido pelos pares. Mas, além disto, o que destaco em *nós* é que no *nós* há uma dimensão de ser com, de ser reconhecendo a alteridade do outro [...] (RODULFO, 1999, p. 279).

Calligaris (2000) afirma que justamente por existir o espelho em relação ao outro é que o adolescente se reconhece e percebe as alterações em seu próprio corpo. O refletir sobre como os outros o veem e o que veem nele é característico do momento vivido, uma vez que vê o que imagina que os outros veem nele:

Entre criança e o adulto que ainda não chega, o espelho do adolescente é frequentemente vazio. Podemos entender então como essa época da vida pode ser campeã em fragilidade de auto-estima, depressão e tentativas de suicídio (CALLIGARIS, 2000, p. 25).

Não é à toa que o psicanalista ressalta que a marginalidade e a delinquência estão cada vez mais em altas na contemporaneidade, como já mencionamos no capítulo precedente. Essas questões são prova de um sonho adulto bem presente e bem reprimido:

Quanto mais o adulto tenta se constituir como autoridade moral, tanto mais se qualifica como hipócrita, porque a cultura (e ele junto com ela) promove como ideal aquele que faz exceção à norma [...] Quanto mais o adulto se manifesta rigoroso e quer impor sua autoridade recorrendo a uma tradição, tanto mais ele a enfraquece e se enfraquece com ela (CALLIGARIS, 2000, p. 29 e 30).

Podemos, pelo que diz Calligaris (2000), pensar a respeito dos comportamentos que o adolescente adota a fim de se engajar na sociedade adulta:

Na mesma época em que parece vingar o pesadelo de predador urbano, também aparecem jovens que coletivamente abjuram as seduções do mundo, se engajam a chegar virgens ao casamento e se vestem como missionários. A variedade de escolhas morais não é menor: desde o cinismo criminoso até a piedade mais solidária (CALLIGARIS, 2000, p. 33).

De acordo com Calligaris (2000, p. 36), é justamente na passagem pela adolescência que o jovem considera que sua verdadeira comunidade não é a família: “[...] a verdadeira comunidade do adolescente é composta por seus coetâneos e, entre estes, pelo grupo restrito de pares com os quais compartilha as escolhas de estilo mais importantes.” Segundo o psicanalista, é nos pares que o adolescente encontra o reconhecimento que se esperava que pedisse aos adultos.

Kehl (2000), em consonância com o que foi exposto acima, destaca que, especialmente na adolescência, há uma função fraterna que interfere na constituição do sujeito: “O semelhante – a começar pelo irmão- contribui decisivamente para nos estruturar” ( KEHL, 2000, p. 31).

O outro, portanto, contribui para que, na relação com o *eu*, o adolescente vincule-se ao social. Kehl (2000) acentua a relevância de buscarmos a coletividade sob a possibilidade de reestruturar os sujeitos no social:

O individualismo moderno promove o recalque do caráter coletivo do que determina nossos atos – isto é justamente o que precisa ser recuperado para restaurar a confiança dos sujeitos no laço social, em relação ao que somos todos, ao mesmo tempo, agentes e objetos (KEHL, 2000, p. 34).

A esse respeito Kehl (2000) traz, em *A função fraterna*, uma reflexão muito válida que nos permite extrapolar a relação triangular que o indivíduo vive na infância. Além da função materna e paterna, ela destaca como marcante para o indivíduo a função fraterna: “O irmão força o rompimento da prisão especular daquele que até então se via como idêntico a si mesmo”(KEHL, 2000, p. 36).

Kehl (2000) considera que, além dos pais que constituem a primeira identificação do Outro para o sujeito, é consideravelmente relevante as identificações horizontais. Segundo a autora, essa relação que se dá entre os membros de um grupo se não exclui a identificação fundadora, vertical, em relação ao pai ou seu substituto, faz suplência indispensável a ela. É na circulação horizontal que se cria a possibilidade, para os sujeitos, de desenvolvimento de traços identificatórios (em relação ao traço unário que dá consistência subjetiva ao *eu*)” ( KEHL, 2000, p. 43).

Conforme Kehl (2000), a função fraterna faz suplência à função paterna, uma vez que permite separar a lei da autoridade do pai real. A autora esclarece ainda que a facilitação da identificação ocorre quando os irmãos têm idades próximas, pois o papel psíquico do irmão depende do momento de seu aparecimento na vida do sujeito. O sujeito age de modo diferente quando o irmão surge durante o período de lactência ou após o desmame ou quando o irmão é bem mais velho e pode adotar, para o sujeito, uma posição protetora como a de um pai.

A imagem do outro, conforme Kehl (2000), está ligada à estrutura do próprio corpo. A autora esclarece que o contato com o semelhante proporciona ao sujeito questionar-se a respeito de si mesmo, de seu corpo:

o aparecimento do semelhante na diferença produziria o efeito de um descolamento, como que um *desfocamento* da imagem do sujeito, ao introduzir a dúvida: eu sou ele? ou então: quem sou eu se não sou aquele, tão semelhante, mas ainda assim um outro? (KEHL, 2000, p. 37)

Kehl (2000) salienta, ainda, os laços de cumplicidade que possibilitam o enfraquecimento do poder de verdade absoluta que a palavra paterna tem na infância: “Além disso, a fratria estabelece laços de cumplicidade: a cumplicidade entre os irmãos permite, em muitos casos, *enganar o pai*” (Kehl, 2000, p. 41). De acordo com a autora, é a experiência vivida no grupo que contribui para alterar o campo simbólico, já que questiona verdades tidas como absolutas pela cultura.

Assim, os laços estabelecidos no grupo a que o sujeito se agrega é o que permite que se legitime como sujeito da linguagem, uma vez que, no grupo, o sujeito se constitui justamente por viver na alteridade com seus pares e aí ter definidas claramente suas manifestações pela linguagem:

São essas experiências compartilhadas que legitimam os sujeitos em sua condição de criadores da linguagem – desde as gírias e neologismos que se produzem a partir das turmas dos adolescentes e jovens, procurando nomear vivências singulares e inscrevê-las no campo do Outro, até a produção de novas narrativas que forneçam sentidos para experiências que a cultura ainda não classificou (KEHL, 2000, p. 42).

A autora continua salientando que é na circulação horizontal que a linguagem se atualiza, visto que a relação com o semelhante parece suprir a barreira dada pela função paterna: “É na circulação horizontal que a linguagem se modifica e se atualiza, para expressar as demandas emergentes que as sanções paternas não permitem satisfazer, mas nem sempre são capazes de calar” (KEHL, 2000, p. 43).

Kehl (2000), nesse sentido, esclarece que esse vínculo social através do grupo permite ao sujeito se estruturar à medida em que se autoriza em seu desamparo: “a fratria produz a orfandade simbólica dos seus membros ao mesmo tempo em que lhes fornece algum amparo, alguma pertinência extrafamiliar” (KEHL, 2000, p. 46).

Além da pertinência do enlaçamento com seus pares para sustentação no social, é relevante considerar que, nesse percurso que o adolescente passa para se tornar adulto, é comum que ele busque aderir às ideologias e práticas do grupo em que se reconhece, por isso, ainda mais pelo grupo que investigamos se tratar de um grupo ligado à Igreja católica, é, de fato, imprescindível esclarecer que conforme Knobel (1983, p. 40), o adolescente pode se manifestar tanto como um ateu exacerbado quanto como um místico fervoroso. Vale lembrar que comumente flutua entre períodos em que ora é fiel à sua religiosidade e ora é descrente, posicionamento que vai ao encontro de sua condição interna, um tanto quanto mutável.

Knobel (1983) salienta, ainda, que a necessidade de fazer identificações projetivas com imagens está diretamente relacionada à separação dos pais, da ordem simbólica ligada à função paterna:

A figura de uma divindade, de qualquer tipo de religião, pode representar para ele uma saída mágica desse tipo. Se as situações de frustração são muito intensas e as vivências de perda sumamente penosas, por carência de boas relações em virtude das características das imagens parentais perseguidoras internalizadas, o refugiar-se numa atitude niilista, como uma parente culminação de um processo de ateísmo reivindicatório, pode ser também um atitude compensadora e defensiva (KNOBEL, 1983, p. 40).

É importante ressaltar esses aspectos para compreendermos a importância de tomar o adolescente no viés do grupo e a necessidade de percebermos por que ele faz o laço com os demais na intensidade com que faz. É no grupo que o adolescente encontra respostas para inquietações relacionadas às mudanças nítidas em si mesmo e às imposições sociais.

É também possível pensar que quando o adolescente busca responder às angústias vividas nesse rito de passagem buscando sustentação em outros, pode aderir aos mais diversos grupos, conforme sustenta Knobel (1983). É evidente, no entanto, que ao tomar a decisão de aderir a grupos que prejudiquem a sua saúde (drogadição, alcoolismo...) ou que cometam algum tipo de violência (gangues, arruaceiros, assaltantes...) afronta as leis sociais e, conseqüentemente, entra em discórdia e embate com sua família e com os adultos que os cercam.

Em um mundo em que, devido à crise de referencialidade, não é fácil subjetivar-se, quanto mais inscrever-se no laço social, o jovem precisa se situar em um meio que lhe permita se constituir enquanto sujeito. Segundo Dufour (2005, p.39), “o sujeito só é sujeito por ser sujeito de um grande Sujeito” e, além disso, afirma: “[...] poderíamos dizer que a história acontece como uma seqüência de assujeitamentos a grandes figuras instaladas no centro de configurações simbólicas....”

Mesmo diante do fato de uma parte da juventude cultivar certo ceticismo, é interessante perceber como é possível ver alguns jovens muito bem vinculados a grupos de pastorais paroquiais, filiando-se a seus pares e ao laço ali estabelecido. Poderia esse grupo trazer uma voz de autoridade, orientar o jovem e contribuir para a constituição de um sujeito com determinados ideais que diferem de outras alternativas comumente seguidas na sociedade?

Para que possamos responder a essa pergunta, passamos a mais uma etapa na concretização dos nossos objetivos: apresentar os procedimentos de coleta do material de investigação e os procedimentos de análise.

## 4 UM CAMINHO PARA A ANÁLISE

*Tudo que se vê não é  
Igual ao que a gente  
Viu há um segundo  
Tudo muda o tempo todo  
No mundo*

Neste capítulo, apresentamos, primeiramente, o grupo ONDA: a estrutura do curso e das reuniões realizadas aos sábados. Em seguida esclarecemos como foram selecionados os participantes da pesquisa, constituídas as oficinas e realizadas as entrevistas. Por fim, apresentamos os procedimentos de análise do *corpus*.

### 4.1 O GRUPO DE JOVENS ONDA<sup>16</sup>

*Não adianta fugir  
Nem mentir  
Pra si mesmo agora  
Há tanta vida lá fora  
Aqui dentro sempre  
Como uma onda no mar  
Como uma onda no mar  
Como uma onda no mar*

Já apresentamos no primeiro capítulo uma breve identificação do ONDA. Aqui trazemos alguns elementos que auxiliam a compreender como o curso e os encontros pós-curso são estruturados, além de aspectos relevantes para o entendimento a que os jovens, cujos enunciados foram analisados, estão se referindo ao mencionar particularidades do grupo.

---

<sup>16</sup> As informações deste capítulo tomam por base o manual do ONDA, desenvolvido pelo padre Roberto Aripé, criador do curso; e, também, as diretrizes que norteiam a constituição do movimento em todas as paróquias em que ocorre, redigidas pelo diretor diocesano em conjunto com as coordenações dos grupos das paróquias da diocese. Esse material não é publicado, mas fornecido exclusivamente aos coordenadores de cada paróquia.

Para fazer o curso é necessário inscrever-se e ter de onze a treze anos. É preciso participar do encontro durante três dias (sexta, sábado e domingo). Ao chegarem, os jovens são divididos em pequenos grupos, denominados de comunidades. Esses grupos convivem intensamente durante todo o final de semana. São recepcionados com cantos, por uma equipe formada pelos que atuam há mais tempo no grupo. Depois, são conduzidos para uma sala em que ouvem palestras, cantam e fazem reflexões.

No primeiro dia aprendem a respeito do mundo: como Deus o criou, como o homem o tem tratado. Tomam contato com parábolas que envolvem essa temática. No segundo dia, o assunto é família: refletem sobre as dificuldades de se conviver em família e como agem como filhos. No terceiro dia, a reflexão é acerca de Deus e da Igreja: mandamentos de Deus, qual é a importância de se participar da Igreja e de continuar frequentando as reuniões logo após o curso. Recebem também algumas surpresas de seus familiares. O encontro é encerrado com uma missa de ação de graças.

Nas comunidades, sem que fiquem sabendo, são supervisionados por jovens que já fizeram o curso, que motivam os novos “ondinhas” para, assim que termina uma palestra, responderem a alguma questão referente ao que o palestrante apresentou. Quem ministra as palestras são os próprios jovens do grupo.

Aqueles que já fizeram o curso podem tanto fazer parte do folclore (equipe que canta ou toca algum instrumento), da animação (que motiva os jovens para cantarem e “dançarem”) ou de alguma equipe que está escondida.

As equipes que não aparecem para os cursistas são: cozinha (prepara os alimentos), refeitório (arruma o local das refeições com mensagens dentro da temática abordada em cada dia), secretaria (organiza envelopes com mensagens das famílias e amigos para os cursistas, prepara material para as brincadeiras e assessora a coordenação no que for necessário), espiritualidade (permanece em oração durante todos os dias) e externos (que saem do curso para buscar materiais necessários as outras equipes e aos jovens cursistas).

Na sala, que é o local em que os jovens passam a maior parte do tempo, quando não estão fazendo refeição ou participando de brincadeiras ou, ainda, em uma reunião em comunidade para discutir algum assunto, permanece a coordenação do curso e os casais bem-estar, que, chamados de tios pelos jovens, são apresentados como a equipe que representa a presença da família de cada cursista, uma vez que não são permitidas visitas de familiares durante o curso. Esses “tios” (tias) fornecem água e cuidados para quem está participando; e conduzem “os ondinhas” ao banheiro, pois não podem sempre circular livremente, tendo em

vista que membros das equipes escondidas podem estar preparando algo em ambiente próximo.

Há um significado além da sigla, que remete à onda do mar, que é apresentado para os iniciantes pela coordenação no primeiro contato do curso: quem se comporta como uma onda tem força, impulsiona, leva adiante, no sentido de que o que é aprendido no curso durante os três dias deve ser levado para outras pessoas conhecidas. O objetivo é formar líderes que evangelizem outros jovens através dos seus talentos e de seu testemunho, seguindo o lema “Jovem evangelizando jovem.”

Ao sair do curso, o jovem deve sentir-se comprometido a continuar indo às reuniões do grupo (perseverando) até, ao menos, sentir-se apto a ingressar em outro grupo de jovens, quando estiver há mais tempo no Onda. Isso não é obrigatório. Há a possibilidade de escolher permanecer no grupo e auxiliar a coordenação até mesmo na fase adulta.

As reuniões podem variar de grupo para grupo em cada paróquia, entretanto as diretrizes preveem a abordagem de temáticas consideradas essenciais para a formação do jovem: Deus, Igreja, família, amizade, solidariedade, entre outros valores abordados no curso, a fim de que o jovem mantenha o vínculo com seus amigos, em uma participação ativa dentro da comunidade religiosa a que pertence.

No grupo participante da pesquisa, no que diz respeito aos encontros que realizam aos sábados, é comum se fazer uma oração inicial, em que os jovens expressam oralmente pedidos e agradecimentos. Em seguida, o folclore conduz os cantos. É sempre feita uma reflexão a respeito de uma passagem do evangelho, escolhida dentro da temática a ser abordada no decorrer da reunião, e costuma-se utilizar alguma técnica para que os jovens se expressem sobre o assunto: encenações, brincadeiras, gincanas, trabalhos orais em grupos, entre outras. Por fim, é feita uma oração que compromete os jovens com o que foi aprendido.

Há, ainda, duas missas por mês nas quais o grupo é responsável pelo preparo de toda a liturgia (leituras, cantos). Sempre que possível os jovens realizam alguma ação voluntária em uma creche, asilo ou hospital. Costumam, também, especialmente os mais velhos, ir até a um convento ou casa de retiro para encontros de formação especial, até mesmo porque, após um ano de perseverança no Onda, há a possibilidade de fazerem o REMO, um retiro de caráter mariano, que proporciona um aprofundamento da experiência do Onda para que os jovens (que passam a ser ondinhas remadores) possam atuar junto às coordenações de seus grupos.

Os jovens devem ser, portanto, testemunhas dos valores vivenciados no grupo, dentro e fora dele, sendo responsáveis e dedicados às atividades espirituais, familiares e escolares. Devem dedicar-se à amizade verdadeira, uma vez que os “ondinhas” são irmãos em Cristo.

Precisam atuar no mundo com uma missão de ser jovens especiais, tendo em vista o que Deus lhes ensinou por meio de seus pares.

Tendo a opção de permanecer no grupo, muitos ficam vinculados por um longo período de tempo, alguns até por mais de dez anos. A perseverança nas reuniões é pré-requisito para trabalharem no curso do ONDA em sua paróquia ou na implantação do curso em qualquer paróquia da diocese. É comum que os jovens saiam da reunião, fiquem na missa, que é celebrada para a comunidade logo após o horário do encontro, e combinem de visitar algum amigo em sua casa depois para jogar, fazer um lanche ou jantar.

Observamos que à medida que os jovens crescem e se vinculam a outros grupos, costumam manter o convívio com seus amigos, habituando-se a jantares, celebrações de aniversário, formatura, casamento. Às vezes, nesses encontros – ainda que esporádicos -, os tempos de caminhada com o grupo vem à tona e são recuperadas lembranças que marcaram os presentes.

Como é realizado ao menos um curso por ano na paróquia em que coletamos o *corpus*, há uma renovação constante de jovens. Muitos novos “ondinhas” passam a comparecer às reuniões, o que faz necessário que forneçamos os devidos esclarecimentos no que diz respeito à seleção e caracterização dos participantes da pesquisa.

## 4.2 DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para dar início à coleta do *corpus*, a pesquisadora foi a uma reunião do grupo para evidenciar aos participantes os objetivos, a metodologia e os procedimentos da pesquisa. Deixou-se bem claro que nem o nome da instituição nem o dos participantes seria veiculado, preservando-se a identidade dos sujeitos<sup>17</sup>.

Havia 28 jovens nessa reunião. Todos levaram o termo de consentimento livre e esclarecido para que os pais pudessem autorizar sua participação na pesquisa. Foram fornecidos às famílias o telefone e e-mail da pesquisadora em caso de dúvidas ou do desejo de desistir da participação. O único requisito para participar do estudo era ser participante do grupo ONDA e ter, preferencialmente, idade entre 11 e 13 anos, por se tratar da faixa etária

---

<sup>17</sup>Optamos por criar nomes fictícios para cada participante, uma vez que a apresentação apenas da letra inicial poderia causar dificuldade de entendimento durante a leitura, tendo em vista que são diversos jovens e que ao longo do texto, algumas vezes, é necessário fazer remissão a diferentes enunciados proferidos pelo mesmo participante. Acreditamos, portanto, que essa escolha facilita a leitura da análise.

estipulada para realizarem o curso. No entanto, os jovens de mais de 16 anos, embora não se enquadrem na idade delimitada no início, demonstraram profundo desejo de participar, tendo em vista que constituem o grupo desde que fizeram o curso. Deste estudo participam, portanto, um jovem de 11 anos, cinco de 12 anos, seis de 14 anos, quatro de 16, três de 18 anos e um de 22 anos, totalizando 20 jovens.

### 4.3 DOS PROCEDIMENTOS DE COLETA DO MATERIAL DE INVESTIGAÇÃO

O *corpus* desta pesquisa é constituído por um questionário, uma oficina videogravada e por entrevistas realizadas após a oficina. A seguir, apresentamos esclarecimentos a respeito de cada passo da constituição do material de investigação.

#### 4.3.1 Do questionário<sup>18</sup>

Elaboramos um breve questionário (ANEXO 1) com o objetivo de facilitar o acompanhamento dos jovens, através do conhecimento de questões fundamentais de sua vida a fim de se obter sistematicamente conhecimentos gerais do grupo investigado.

Após a devida autorização dos pais para a realização da pesquisa, o questionário foi aplicado individualmente, durante um encontro de sábado, aos vinte e oito jovens, participantes das reuniões do grupo Onda de uma paróquia da região do Vale do Rio dos Sinos, para que cada jovem pudesse contar com esclarecimentos da pesquisadora. Dentre esses jovens, como explicitamos no item anterior, selecionamos vinte, uma vez que somente esses puderam participar ativamente de todas as oficinas.

---

<sup>18</sup> Os dados obtidos no questionário permitem caracterizar, em termos gerais, os sujeitos da pesquisa. Essa caracterização será apresentada no item 5.1.

### 4.3.2 Das oficinas

Após a aplicação dos questionários, deu-se início às oficinas, isto é, atividades realizadas em dupla ou coletivamente, elaboradas pela pesquisadora em conjunto com a coordenadora do grupo. Foram filmados dois encontros do grupo em que transcorreram três oficinas.

A coleta do material de investigação a partir das oficinas segue sugestões de Matheus (2002), que realizou pesquisa a respeito dos ideais de jovens de 13 a 17 anos. Para tal pesquisa, ele elaborou e aplicou aos participantes algumas oficinas que permitiam que manifestassem naturalmente, através de jogos e desenhos<sup>19</sup>, na interação com os outros participantes, seus ideais de vida diante do espaço social em que estavam inseridos.

Em nossa pesquisa foram realizadas três oficinas, todas propostas por uma coordenadora do grupo, que se responsabilizou pela sua condução. A pesquisadora atuou apenas como participante da construção das oficinas. Ainda que estivesse presente durante a realização, não interferiu nas explicações feitas pela coordenadora ao grupo, limitando-se a observar o que estava sendo videogravado e a auxiliar os participantes em quaisquer dúvidas relacionadas ao que estava sendo solicitado em cada tarefa.

b.1) Na primeira oficina, os jovens ficaram dispostos em círculo, sentados em dupla, de frente um para o outro. Primeiramente, preencheram uma tabela individual em que constavam, em colunas, todos os dias da semana. Ali colocaram quais as atividades que realizam a cada dia em cada turno (manhã, tarde e noite). Em seguida, um questionou o outro oralmente: o que tu fazes na tua semana? O que tu mais gostas de fazer? Por fim, apresentaram o colega ao grande grupo.

b.2) Na segunda oficina (ANEXO 2), tiveram de elaborar uma peça de teatro a respeito do Onda, a partir da questão: “Como eu representaria o Onda?”

Para tanto, tiveram tempo para se reunir, discutir, montar, ensaiar e então apresentar-se ao grande grupo. Foram formados três grupos. No final, ficaram livres para apresentar considerações orais a respeito do que eles mesmos quiseram representar na pequena peça encenada.

b.3) Como última oficina, cada jovem, cumprindo a tarefa recebida no primeiro encontro, trouxe um objeto, que poderia ser um elemento orgânico, um elemento da natureza,

---

<sup>19</sup> Foram oficinas realizadas com três grupos de jovens de bairros populares da cidade de São Paulo. O autor chega a conclusão de que os jovens apresentavam dificuldade de sustentar seus ideais e formular projetos.

ou algum outro elemento, que representasse a sua vida. Esse objeto foi apresentado e, sua escolha, justificada.

A primeira e a terceira oficina foram realizadas com o objetivo de melhor conhecer os jovens participantes, facilitando a tarefa de caracterizá-los. A oficina selecionada para a análise foi a segunda devido ao fato de a pergunta motivadora ser pertinente com o nosso objetivo de investigação.

### 4.3.3 Das entrevistas

Após o término das oficinas, quando já se havia efetuado a transcrição<sup>20</sup> completa de todo o material videogravado, a pesquisadora convidou um jovem de cada grupo da segunda oficina para assistir individualmente à videogravação e lhe fez questionamentos referentes ao que foi dito por ele. O objetivo da entrevista é abrir a verbalização sobre a encenação, desde um lugar exterior.

Antes de realizar a análise do material transcrito, retomamos aspectos fundamentais da teoria benvenistiana que nos conduzem à construção do caminho a trilhar.

## 4.4 DOS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Flores e Teixeira (2005) esclarecem a peculiaridade da teoria proposta por Benveniste e ressaltam que, ainda que a obra benvenistiana traga importantes indicações de questões referentes à presença do homem na língua, ela não propõe um método de análise propriamente dito e fazê-lo constitui um desafio:

Benveniste não desenvolveu um modelo de análise da enunciação. Sua obra é mais um roteiro indicativo de questões referentes à “presença do homem na língua” do que a proposição de um método nítido de análise. A prova disso é que em cada texto do seu magistral *Problemas de Linguística geral* – seja falando sobre fenômenos de

---

<sup>20</sup> Na perspectiva enunciativa, a transcrição precisa ser entendida como um ato enunciativo, como algo da ordem da singularidade. Segundo Flores et al. (2008), a situação de discurso a ser transcrita tem seu estatuto alterado, uma vez que se trata de uma enunciação sobre outra enunciação, portanto, pode ser considerada como uma etapa da análise e não pode ser tomada como integral, nem mesmo generalizável.

enunciação ou não -, ele teoriza e analisa simultaneamente. Propor uma metodologia de análise da língua a partir de indicações deixadas pelo “pai da teoria da enunciação” é em si mesmo uma teoria. Talvez nisso se encerre a grandeza de Benveniste: permitir que sempre novas leituras se façam, a cada enunciação.(FLORES;TEIXEIRA, 2005, p.104).

Os autores destacam, ainda, que a linguística da enunciação elege um objeto multifacetado que obedece, portanto, a restrições teórico-metodológicas impostas pelas teorias da enunciação. Esse objeto está em dependência do objetivo, da ótica no que se refere ao fenômeno, no entanto, há algo de unificador: “a crença na língua como ordem própria que precisa ser atualizada pelo sujeito a cada instância de discurso” (FLORES;TEIXEIRA, 2005, p.106).

Antes de apresentarmos os procedimentos que construímos para efetivar a análise, recuperamos brevemente de que ponto da teoria enunciativa partimos para a nossa escolha metodológica.

No capítulo a respeito do campo da enunciação, apresentamos que Benveniste introduz na linguística as noções de sujeito e de referência e, ao mesmo tempo que apresenta essas noções, mantém o conceito de língua proposto por Saussure, considerando a língua em uso. Conforme ressalta Flores (2008), ao comentar o posicionamento de Kerbrat- Orecchioni<sup>21</sup>, é preciso levar em conta que investigamos as marcas do ato da enunciação no produto, pois enquanto ato ele se dissipa no instante em que ocorre. No momento da enunciação, constitui-se um *eu* no *aqui e agora*. Esse sujeito constitui-se em função de um *tu*, fala de um *ele* (*a não-pessoa*), algo ou alguma coisa, que é, na enunciação, re-construído.

De acordo com Lichtenberg (2001), em seu estudo a respeito do uso de *todo* sob a ótica enunciativa, a enunciação constitui, também, a categoria de tempo, que é o *presente* concomitante à enunciação, que é indissociável de *agora*, e, também, os demonstrativos – *este* e suas variações- que designam quaisquer objetos presentes no *aqui-agora*. Além disso, há as locuções verbais e advérbios, constituídas no mesmo paradigma do *aqui-agora*, os tempos verbais, que tomam o tempo da enunciação como referência, a modalidade, os adjetivos, os possessivos, outros verbos também marcam a inserção do sujeito na língua.

A partir da concepção benvenistiana de referência, como co-construção da realidade no discurso, pelos sujeitos, é que procuramos transpor o desafio de construir um aparato metodológico que permita investigar como os jovens (re)produzem, em sua linguagem, o

---

<sup>21</sup> KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'Enonciation: de La subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin, 1980.

trabalho realizado no grupo Onda, para, a partir das representações construídas, observar que aspectos do trabalho aí realizado podem favorecer a estruturação do vínculo social.

Para levar adiante nosso objetivo, salientamos que tomamos as falas dos jovens como fatos enunciativos, uma vez que, na compreensão de Aresi e Flores (2008), na enunciação, o “dado” é entendido como a maneira do sujeito se marcar em seu dizer, o que só é possível de ser observado através da ocorrência de fenômenos que explicitem essas maneiras de estar na linguagem, ou seja, analisamos, portanto, fatos: ocorrências enunciativas que demonstram como o sujeito emerge no dizer daquele que enuncia.

Acreditamos que, através da análise das oficinas transcritas, é possível perceber, nas falas dos jovens, através de marcas do ato enunciativo, as representações feitas do trabalho do Onda. Em suma, o objetivo geral da análise é mostrar como os sujeitos da pesquisa subjetivam a experiência no Onda.

Para alcançá-lo, investigamos como a *não-pessoa* passa da língua à enunciação por intermédio do sujeito, através das inter-relações que se estabelecem no enunciado para a expressão de uma ideia singular que tem a instância de discurso como parâmetro. É nessa organização que o sentido emerge, proveniente das influências que as palavras agenciadas por *eu-tu* exercem umas em relação às outras.

Num primeiro momento, procuramos:

- identificar, em cada oficina, o quadro da enunciação (*eu-tu-aqui-agora*);

Nesse momento, apresentamos, portanto, como se configura a relação intersubjetiva entre os participantes da pesquisa, ou seja, como o *eu* se apresenta e para que *tu* se dirige em cada um dos três grupos que realizaram as encenações na segunda oficina. Também apresentamos o quadro enunciativo das entrevistas. A constituição do quando enunciativo tanto da oficina quanto das entrevistas é fundamental para compreendermos como, na interlocução estabelecida entre os participantes, é co-construída a referência.

A pergunta de que partimos é:

- Como os participantes ocupam a posição *eu-tu* no *aqui- agora*?

Em um segundo momento, tomando como ponto de partida a relação intersubjetiva entre os participantes, buscamos:

- observar, em cada oficina, como a *não-pessoa* se materializa na instância particular de discurso (*eu-tu-aqui-agora*).

- observar que aspectos do trabalho aí realizado podem favorecer a estruturação do vínculo social.

Partimos das seguinte questões:

- Quais recursos linguísticos permitem emergir da fala dos participantes como eles reproduzem a experiência no ONDA?

-Que representação do ONDA é feita?

Por fim, discutimos, com o auxílio de estudos desenvolvidos por psicanalistas, que lugar a representação da participação no grupo Onda ocupa na relação dos indivíduos em sociedade. Almejamos verificar se, de alguma forma, a representação que os jovens constroem do grupo de que fazem parte pode trazer algum subsídio para seu convívio em sociedade.

A seguir, apresentamos brevemente a caracterização dos participantes, de acordo com o questionário. Essa caracterização permite respaldar a análise com dados gerais a respeito dos adolescentes, proporcionando não só conhecê-los melhor, mas também compreender o que lhes é marcante, uma vez que integram o mesmo grupo.

## 5 REPRESENTAÇÃO DO ONDA

### 5.1 DA CARACTERIZAÇÃO DOS ADOLESCENTES

O questionário, como já mencionamos, foi aplicado aos vinte jovens, pela pesquisadora, em parceria com a coordenadora do grupo. Os dados obtidos no questionário permitem caracterizar, em termos gerais, os participantes de pesquisa: 10 do sexo feminino e 10 do masculino. Todos moram em bairros próximos à paróquia, tendo em vista que o grupo procura orientar que os jovens residentes em bairros mais distantes realizem o curso na paróquia a que pertencem.

A seguir as tabelas permitem observar as respostas dos jovens aos questionamentos. Na primeira podemos notar que a maior parte deles mora com o pai e a mãe, sendo, portanto, poucos que moram somente com a mãe:

	<b>Mora com os pais</b>	<b>Mora só com a mãe</b>	<b>Mora só com o pai</b>
<b>Número de Jovens</b>	17	3	0

**Tabela 1. Com quem os jovens residem**

Na tabela a seguir podemos verificar que todos os jovens estudam nas séries que correspondem à faixa etária dos participantes da pesquisa: 11 a 16 anos.

<b>Escolaridade</b>	<b>Número de Jovens</b>
5 série	3
6 série	4
7 série	0
8 série	7
1 ano E.M.	1
2 ano E.M.	1
4 ano E.M. (técnico)	2
E.M. completo	1
3 grau incompleto	1

**Tabela 2. Escolaridade**

Abaixo a relação das profissões dos pais e das mães dos participantes da pesquisa. Através do levantamento das profissões podemos perceber que os participantes possuem níveis sócio-econômicos distintos, uma vez que os pais e as mães possuem renda de acordo com o trabalho que realizam. Ainda é possível notar que eles têm acesso a uma convivência bem próxima com as mães, pois a maior parte delas são profissionais que podem permanecer parte de seu tempo em casa.

<b>Profissão - Pai</b>	<b>Número de Ocorrências</b>
Jornalista	1
Metalúrgico	2
Topógrafo	1
Eletrotécnico	3
Autônomo	2
Vendedor	2
Eletrecista	2
Engenheiro	
Agrônomo	1
Não mencionado	1
Caminhoneiro	1
Ferreiro	1
Funcionário Público	1
Diácono	1
Empresário	1

**Tabela 3. Profissão do pai**

<b>Profissão - Mãe</b>	<b>Número de Ocorrências</b>
Massoterapeuta	1
Dona-de-casa	5
Assistente Administrativa	2
Representante Comercial	1
Administradora de fins acadêmicos	1
Cozinheira	1
Enfermeira	3
Doceira	1
Não mencionado	1
Diarista	1
Autônoma	1
Comerciante	1
Balconista	1

**Tabela 4. Profissão da mãe**

Na última tabela é possível observar o acesso semanal a diversos meios de letramento e comunicação.

	<b>Uma vez</b>	<b>Duas ou mais vezes</b>	<b>Todos os dias</b>	<b>Nenhuma vez</b>
<b>Jornal</b>	2	4	5	9
<b>Revista</b>	4	3	2	11
<b>Livros</b>	7	4	4	5
<b>Orkut/Msn</b>	3	5	9	3
<b>Jogos eletr./videogame</b>	2	2	4	12
<b>Televisão</b>	0	3	17	0

**Tabela 5. Acesso à leitura e tecnologias**

Notamos que praticamente todos mencionam contato diário com Orkut, MSN e televisão. No questionário, salientam que esses ambientes virtuais facilitam sua comunicação com os amigos. Todos são estudantes que tem algum tipo de acesso à prática de leitura.

Quando questionados a respeito do que costumavam fazer sempre durante a semana e se havia algum motivo especial para fazê-lo, todos mencionam o estudo e a maioria coloca o uso do computador e a televisão como indispensáveis ao seu dia-a-dia. Três citam a participação no Onda como uma vivência significativa; um comenta que o que há de mais especial é poder visitar amigos e colegas; e outro acentua a importância de conviver com a família. Dois, que já estão no Ensino Médio, mencionam o trabalho.

Após ter levantado esses aspectos que nos permitiram caracterizar brevemente os jovens, passamos à relação estabelecida no aqui-agora das oficinas.

## 5.2 DA RELAÇÃO INTERSUBJETIVA

*Porque eu diz eu, diz tu, diz aqui-agora. E, assim dizendo, diz a língua inteira, na perspectiva do eu-tu-aqui-agora (Flores et al., 2008, p. 73).*

Retomemos alguns pontos fundamentais encontrados na teoria benvenistiana que nos permitem configurar a constituição do quadro enunciativo das oficinas.

A noção de pessoa, tal como é apresentada pelo linguista francês, implica, segundo Flores et al. (2008), constituição recíproca: o ato por meio do qual *eu* se constitui como sujeito constitui *tu*. Benveniste atribui à categoria de pessoa duas características que merecem atenção: a unicidade: *eu* e *tu* são sempre únicos e a reversibilidade: se *tu* toma a palavra já não é mais *tu* e sim *eu*, ou seja, a situação enunciativa é sempre outra, nova e *eu-tu* estabelecem reversibilidade.

É preciso considerar, ainda, que a noção de subjetividade é anterior a de intersubjetividade e que, ao mesmo tempo, na instância discursiva, *tu* existe porque existe *eu* e vice-versa.

Flores et al. (2008) evidenciam que a intersubjetividade da e na língua não se restringe à noção de pessoa, é relativa a tempo e espaço, referência atribuída, também, na e pela enunciação. Esta, assim como *eu-tu* são únicos, também é única. “O ato enunciativo cria a

noção de pessoa, que se renova a cada ato. Cada ato é responsável, também, pela instauração da noção de *espaço-tempo*, o espaço-tempo da enunciação” (FLORES et al., 2008, p. 53).

*Eu* ao se enunciar assume a temporalidade e a espacialidade no discurso e por elas regula seu dizer à medida que toma a palavra: “O sujeito é que dispõe espaço e tempo, ou seja, ao expressar-se, ele “temporaliza” os acontecimentos e os espacializa”(FLORES et al., 2008, p. 54).

“A enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno”, conforme Benveniste ([1970] 2006, p. 84). *Eu-tu-aqui-agora* é, portanto, sempre auto-referencial, cada vez único.

Levando em conta que a enunciação é sempre um ato único, proferido pelo *eu-tu* em um *aqui-agora*, é fundamental que antes de nos determos à representação que os jovens fazem de sua participação no grupo, nos detenhamos às formas de configuração do quadro da enunciação na oficina analisada.

Na tarefa de encenar, em que foram indagados a respeito de como representariam o Onda, em que nem todos falaram (alguns acompanharam representando com o corpo e gestos), dividiram-se em três grupos e cada um teve um tempo de cerca de 15 minutos para elaborar uma breve encenação que julgassem ser a mais adequada para indicar o que o Onda significava. A proposta desta oficina possibilita que respondamos ao nosso objetivo, uma vez que é através dela que os jovens tiveram a oportunidade de mostrar que visão tinham de sua participação no grupo. Temos de levar em conta que ela foi realizada durante a reunião do grupo, em um sábado à tarde, com todos os membros presentes. Isso será melhor explicitado quando tratarmos, ainda neste capítulo, do tu/Tu para os quais os jovens destinam sua enunciação.

Partimos, nesse momento, de como as oficinas foram propostas pela coordenadora para, em seguida, abordar o *eu-tu-aqui-agora* da oficina e da entrevista com um jovem de cada um dos três grupos participantes da oficina a fim de investigarmos como é estabelecida a relação intersubjetiva nessa situação enunciativa.

Nas encenações (ANEXO 2) não ocorre comunicação dual, como acontece em grande parte das interações face-a-face, justamente por se tratar de uma enunciação que mobiliza outra, ou seja, as instâncias do discurso se encontram desdobradas.

Do lado do enunciador, se podem encontrar superpostos:

- um *eu* – participante do grupo que é solicitado a realizar uma encenação;
- um *eu* - criado, como personagem da encenação.

Na tabela abaixo (6), apresentamos a representação de como o locutor se enuncia *eu* nos três grupos das oficinas e nas entrevistas. Podemos perceber que há o emprego de *Nós* e *A gente* na maior parte das interlocuções, o que não ocorre na entrevista (ANEXO 3), talvez por não apresentar um *eu* que encena em conjunto com seu grupo.

	<i>Eu</i>	<i>Eu- Nós</i>	<i>Eu- A gente</i>
<b>1º grupo</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>4</b>
<b>2º grupo</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>4</b>
<b>3º grupo</b>	<b>3</b>	<b>8</b>	<b>0</b>
<b>Entrevistados(as)</b>	<b>46</b>	<b>0</b>	<b>9</b>
<b>Entrevistadora</b>	<b>4</b>	<b>0</b>	<b>2</b>

**TABELA 6. O *eu* no quadro da enunciação**

Do lado do interlocutor, coloca-se:

- um *tu* – coordenadora que solicita uma tarefa;
- um *tu* – pesquisadora que co-constrói a proposta;
- um *tu* – outros participantes do grupo.

Esse *tu*, que é o interlocutor, é chamado ao ato enunciativo de diversas formas, como lemos na tabela abaixo (7). O primeiro grupo, ao usar vocativos, faz uso duas vezes de expressão que designa extensão familiar: “tia” e duas vezes utiliza “pessoal”. Esse último termo, de caráter informal, também é utilizado pelo segundo grupo, manifestando um forma bem direta de solicitarem que seus pares participem da interlocução:

	<i>Tu - Você</i>	<i>Tu - Vocês</i>	<i>Tu – vocativos</i>
<b>1º grupo</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>4</b>
<b>2º grupo</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>1</b>
<b>3º grupo</b>	<b>7</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>Entrevistados(as)</b>	<b>3</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>Entrevistadora</b>	<b>30</b>	<b>6</b>	<b>1</b>

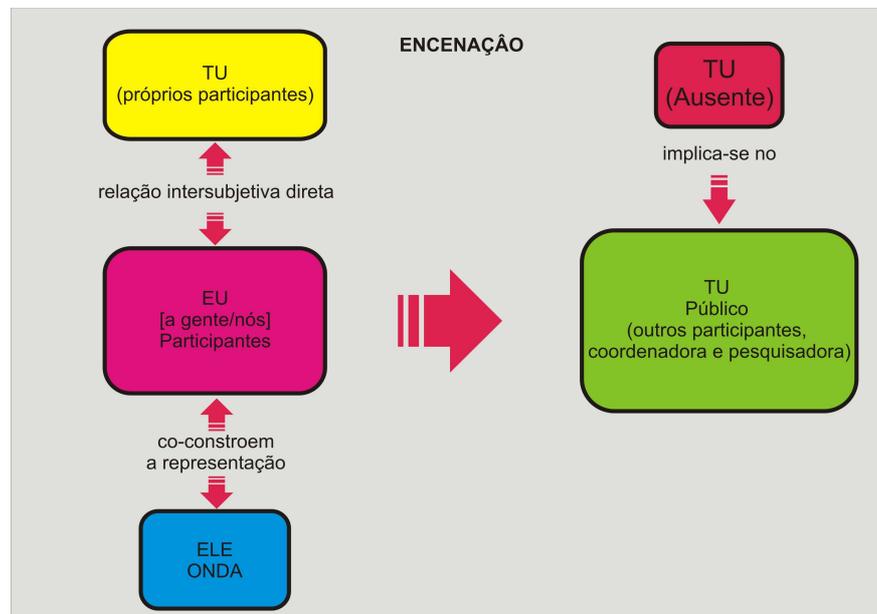
**Tabela 7. O *tu* no quadro da enunciação**

Esses *tu* configurados acima (7) são denominados de *tu* – presentes, uma vez que junto do *eu* possibilitam a reversibilidade no ato enunciativo. Há um *Tu*, porém, que denominamos

ausente. Ele não reverte na instância enunciativa, mas se manifesta, de algum modo, no dizer dos interlocutores. Assim, as instâncias do *tu* (presente) configuradas neste estudo encontram-se duplicadas por um *tu* (ausente), cuja natureza o enunciador não pode prever, mas que se manifesta crucialmente na determinação da natureza da locução.

Trata-se de uma espécie de destinatário terceiro, invisível, que se situa além daqueles que estão fisicamente presentes e que impulsiona a palavra do enunciador para além da circunstância imediata. Esse *Tu* não pode tomar a palavra e enunciar tal como o *tu* co-presente, mas é para ele que orientamos qualquer declaração. Ele “encarna” os valores, o universo de crenças que constituem a instância da interlocução.

No esquema a seguir (1), é possível perceber como foi configurado o *eu- tu-aqui- agora* na encenação. O *eu*, que se apresenta como “nós” ou “a gente” (quadro rosa), estabelece uma relação intersubjetiva direta com o *tu*, configurado nos próprios participantes da encenação (quadro amarelo). Ambos co-constroem a representação da *não-pessoa*, o ONDA (quadro azul). A encenação é realizada para um *tu*, que constitui o público, composto pelos participantes dos demais grupos, a coordenadora e a pesquisadora (quadro verde). Há um *Tu* (ausente) implicado, com a aura da igreja, de Deus e dos preceitos do ONDA (quadro vermelho).



**Quadro 1. A relação intersubjetiva na oficina**

O primeiro grupo colocou em cena uma típica reunião de sábado no ONDA. Os jovens ao chegarem, aproximam-se da coordenadora para cumprimentá-la; em seguida é feita a

oração e é chamado o grupo que entoa canções para animar os demais, com músicas já conhecidas por todos, comumente cantadas durante os cursos e demais atividades do grupo; fazem a proclamação da palavra e refletem a respeito do que leram e, por fim, despedem-se uns dos outros.

Esse grupo traz à tona a intersubjetividade entre os participantes, uma vez que em seus enunciados fica evidente a presença da equipe. Utilizam muito o verbo “ir”, na primeira pessoa do plural, no presente do subjuntivo, conforme destacamos abaixo:

**1º grupo – Contexto enunciativo: os jovens arrumam as cadeiras em um círculo e procuram montar um cenário que represente uma reunião típica do grupo.**

*Cristian: Pessoal, vamos pra reunião do Onda?*

*((todos se deslocam até um ambiente com cadeiras conversando animadamente))*

*Cristian: Oi tia Camile! Pessoal, vamos dar oi pra tia Camile!!*

*((todos se levantam e vão abraçá-la))*

*Camile: Bom, pra começar a reunião vamos cantar o hino do Onda!*

O emprego do verbo conjugado na terceira pessoa do plural (*nós*), destacada acima, indica que o enunciador expressa-se junto a seus pares. Conforme Flores et al. (2008), em Benveniste, o simples exame da indicação expressa por *nós* impede que se considere *nós* como somatório de vários “eu”. *Nós* não é, portanto, plural de *eu* e sim uma outra palavra, na qual está expresso o “eu” e o “não-eu”, independente do que “não-eu” implique. Não há, portanto, junção de iguais, mas de diferentes, por isso não há plural.

O adolescente ao expressar o “nós” estaria reafirmando “um eu *dilatado*, além da pessoa estrita” (BENVENISTE, [1946] 2005, p.258). O *eu* que fala inclui um *não-eu*, cuja referência é estabelecida na comunicação intersubjetiva tendo como horizonte um Tu (ausente), que perpassa tudo o que diz respeito ao grupo e as pessoas que o lideram. Nesse primeiro grupo, por exemplo, Cristian, olha para os outros atores da encenação e pede, através de um olhar e de um gesto com as mãos, que o acompanhem à reunião e aí utiliza o vocativo: “*Pessoal, vamos para a reunião do Onda?*” Ao chegar à reunião, chama a coordenadora de tia: “Oi, tia Camile!”<sup>22</sup>

No segundo grupo dessa oficina também o “nós”, marcado na expressão “A gente”<sup>23</sup>, usada repetidas vezes, denota a necessidade de explicitar que se trata de elaboração do grupo

<sup>22</sup> O significado do uso desse vocativo é explorado no item 5.3.

<sup>23</sup> A nosso ver, *a gente* tem características próximas de *nós*, comportando-se como um pronome. A esse respeito, ver Borges (2004).

o que vão apresentar, de escolhas do grupo, o “eu” pede desculpas por sua equipe. Olha para a ela ao se remeter ao grande grupo. Essa espécie de cumplicidade explícita um “nós”, que, na perspectiva benvenistiana, é denominado de “inclusivo”, um “nós” que inclui um “tu”.

**2º grupo - Contexto enunciativo: os participantes do grupo dispostos em fileira. Uma menina toma a frente e fala.**

*Tatiana: A gente pede desculpa porque a gente não fez um teatro grande assim porque a gente vai tentar no teatro resumir numa palavra só o que significa o Onda pra gente, uma das coisas, né!((a T. vai até o centro com os pés descalços, Ju se aproxima e calça uma sandália em seus pés))*

O uso de *nós*, como bem lembra Flores et al. (2008), tem uma relação com o *eu*, assim como certos pronomes possessivos. Se “meu”, como os autores acentuam, é relativo a “eu”, podemos afirmar que o uso de “nosso”, é relativo a esse “eu” posto como “a gente”, constituindo um “nós” que agrupa os diferentes “eu”. Observamos esse aspecto abaixo, em que o grupo faz um tele-jornal e fica evidente que há o uso do pronome possessivo, marcando a presença da equipe:

**3º grupo - Contexto enunciativo: um tele-jornal composto por jornalistas na bancada e por repórteres de rua.**

*Laura- Boa noite. Estamos começando mais um jornal do Onda.*

*Renata: Boa noite. Nosso assunto de hoje é: o que os jovens hoje em dia fazem? Vamos para a rua com a repórter Tabita.*

É possível perceber um *eu* “amplificado”, no emprego de um “nós” de autor e orador que “atenua a afirmação muito marcada do ‘eu’ numa expressão mais ampla e mais difusa” (BENVENISTE, [1946] 2005, p.258), raro nos excertos, mas presente no terceiro grupo da oficina de encenação, por se tratar de um tele-jornal, em que a repórter ao se enunciar, expressa no uso de “nós” a “afirmação voluntariamente vaga de um “eu” prudentemente generalizado” (BENVENISTE, [1946] 2005, p.258):

*Tabita: Muito obrigada ((se volta para a outra jovem))E aqui nós temos mais uma jovem que vai dizer: o que você gosta de fazer no seu tempo livre?*

[...]

*Tabita: [...]Hoje em dia vai pra lá ((fala para a cameragirl)Hoje em dia nós temos muitos jovens nós podemos observar e tem dedicado seu tempo para coisas que são às vezes legais [...]*

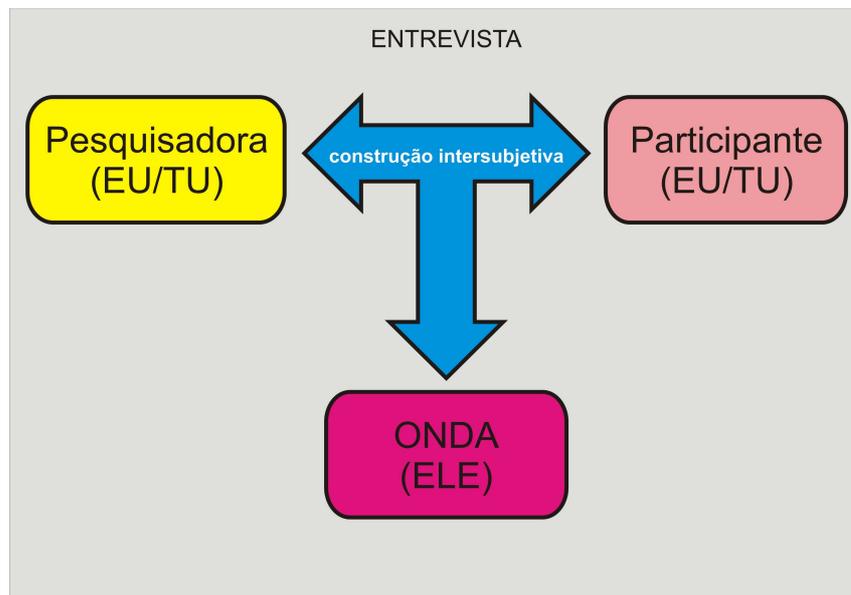
Como vimos na tabela (7) esse grupo, que representa o tele-jornal, é o que mais utiliza o *tu* como *você*, tendo em vista que a repórter entrevista os jovens individualmente.

Como decidimos focar a análise na segunda oficina, analisamos, também, as entrevistas que foram realizadas com um jovem de cada um dos três grupos. Tendo percebido o quadro enunciativo das oficinas, especialmente da que diz respeito às encenações, foi possível focar essa segunda oficina nas entrevistas. É evidente uma alteração na configuração do quadro enunciativo durante os questionamentos orais da pesquisadora para o jovem participante. A pesquisadora se enuncia como “eu” ou utiliza “a gente” com o intuito de incluir o (a) entrevistado(a) em seus dizer, como no excerto a seguir:

**Contexto enunciativo-** a pesquisadora convida a jovem a assistir à primeira representação, em que os jovens representaram uma reunião do Onda.

*Camile – Eu queria que tu pudesses olhar primeiro aquela cena que vocês representaram. Se tu quiseres comentar algo durante a cena, fica à vontade.*  
*Pesquisadora- Vocês cantaram o hino ali, Camile o que a gente pode fazer para o mundo melhorar, assim, na tua opinião já que vocês cantaram o hino na representação?*  
*Camile-Pro mundo melhorar, acho que as pessoas deveriam ajudar mais.*  
*Pesquisadora- E tem pessoas que tu conheces que ajudam assim uns aos outros?*  
*Camile- A maioria não.*

Há, assim, a composição do seguinte quadro enunciativo durante as entrevistas:



**Quadro 2. A relação intersubjetiva na entrevista**

A pesquisadora (quadro amarelo) constrói uma relação intersubjetiva, com cada um dos participantes entrevistados. São as respostas do entrevistado (à direita do quadro – em rosa claro) que permitiram a partir dos recursos linguísticos utilizados, analisar que sujeito advém dos enunciados, que sujeito emerge do enunciatador participante do grupo.

Conforme Aresi e Flores (2006), ao citarem Stubbs (1987)<sup>24</sup>, há uma dupla relação entre o par pergunta-resposta: as perguntas antecipam e restringem semanticamente as respostas, dependendo destas que, por sua vez, são ainda mais dependentes das primeiras. Os autores citam, ainda, Kerbrat-Orecchioni (2005)<sup>25</sup>, para quem a pergunta é um ato enunciativo que solicita fortemente uma reação verbal.

Nas entrevistas ainda é importante considerar a posição da pesquisadora que os jovens já conheciam quando exerciam papel de coordenadora no grupo. Suas perguntas podem, se fechadas, conduzir os jovens para que ofertem uma resposta ainda mais respaldada nos valores e ideais do grupo. É importante que sejam, ao máximo, semanticamente abertas. Nas palavras de Aresi e Flores (2006, p.88), há: “perguntas fechadas, que solicitam confirmação ou não de uma informação já dada; as perguntas abertas que solicitam uma informação considerada pelo interrogador de domínio do interrogado.”

Sabemos que toda a pergunta se dirige a alguém, uma vez que é um fenômeno linguístico cuja realização supõe um outro; esse “outro” pode ou não coincidir com um outro interlocutor. As perguntas realizadas pela pesquisadora dirigem-se aos jovens entrevistados, ela, por sua vez, ciente de que a conheceram como coordenadora, procura realizar questionamentos cujas respostas não sejam fechadas, justamente para permitir que os entrevistados possam manifestar-se mais livremente e que em seu dizer haja evidências mais claras de si mesmos, enquanto sujeitos. A entrevista, na pesquisa, é o momento em que fica mais evidente que há reversibilidade na instância discursiva e que o referente é co-construído pelos participantes.

O trabalho co-construído, transcrito e observado, em especial a segunda oficina e as entrevistas, constitui um material com fatos enunciativos apropriados para nos perguntarmos que representações os jovens constroem do grupo Onda. É preciso que a seguir relembremos e aprofundemos o que Benveniste entende por *não-pessoa* para que, através da análise das

<sup>24</sup> STUBBS, M. *Análisis del discurso*. Madri: Alianza Editorial, 256 p., 1987.

<sup>25</sup> KERBRAT-ORECCHIONI, C. O pedido: pergunta e solicitação. In: C. KERBRAT-ORECCHIONI. *Os atos de linguagem no discurso: teoria e funcionamento*. Niterói, Ed. UFF, 216 p., 2005.

marcas linguísticas mais significativas<sup>26</sup> nos enunciados dos ondinhas participantes, possamos alcançar nosso objetivo.

### 5.3 DA CO-CONSTRUÇÃO DO REFERENTE

Benveniste apresenta a *não-pessoa* como constitutiva do quadro da língua, em oposição à noção de pessoa, que constitui o quadro da enunciação. Pode-se pensar a língua, portanto, como um todo dividido em duas partes: uma corresponde ao *eu,tu,aqui-agora* e todos os indicadores de subjetividade; e, a outra parte que corresponde ao *ele*, ou seja, nas palavras de Flores et al. (2008, p. 57), “ao que propriamente não “pertence” ao ato enunciativo. No entanto, um olhar mais atento sobre sua obra revela que a *não-pessoa* só é referida na enunciação, por isso, está presente no quadro configurado por *eu-tu-aqui-agora*.

Os signos se “plenificam” na enunciação à medida que o *eu* toma a palavra. Só é possível construir o que se fala da *não-pessoa*, no *aqui-agora* da enunciação.

Ainda que se defenda que os signos relacionados à noção de *não –pessoa* correspondam a conceitos e, então, sejam “plenos”, sem a marca de unicidade, há de se considerar que, trazidos à situação enunciativa, expressando o “mundo” sob a ótica de *eu*, passam a indicar sentido único (FLORES et al., 2008, p. 62/63).

Flores et al. (2008) explicam como se “materializa” a *não-pessoa* no discurso:

A “objetividade” da *não-pessoa* é desfeita quando ela abandona seu caráter de virtualidade, ao ser atualizada em uma situação enunciativa. Ao ser empregada, em uma situação de uso, indica um *objeto singular*, próprio à situação discursiva. Embora não pertinente à relação *eu-tu*, porque é *não-pessoa*, passa a expressar sentido próprio a essa relação. A noção ampla se singulariza; portanto, no uso da língua, a *não-pessoa* expressa um sentido, único porque relativo a *eu-tu-aqui-agora*, ou seja, é enunciação (FLORES et al., 2008, p.64).

<sup>26</sup> Há marcas linguísticas que nem sempre são recorrentes, mas nem por isso menos significativas. Por se tratar de uma pesquisa de caráter qualitativo, tomamos como material de investigação até mesmo o que, aparentemente, pode não ser tão recorrente, mas que pode fazer o sujeito emergir do que foi dito. Lembramos que fixamos nosso olhar sobre os enunciados proferidos pelos participantes e não pela coordenadora do grupo ou pela pesquisadora.

A exemplo de Haag e Teixeira (2009), consideramos a não-pessoa benvenistiana como essencialmente (inter-) subjetiva, uma vez que quando um sujeito se pronuncia *eu* (locutor), o faz em função de um *tu* (interlocutor). A referência, atribuída no ato enunciativo, volta para quem se enuncia, tornando possível que em seus enunciados se encontre algo que faça emergir o sujeito, o que só é possível se levarmos em conta a alteridade:

Dessa forma, ao falar sobre o mundo (paradigma do *ele*), esse locutor se (re-) vela de alguma forma. Nesse sentido, a referência à *não-pessoa*, retorna ao sujeito que a constrói, (des-)velando algo desse sujeito: suas crenças, seus gostos, hábitos, enfim, algo de sua subjetividade. Entretanto, vale sublinhar, essa subjetividade é (re-) velada, enquanto *inter-* subjetividade, pois aquela apenas tem existência na possibilidade de relação com o outro (HAAG e TEIXEIRA, 2009, p. 8).

A referência está, portanto, em toda a língua, nos variados recursos linguísticos que o falante utiliza e que são indicadores de sua subjetividade, como já apresentamos ao tratar mais explicitamente da referência nos pressupostos teóricos. A atribuição de referência não acontece, portanto, somente através de expressões nominais.

Nessa perspectiva, ao focar nosso olhar sobre os três grupos que realizaram as encenações, garimpamos os fatos enunciativos mais pertinentes que pudessem indicar alguma atribuição ao referente ONDA a fim de que se possa chegar à conclusão de que representações os jovens construíram do grupo. Entre os recursos mais utilizados para a co-construção do referente, destacamos modalizadores, negações, inclusão de um referente periférico para gerar o referente solicitado, além de adjetivações e de vocativos, dentre outros recursos que apresentamos no decorrer da análise.

O primeiro grupo apresenta a seguinte encenação:

(1)<sup>27</sup>

**Contexto enunciativo: os jovens arrumam as cadeiras em um círculo e procuram montar um cenário que represente uma reunião típica do grupo.**

*Cristian: Pessoal, vamos pra reunião do Onda?*<sup>28</sup>

*((todos se deslocam até um ambiente com cadeiras conversando animadamente))*

*Cristian: Oi tia Camile! Pessoal, vamos dar oi pra tia Camile!!*

<sup>27</sup> O número entre parênteses indica a ordem dos grupos na apresentação.

<sup>28</sup> Convenções de transcrição: (,) para pausas breve; sinais de pontuação adequados à entonação dada pelo enunciador; (...) para pausas mais prolongadas e (( )) para trazer informações relevantes para o entendimento do contexto enunciativo.

((todos se levantam e vão abraçá-la))

Camile: Bom, pra começar a reunião vamos cantar o hino do Onda!

Cristian e meninas: Ah êêê!!!((todos se levantam animados))

Cristian: Folclore! Folclore lá pra frente!

((As meninas de animação na frente e todos cantam e dançam o hino do grupo)):

**Faça** o mundo melhorar, hei!

**Siga** sempre o coração, hei!

**E não deixes** de amar

**É** a lei do amigão!

Para ser feliz **é preciso** crer

Nosso Jesus cristo ama pra valer

É fazer com que os sonhos se tornem reais<sup>29</sup>

Aprendendo a viver

Camile: Eu vou chamar o Cristian para ler o Evangelho!

Cristian: Pessoal, como é que a gente escuta o Evangelho?

((todos ficam de pé))

Cristian: Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos saltiadores, os quais o despojaram e espancando-o retiraram-no deixando meio morto. Ocasionalmente desceu pelo caminho um sacerdote e vendo-o passou ao lado. De igual modo também um levita chegando aquele lugar e vendo-o passou adiante. Mas um samaritano chegou ao pé dele e vendo-o envolveu-se de íntima compaixão e aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho e pondo-lhe sobre sua cavalgadura levou-o para uma estalagem e cuidou dele. Palavra da Salvação.

Todos: Glória a vós Senhor.((todos sentam))

Camile: E aí pessoal? Qual foi **a mensagem** que vocês tiraram do Evangelho?

Alexandra: Eu sei, **tia** Camile! Fazermos o bem e ajudarmos as pessoas!

Camile: É isso aí !Muito bem! Para terminarmos a reunião, vamos fazer nossa oração!

((Os jovens entrelaçam os braços, rezam um Pai- Nosso e desejam-se um bom final de semana))

Todos: Tchau, **tia** Camile!

Salete: No dia seguinte...

Cristian: ((apoando uma garrafa para servir de bengala)) Ai, ai, ai como é difícil...depois que a gente fica velho, para atravessar essa rua...(a Ge. se aproxima dele)) Tu vai me ajudar menina? Ah, obrigado, obrigado! Como é bom quando os jovens, os jovens...não ajudam mais os idosos! Você fez o Onda? Ah, que **bom** que é esse grupo do Onda! Ah êêê!

((aplausos))

### **(1a) Vocativo- uso extensivo de expressão familiar**<sup>30</sup>:

Na encenação, Cristian convida os demais para a reunião do ONDA, que inicia com o ato de cumprimentar Camile, a coordenadora do grupo. Chama logo a atenção o vocativo “tia Camile”, em que ocorre o emprego extensivo da forma de tratamento familiar “tia”.

Voges e Teixeira (2008, p. 171) lembram que Benveniste, em *O aparelho formal da enunciação*, coloca o vocativo entre os termos denominados por ele de intimação, juntamente

<sup>29</sup> Expressões sublinhadas são tomadas como relevantes para a compreensão de outras marcas linguísticas evidenciadas ao longo dos excertos.

<sup>30</sup> O vocativo (uso extensivo de expressão familiar) está grifado em cinza.

com as ordens e os apelos. De um modo geral, o nome de batismo e palavras como *senhor*, *senhora*, *seu*, *dona*,  *você* são empregadas como expressão vocativa. As autoras referem, no entanto, que pesquisas realizadas no campo da sociolinguística têm apontado para o uso extensivo de formas de tratamento familiar fora do vínculo original. Essas extensões semânticas têm uma pluralidade de funções, todas elas com “valor expressivo latente de marcação de cortesia e amabilidade”, conforme a sociolinguista Rigatuso (1996, apud Voges; Teixeira, 2008, p. 177).

Entre os jovens, o termo “tia” já se consagrou, no contexto escolar e até mesmo fora dele, como substituto de “dona” para acompanhar o nome de batismo e assim marcar a diferença de gerações e/ou hierarquia. Professoras do ensino fundamental são chamadas de “tia”, assim como as amigas dos pais de crianças e até mesmo de adolescentes.

Acreditamos que, na situação encenada, o emprego de “tia”, para dirigir-se à jovem que representa a líder do grupo, denota afetividade e cordialidade. A líder do ONDA é interpelada como alguém que se desloca do lugar de orientadora espiritual de jovens para o de pessoa muito próxima, com quem é possível estabelecer vínculos semelhantes aos familiares.

De que modo o emprego extensivo da expressão de parentesco *tia* contribui para que se observe a representação do ONDA nessa encenação?

Através desse vocativo, os jovens mostram reconhecer a relação hierárquica como constitutiva dos encontros no ONDA. “Tia Camile” é alçada à posição de quem pode ocupar um lugar de autoridade. Ela não faz parte do conjunto designado como “pessoal”, constituído pelos “iguais” a Cristian. A ela cabe contribuir para tecer os elos da cadeia de um discurso de construção de fronteiras e territórios que viabilizem a fundação do espaço subjetivo em que o adolescente possa afirmar-se como singularidade e, ao mesmo tempo, estabelecer laços sociais.

**(1b) Modalização<sup>31</sup>:**

Chamamos a atenção para o uso do modo imperativo no hino do ONDA: “**Faça**”, “**Siga**”, “**não deixes**”. O modo imperativo está entre as formas de intimação, de acordo com Benveniste ([1970] 2006, p. 86), isto é, faz parte do aparelho de funções de que o enunciador dispõe para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário.

A definição tradicional de modo se apóia na noção de modalidade: “os modos exprimem a atitude do sujeito falante em relação a seu enunciado; eles manifestam diferentes maneiras de ver o processo” (RIEGEL et al., 1994, p.287). O imperativo apresenta o processo

<sup>31</sup> Os modalizadores estão grifados em vermelho.

sob a forma de uma ordem, de uma súplica ou de um pedido. Ele tem valor fundamentalmente diretivo, ou seja, visa a orientar a conduta do interlocutor.<sup>32</sup>

Ao trazer para a cena o hino do ONDA, marcado pelo imperativo, os jovens voltam a afirmar a relação hierárquica como representativa da situação ali vivenciada. O ONDA é reconhecido como um orientador de comportamentos e atitudes.

A expressão “**é preciso**” configura-se como um modalizador epistêmico do eixo da certeza. Novamente o Onda é representado num lugar de saber, inclusive a respeito do que se tem que fazer para ser feliz.

Além disso, o hino rotula essas orientações pela afirmação “É a lei do amigão”. É interessante observar o uso do termo “lei”, aquilo que faz barreira, que detém o avanço sobre o espaço do outro.

**(1c) Expressão referencial definida<sup>33</sup>:**

Expressões referenciais definidas são constituídas por um determinante definido seguido de um nome, como em “*a mensagem*”. O artigo definido exige a descoberta, no contexto, de um conjunto referencial contendo um só objeto, diferentemente do indefinido, que requer pelo menos dois objetos (DUCROT, 1997).

Quando Camile interpela os jovens sobre “*a mensagem*” do evangelho, seria possível ver a indicação de uma ideia de universalidade de sentido pressuposta no modo como ela percebe o trabalho do ONDA. No entanto, a continuidade do enunciador desautoriza essa interpretação. A construção “*a mensagem que vocês tiraram do Evangelho*” assinala que cada um que compõe o conjunto “vocês” é chamado a trazer sua interpretação das palavras ouvidas.

Reforça-se, assim, a visão do ONDA como um espaço de afetividade e cordialidade, que favorece a expressão de ideias por parte de seus integrantes.

**(1d) Adjetivação<sup>34</sup>:**

Teixeira e Di Fanti (2006, p. 128), com base em Kerbrat-Orecchioni<sup>35</sup>, apresentam uma classificação dos adjetivos, dividindo-os em duas categorias: adjetivos objetivos, como:

<sup>32</sup> O valor diretivo do imperativo explica sua limitação em pessoas: *ele* não é conjugado nem na primeira nem na terceira pessoa. Quando se dirige a si mesmo, o locutor recorre à segunda pessoa. Já o *ele*, sendo exterior à troca comunicativa, não pode ser o destinatário direto da ordem (cf. RIEGEL et al., 1994).

<sup>33</sup> A expressão referencial definida está grifada em lilás.

<sup>34</sup> As adjetivações estão grifadas em azul.

<sup>35</sup> Referência já citada na p. 75.

casado/solteiro, macho/fêmea, entre outros; e adjetivos subjetivos, como bonito/feio, grande/pequeno.

Tais adjetivos, segundo as autoras, repartem-se em subcategorias, podendo, portanto, ser denominados afetivos ou avaliativos. Os primeiros enunciam não só uma propriedade do objeto que eles determinam, mas também elucidam a reação emocional do sujeito falante diante desse objeto.

Segundo o estudo feito pelas mesmas autoras (2006, p. 128 e 129), os avaliativos distinguem-se em não-axiológicos e axiológicos. Os avaliativos não-axiológicos pertencem à classe que compreende todos os adjetivos que não expressam julgamento de valor ou engajamento afetivo, somente atribuem avaliação qualitativa ou quantitativa do objeto determinado pelo substantivo que eles caracterizam.

Diferem estes, portanto, dos avaliativos axiológicos, que determinam um julgamento de valor positivo ou negativo para o objeto que um determinado substantivo denota. Teixeira e Di Fanti(2006) destacam que os axiológicos são marcadamente subjetivos e, por isso, o sujeito está mais implicado ao estabelecer uma avaliação com esse tipo de adjetivos do que quando a estabelece em termos não-axiológicos.

De acordo com as autoras, que fazem referência à linguista Kerbrat-Orecchioni, a norma de avaliação, que está por trás do emprego de um determinado adjetivo neste ou naquele contexto, é externa, por ser definida por um consenso social, e, ao mesmo tempo, interna ao sujeito da enunciação, pois é relativa a seus sistemas de avaliação (estéticos/éticos).

É importante salientar que a utilização de adjetivos com caráter avaliativo veicula uma informação a mais, vinculada a uma suposta competência cultural-ideológica do sujeito falante. O funcionamento dessas formas escapa a uma perspectiva imanente do estudo da língua, ou seja, não é possível estabelecer seu sentido sem levar em conta o sujeito e a alteridade que o constitui.

Quando o jovem do grupo utiliza o adjetivo subjetivo “*bom*” para caracterizar o ONDA, expressa julgamento de valor positivo ao grupo bem como elucida seu engajamento afetivo. O emprego desse adjetivo, em um contexto em que o grupo procura representar que o evangelho está sendo colocado em prática através da atitude de caridade do personagem da encenação que ajuda o idoso a atravessar a rua, encontra suporte em uma norma de avaliação, ligada, do ponto de vista externo, à “lei” que deve ser seguida e, do ponto de vista interno, ao sujeito que integra o grupo e acredita que há um valor positivo em participar dele. O sujeito está implicado em seu dizer ao utilizar esse adjetivo para atribuir “valor” ao trabalho realizado no grupo.

Nessa primeira encenação, os jovens construíram a representação de um ONDA que é o lugar do bem, uma vez que se segue a lei de Jesus Cristo (“amigão”).

O “amigão” institui uma lei como tendo o poder de decidir uma maneira de ser, identificável universalmente como “correta”, diante de um conjunto de valores considerados cristãos. Percebe-se nitidamente o que, de acordo com Becker (2002), podemos chamar de “ética salvadora”, que aposta na formação de um indivíduo pleno, a partir de uma verdade previamente estabelecida.

Trata-se de uma visão moralizante, baseada em um ideal de conduta, engendrado a partir de uma lei articulada dentro de uma dada configuração axiológica. A ética é, então, concebida como a capacidade de distinguir o bem do mal, que visa a “reformatar” o adolescente a partir de uma suposta verdade.

A seguir a entrevista com a jovem Camile, que representou o papel de coordenadora (líder) do ONDA nessa encenação, a fim de trazermos mais elementos para a análise.

(1.1)<sup>36</sup>

**Contexto enunciativo- a pesquisadora convida a jovem a assistir à primeira encenação, em que os jovens representaram uma reunião do Onda.**

*Camile – Eu queria que tu pudesses olhar primeiro aquela cena que vocês representaram. Se tu quiseres comentar algo durante a cena, fica à vontade.*

*P- Vocês cantaram o hino ali, Camile, o que a gente pode fazer para o mundo melhorar, assim, na tua opinião já que vocês cantaram o hino na representação?*

*C-Pro mundo melhorar, acho que as pessoas deveriam ajudar mais.*

*P- E tem pessoas que tu conhece que ajudam assim uns aos outros?*

*Camile- A maioria não.*

*P- Tem algum exemplo de pessoas, que tu possa me dar, que tu conheça, que ajudam?*

*Camile- Conhecida, conhecida sim...a minha mãe*

*P- Aham*

*Camile- Quando alguém pede alguma coisa pra comer ...dentro do possível a minha mãe ajuda as outras pessoas, né!*

*P- Tu tem algum exemplo pra me dar de outras pessoas que ajudam?*

*Camile- Ajudar eu acho que quando uma pessoa não tem dinheiro suficiente pra comprar uma roupa a gente dá uma que tenha em casa assim...ou então não sei...eu acho que é isso!*

*P- Aham*

*P- E o que acontece quando a gente segue sempre o coração? Tem um verso da música que diz “Siga sempre o coração”?*

*Camile – Não sei.*

*P- O que tu acha que na tua vida acontece se tu seguires sempre o coração?*

*Camile – Acho que é seguir o caminho bom...*

<sup>36</sup> A entrevista é a primeira, cujo entrevistado faz parte do primeiro grupo, por isso o uso de 1.1. O mesmo é feito na segunda entrevista (2.2) e na terceira (3.3).

P- Tu acha que seguir o coração é esse caminho bom? (sinal afirmativo da entrevistada) E quais são as coisas que estão nesse caminho bom pra ti?

Camile- *Não fazer as coisas erradas assim...*

P- O que pra ti é fazer o bem nesse caminho?

Camile – *É seguir Deus.*

P- E quando tu ouviu aquela passagem, tu lembra da passagem do bom samaritano que ajudava, que o Cristiano leu na representação de vocês, a pessoa tava caída passaram pessoas e só o último que ajudou, lembra? Tu acha que tem alguma mensagem aí?

Camile- *Eu acho que tem poucas pessoas que ajudam os outros.*

*Eu acho que aquela pessoa, que é a única que ajudou que é a que acreditava em Deus.*

P- E é só essa mensagem?

Camile- *Aham*

P- E tu acha que todas as pessoas crêem em algo ou em alguma coisa?

Camile- *Acho que sim*

P- E no que tu acha que as pessoas acreditam?

Camile- *Ah, tem uns que acreditam nas religiões e eu acho que é isso.*

Na entrevista, observamos os seguintes recursos:

**(1.1 a) Referente periférico para gerar a representação de um referente solicitado<sup>37</sup>:**

Quando Camile afirma: “*A maioria não*” para expressar-se a respeito das possíveis pessoas que ela possa conhecer que ajudem, ela nega para deixar claro que são poucas pessoas que ajudam. Essa negação auxilia, portanto, a construir a idéia de que não é simples ou fácil encontrar pessoas que ajudem. Camile, ainda, quando questionada a respeito de que outras pessoas ela conhece que prestam ajuda, ela acentua um exemplo de ajuda, confirmando sua opinião de que há uma minoria prestativa ou solidária: “*Ajudar eu acho que quando uma pessoa não tem dinheiro suficiente pra comprar uma roupa a gente dá uma que tenha em casa assim...ou então não sei...eu acho que é isso!*”

Quando expressa “*Eu acho que tem poucas pessoas que ajudam os outros*”, confirma a idéia acima, ainda que tenha gerado outro referente periférico para a pergunta que diz respeito à possível mensagem que ela teria encontrado na passagem do evangelho. Para a menina, portanto, “a” mensagem seria a ajuda, a que se referiram durante a encenação. Ela continua acentuando a raridade do ato de prestar auxílio.

**(1.1 b) Negação<sup>38</sup>:**

Benveniste traz uma importante afirmação a respeito do recurso da negação, bem pertinente para esta análise:

<sup>37</sup> Referente periférico para gerar uma representação de um referente solicitado está grifado em laranja.

<sup>38</sup> Negação está grifada em verde.

A característica da negação linguística consiste em que ela pode anular apenas o que é enunciado, que deve apresentá-lo explicitamente para suprimi-lo, e que um julgamento de não-existência tem necessariamente também o status formal de um julgamento de existência. Assim, a negação é em primeiro lugar admissão (BENVENISTE, [1956] 2005, p. 91).<sup>39</sup>

Quando a entrevistada é questionada a respeito do que para ela é seguir o bom caminho, utiliza a negação: “*Não fazer as coisas erradas assim...*”, ou seja, expõe claramente o bem como contrário do mal, o certo como oposto ao errado. É notório: há o que deve ser feito e o que não deve. O bem nesse momento parece estar ligado ao que vem de Deus, até pela resposta dada na sequência da entrevista, que é analisada mais adiante. Reafirma-se aqui a “ética salvadora” já referida anteriormente como característica do trabalho feito no ONDA, de acordo com esses jovens.

**(1.1 c) Adjetivação:**

Ao expressar “*Eu acho que aquela pessoa, que é a única que ajudou que é a que acreditava em Deus.*”, Camile defende que é preciso que a pessoa acredite para que ela ajude, pois a crença a mobiliza. A expressão em azul funciona como uma adjetivação para o termo “pessoa” na sentença, deixando transparecer que para ser bom e seguir o bom caminho, é necessário crer.

Camile acaba reiterando as concepções da oficina representada por seu grupo, uma vez que salienta que é necessário crer em Deus para ser alguém do bem e ajudar o próximo. Marca a dualidade entre bem e mal em sua fala e esclarece que seguir a Deus é fazer a “coisa certa” e que há poucas pessoas que realmente creem, visto que há poucas que têm o hábito de ajudar.

Observemos a encenação do segundo grupo:

(2)

**Contexto enunciativo: os participantes do grupo estão dispostos em fileira. Uma menina toma a frente e fala.**

*Tatiana: A gente pede desculpa porque a gente não fez um teatro grande assim porque a gente vai tentar no teatro resumir numa palavra só o que significa o Onda pra gente, uma das*

---

<sup>39</sup> Trecho extraído do texto “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”, do PLG I, de Benveniste.

*coisas, né!((a T. vai até o centro com os pés descalços, Ju se aproxima e calça uma sandália em seus pés))*

*((Guilherme se finge de cego e Paula o conduz))*

*Guilherme: Muito obrigado!*

*Paula: De nada!*

*Joana: ((abrindo os braços))**Solidariedade!**Valeu pessoal! Ahêêê!*

*((aplausos e risos))*

### **(2 a) Nominalização:**

O que fica mais nítido neste excerto é a escolha de uma só palavra que encapsula a significação do que é o Onda para todo o grupo: “**Solidariedade**”.

Para que seja possível discorrermos mais a respeito de que representação o grupo desejou realizar a partir da escolha de tal termo, recorreremos à entrevista feita posteriormente com Joana, uma das integrantes desse grupo.

### **(2.2)**

**Contexto enunciativo- Joana assiste com a pesquisadora à encenação que fizeram do que o Onda representava para eles, destacando a palavra *solidariedade*.**

*P-Joana, ali a Tatiana diz assim: que vocês escolheram “Solidariedade” como uma palavra e vocês abriam os braços. Por que esse gesto?*

*Joana- Em relação a estar de braços abertos, solidariedade é ajudar, então estar de braços abertos para ajudar alguém, mas vamos supor pode ser um gesto de solidariedade um **abraço**, né.*

*P- Aham. E isso é solidariedade, esse gesto pra ti?*

*Joana- Aham*

*P- Mas como tu pode me explicar assim mais a solidariedade? Onde acontece a solidariedade?*

*Joana- Ai não sei, tipo assim, a cada momento assim que alguém está precisando de ajuda, seja um simples **sorriso**, seja assim como a Ju assim com a Tatiana em que ela tá descalça e ela põe o calçado nela, seja as pessoas que fazem algo para o bem –estar da pessoa...*

*P- No grupo, participando do grupo, tu acha que tu percebe algo de solidariedade?*

*Joana – Aham, acredito que sim, até porque isso é uma coisa que a gente aprende bastante dentro do Onda, quando , no final do ano, a gente vai assim lá pras irmãs por exemplo, é um jeito da gente mostrar assim, a gente também aprende mais assim o que é realmente solidariedade.*

*P – E a Tatiana falou ali na representação que vocês iam escolher aquela palavra e que era uma das coisas pra representar o Onda. Ela até disse: “Ai, desculpa...”, não é um teatro tão longo...solidariedade então é uma das coisas. Que outras palavras tu escolheria pra dizer o que era o Onda nesse momento?*

*Joana- Acho que **alegria** tem bem a cara do Onda . Por ser mais um grupo que a maioria é entre 11 e 16/17 anos, assim nessa faixa etária e eu acho que assim tipo tem o lado criança assim que a gente tem, assim pela alegria, por a gente estar sempre alegre,disposto.*

*P- Em que momento tu acha que é possível ver alegria no grupo?*

*Joana- Tu dizes assim dentro da reunião, coisa assim...*

P- É, não sei...

Joana – É que, na verdade, **todo** o momento no Onda é alegria entende?

P- Aham...

Joana – Por esse lado assim meio criança que eu tô falando que assim a gente tem, sem perder nunca o meu lado adulto assim. Isso eu acho um adjetivo assim muito grande de um jovem adolescente! Por ter conhecido a Deus eu acho assim.

P- O que te deixa mais alegre no grupo?

Joana– O que me deixa mais alegre no grupo?

P- É...

Joana- Ah, é que eu passo a semana toda assim estudando e eu acho que rever meus amigos me deixa muito **alegre!**... Chegar aqui e rever meus amigos isso me deixa muito **alegre** e saber que a maioria dos meus amigos tem os mesmos propósitos, valores que eu **vivo**.

P- E fora do grupo como é a convivência com esses amigos?

Joana – Os amigos aqui do Onda? Ou outros? Porque tipo assim o pessoal do Onda a maioria, tem um grupo de pessoas que eu passo o dia todo...

P- Aham

Joana- Ou a maioria eu falo assim às vezes pela internet ou o pessoal mais amigo assim que eu tenho que não participam do Onda é diferente assim a questão de contato, o jeito que tu te expressa assim com a pessoa

P- Aham

Joana - Porque assim dizer “EU TE AMO” é assim uma coisa difícil, é algo que eu tenho mais proteção no falar!

P- E com os amigos do Onda tu não precisa ter tanto essa proteção?

Joana- É isso! Por ter os mesmos propósitos, os mesmos valores, eu me sinto melhor assim, sabe, os que eu me dou melhor **com certeza** são os do Onda, de dentro do Onda.

### (2.2 a) Nominalização:

Na entrevista com Joana, notamos várias nominalizações que elucidam a maneira como ela explicita a escolha da palavra “solidariedade” para definir o ONDA. Explica que “braços abertos” é mencionado como um símbolo de acolhida, de desejo de oferecer auxílio. Através do uso dos termos “**abraço**” e “**sorriso**” procura exemplificar que elementos correspondem à prática da *solidariedade*.

Em seguida, a mesma entrevistada, ao ser questionada a respeito de algum outro termo que pudesse expressar algo que auxiliasse a construir a representação do ONDA, menciona o termo “**alegria**”, em: “Acho que **alegria** tem bem a cara do Onda” e justifica a sua escolha tomando por base notar essa característica no grupo em vários momentos. Expressa, por exemplo: “Por esse lado assim meio criança que eu tô falando que assim a gente tem, sem perder nunca o meu lado adulto assim”, referindo-se à alegria existente no grupo, e diz “Isso eu acho um **adjetivo** assim muito grande de um jovem adolescente!”, permitindo enxergar que os jovens do grupo ficam alegres por estarem juntos.

Destaca-se aqui a questão da fratria trazida pela psicanálise. A participação no ONDA é valorizada como promotora de relações grupais. No processo de busca por novas condições

sociais, típico da adolescência, é natural que os jovens procurem agrupar-se, isto é, mutuamente reconhecer-se como pares.

A prática no ONDA cria um espaço de experiência compartilhada bastante importante do ponto de vista da inscrição no convívio social.

### **(2.2 b) Pronome indefinido:**

Flores et al.(2008) faz um estudo a respeito dos indefinidos , explicando o uso de *todo*, considerando o enunciador e a situação específica em que é empregado:

Isso pode ser comprovado pelo exame, por exemplo, dos usos de *todo*, em que a noção de *totalidade* em cada situação de emprego desta palavra, aliada a uma especificidade que emana da idéia que é expressa, idéia essa que é expressão de um certo mundo na visão de quem usa a língua” (FLORES, 2008, p 128).

Joana expressa: “**todo** o momento no Onda é alegria entende?” “todo” acompanha o termo “momento”, núcleo da expressão adverbial, designa período de tempo. Todo o momento indica tempo, e *todo* aspectualiza a expressão temporal, imprimindo-lhe noções de frequência e regularidade. O emprego desse pronome evidencia que não se trata de apenas um momento no ONDA em que é possível perceber a alegria, sendo esta praticamente uma característica inerente ao grupo.

Novamente aqui a relação com os pares é focalizada, tendo em vista que os laços de amizades são vistos como motivadores desse estado de espírito.

### **(2.2 c) Adjetivação:**

A entrevistada continua focalizando o tema “alegria” para caracterizar o Onda. Para tanto, faz uso do adjetivo *alegre*, escolhido por ela para caracterizar a si mesmo diante de seus pares: “*Ah, é que eu passo a semana toda assim estudando e eu acho que rever meus amigos me deixa muito alegre!... Chegar aqui e rever meus amigos isso me deixa muito alegre...*”.

Joana emprega um adjetivo subjetivo, de caráter avaliativo, para (re)afirmar uma característica do grupo. Fica indicado, através as escolha do termo, que em seu discurso está muito presente a alteridade que a constitui. A expressão traduz que a sua singularidade é manifestada pela forma com que enxerga a si mesma diante de seus pares. A menina encontra, portanto, um ponto de apoio no engajamento no grupo, o que a torna alegre.

A fratria constitui-se em elemento importante para a estruturação subjetiva dos jovens na passagem adolescente. E o ONDA representa um lugar em que ela pode ser experienciada.

**(2.2 d) Presente do indicativo:**

Segundo Flores (2008, p. 166): “Não é difícil imaginar situação[...] em que a língua priorize o traço [+ durativo], podendo-se, inclusive, supor uma dada situação em que o verbo seja visto como parte de um processo maior.”

O presente simples de “vivo”, em: “[...]e saber que a maioria dos meus amigos tem os mesmos propósitos, valores que eu **vivo**.” é contemporâneo ao sujeito enunciador, mas não coincide com o tempo em que a ação é realizada. O traço [+ durativo] é, então, atualizado na instância em que é proferido e, neste contexto específico, permite à participante enaltecer que os valores estão, na prática, presentes em sua vida.

**(2.2 e) Modalidade em expressão fraseológica:**

Benveniste ([1970] 2006, p. 87) afirma que:

a *categoria semântica* da modalidade pode receber uma análise de indicação de subjetividade, seja a modalidade expressa no modo verbal – optativo, subjuntivo, que indicam atitudes do locutor -, seja através de expressões fraseológicas – “sem dúvida”, “provavelmente” – indicando incerteza e possibilidade.

Joana ainda reitera sobre os amigos que tem no grupo: “os que eu me dou melhor **com certeza** são os do Onda, de dentro do Onda”. O uso da expressão em destaque expressa o grau de certeza diante de sua própria afirmação. Ela sente-se engajada com os amigos integrantes do grupo.

Através de vários recursos linguísticos utilizados na construção do referente nesta entrevista, é possível perceber que Joana esclarece o porquê da escolha do termo “solidariedade”, agregando ao vocábulo expressões que fazem com que se explicita o sentido atribuído a essa palavra. Evidencia a alegria como outro termo adequado para caracterizar a vivência no grupo. A palavra “solidariedade” está ligada à ética do bem, já que é definida como ajudar o próximo em qualquer tipo de situação. Já a palavra “alegria” reforça a questão do convívio com os pares.

No terceiro grupo desta oficina:

(3)

**Contexto enunciativo: um tele-jornal composto por jornalistas na bancada e por uma repórter de rua.**

*Laura- Boa noite. Estamos começando mais um jornal do Onda.*

*Renata: Boa noite. Nosso assunto de hoje é: o que os jovens hoje em dia fazem? Vamos para a rua com a repórter Tabita.*

*Tabita: Bem, tem dois câmeras, com os dois câmeras ãh vim até as ruas pesquisar o que os jovens acham e o que eles têm feito de suas vida atualmente, então reunimos quatro pessoas que estavam passando pela rua e resolvi perguntar: O que você jovem de hoje em dia acha que é mais divertido e mais construtivo fazer de sua vida?*

*Augusto: Jogar computador, **eu não preciso de amigo**, o computador é o meu amigo **inseparável**. O resto é tudo bobagem, o mundo mesmo é internet!*

*Tabita: Pois é, esse jovem que diz que a internet é a melhor coisa pra se fazer! Aqui nós temos um jovem com uma camiseta **muito bonita** ((se volta para um dos meninos que está com uma camiseta do Onda))O que você acha que é melhor para a juventude fazer atualmente?*

*João: Ter amigos.*

*Tabita: Você tem amigos no Onda?*

*João: Tenho.*

*Tabita: E você acha que é mais construtivo amigos digitais ou amigos de verdade? pergunta fechada, que conduz à dualidade*

*João: De verdade.*

*Tabita: Ok, obrigada. ((se volta para a outra menina a ser entrevistada))Aqui nós temos outra jovem com a camiseta muito bonita. O que você gosta de fazer nas suas horas vagas e por quê?*

*Bárbara: Passear com os amigos, ir a missa.*

*Tabita: Olha que coisa **mais importante** ! Os seus amigos também vão a missa?*

*Bárbara: Vão.*

*Tabita: Os amigos do Onda ou os outros amigos?*

*Bárbara: Os do Onda.*

*Tabita: Muito obrigada ((se volta para a outra jovem))E aqui nós temos mais uma jovem que vai dizer: o que você gosta de fazer no seu tempo livre?*

*Berenice: Ir pro shopping, é claro!*

*Tabita: Ir pro shopping, ir pro shopping é claro...por que você acha que ir pro shopping é uma coisa legal?*

*Berenice: Porque é melhor do que estar lá na igreja com aqueles amigos **patéticos**!*

*Tabita: [...]Hoje em dia vai pra lá ((fala para a cameragirl))Hoje em dia nós temos muito jovens nós podemos observar e tem dedicado seu tempo para coisas que são às vezes legais e às vezes não e as pessoas do Onda né tem sua características de serem pessoas que têm uma visão mais certa do mundo, onde as coisas materiais não são boas e as coisas de Deus são boas e era isso. Obrigada! É com você, Glória Maria! ((risos))*

*Renata: Boa noite. Ficamos por aqui com mais um jornal do Onda.*

*Laura: Boa noite.*

*((O jornal é encerrado))*

A terceira encenação, como vimos, simula uma pesquisa feita com jovens para a apresentação de um jornal de TV, cujo tema é o que os jovens gostam mais de fazer.

**(3 a) Negação:**

Augusto, o primeiro entrevistado durante a encenação, afirma sua preferência por “jogar” no computador, valendo-se da negação “*eu não preciso de amigo*”. A negação, como diz Benveniste ([1956] 2005, p. 91), traz, ao lado de um julgamento de não-existência, um julgamento de existência. Através dela, Augusto se contrapõe ao que imagina ser a expectativa da repórter: temos que ter amigos. Esse personagem encarna o ponto de vista daqueles que não foram “tocados” pelo trabalho do ONDA, que valorizam aspectos considerados pouco construtivos pela orientação do grupo.

**(3 b) Adjetivação:**

O mesmo jovem que afirma “eu não preciso de amigos”, admite que “*o computador é o meu amigo inseparável*”. O adjetivo acentua o fato de o personagem deixar transparecer maior valorização ao mundo virtual do que às relações reais de amizade. A afirmação irreverente: “*O resto é tudo bobagem, o mundo mesmo é internet!*” indica que esse personagem é colocado em cena para assinalar um comportamento que é criticável do ponto de vista do ONDA: a preferência pelo mundo virtual em detrimento dos contatos reais.

Ao entrevistar o jovem que representava um ondinha, a repórter expressa: “*um jovem com uma camiseta muito bonita*”. O adjetivo utilizado é subjetivo avaliativo, deixando implícito a ideia de que no ONDA há uma visão mais correta do mundo, e, por isso, a camiseta é “bonita”, estando todos os valores nos quais ela acredita como os melhores por trás da escolha de tal termo. O advérbio *muito* auxilia a intensificar o caráter valorativo expresso pela menina.

Quando Bárbara, que também veste a camiseta do grupo, fala que, nas suas horas vagas, passeia com os amigos e vai à missa, Tabita afirma: “*Olha que coisa mais importante!*”, expressando claramente que essa é uma ação valorizada pela liderança do grupo.

Berenice traz uma opinião que se alinha a de Augusto. Ela prefere estar em shoppings: “*Porque é melhor do que estar lá na igreja com aqueles amigos patéticos*”. Ao utilizar o adjetivo *patéticos*, ela expressa, através de seu personagem, alguém que ridiculariza quem

participa do grupo. Esse adjetivo, no uso comum, tem uma conotação negativa, uma vez que é frequentemente utilizado para qualificar algo ou alguém como “idiota”, “bobo”, “babaca”.<sup>40</sup>

Sendo Berenice uma personagem com posição irreverente em relação ao ONDA, ela considera os frequentadores do grupo como “babacas” que preferem ir à missa a frequentar shoppings.

Fica aí também implícita a idéia de que a prática no ONDA coloca o gosto por frequentar shoppings como algo que não é tão recomendável.

O grupo destaca, nesta encenação, que existem várias coisas que se deve fazer para seguir o caminho correto e entre elas está ir à missa, estar com os amigos conquistados pessoalmente e não no computador. Há a defesa de que é no ONDA que se pode viver realmente bem, visto que os jovens que dele participam têm uma visão “mais certa” do mundo, visão fundamentada no *Tu-ausente*, Deus e a Igreja.

Novamente se configura a disputa entre o bem e o mal e a necessidade de escolha de um caminho, uma verdade.

Na entrevista com o jovem Augusto, participante dessa terceira encenação, temos:

(3.3)

**Contexto enunciativo – a entrevistadora convidou o jovem a assistir a representação que consistia em um tele-jornal com uma repórter que fazia questionamentos a jovens nas ruas e a participantes do grupo Onda.**

*P- Tu tem uma fala sobre o jovem que usa o computador, que só pensa na internet...Eu queria te perguntar assim André o que tu faz mais no teu tempo livre?*

*Augusto- Ahh... eu **saio** pra jogar bola com os amigos, **jogo** no computador, **entro** na internet*

*P- Aham...*

*Augusto- Nessas coisas que eu disse (se referindo a sua fala na encenação)...*

*P- Aham.*

*Augusto- **Mas não me interessa só nisso.***

*P – Aham. E no que tu dedica o maior tempo da tua vida?O que tu faz mais no teu tempo livre?*

*Augusto – Ah! Saio bastante...*

*P- E estas saídas incluem que atividades?*

*André- Eu **marco** futebol com meus amigos, ah...eu **tenho** mesa de sinuca em casa e eu **marco** com os meus amigos.Às vezes eles vão lá em casa e a gente jogamos computador uma tarde inteira.*

*P- Aham*

*Augusto- É, é isso!*

*P- E tu vai a missa?*

<sup>40</sup> Todavia, “patético”, etimologicamente, está associado à idéia de “sentir impressões de modo passivo”, tocante, que traduz comoção emocional.

Augusto- Vou.

P- Teus amigos costumam ir?

Augusto- Não.

P- E tu também vai a casa dos teus amigos?

Augusto- Aham.

P- Pra que atividades tu acha hoje em dia que os jovens dedicam o maior tempo da vida deles?

Augusto – Ah...aam...fazer como eu disse ali, ficar com os amigos, mas tipo eu fico ali com os amigos, **mas não esqueço de ir a uma missa**, na reunião.

P- Aham.

P – E o que tu fazes no Onda?

Augusto- Quando tem o Onda assim mesmo eu gosto de participar, por exemplo quando teve agora o último eu ajudei na cozinha, às vezes ler o evangelho...

P- Aham

Augusto- Eu tava querendo tocar violão, mas aí a mãe não deixou eu trazer o violão é por causa que às vezes eu venho de ônibus porque nem sempre meu pai pode me trazer de carro e ela tem medo que alguém roube.

P- Ah, sim!E às vezes tu ensaia com o violão em casa, e às vezes joga com teus amigos?

Augusto- Aham

P- E tu tem muitos amigos?

Augusto- Tenho.

P- Quem é que tu considera que são os teus melhores amigos?

Augusto- Bah...é uma turma, né!Bah...assim dizer...são uns 30!

P- Ah é!?

Augusto- aham..bah às vezes eles vão lá em casa e nossa!É que meu computador fica mais assim no quarto do meu irmão porque ele é o que usa mais pra fazer os trabalhos da faculdade, às vezes a minha mãe chega e é um monte de gente, sentada na cama, em cadeira...E chega e olha e aquele povão dentro do quarto...

P- Aham!!E aí todo mundo joga junto!?

Augusto- Ahum

P- E tu tem amigos aqui no Onda também?

Augusto- Tenho.

P- É!?E eu já vi que esses amigos que vão na tua casa te deixam muito feliz. E o que mais te deixa feliz no Onda?

Augusto – Ah...ah...no Onda...ai o jeito de aprender...

P- Aprender...

Augusto- É...as coisas que eles falam sobre o evangelho, sobre perseverar, essas coisas assim...

P- Aham.E tu gosta disso e tu encontra aqui pessoas pra conversar sobre isso também?

Augusto – Ai, eu tenho alguns amigos assim que vão a missa e eu falo com eles. Eu falo com a minha mãe bastante. Tava até pensando em marcar, em eu fazer uma reunião sobre religião!

P- E tu fazes outras atividades com os teus amigos do Onda fora daqui?

Augusto- Faço! O que mais vai lá em casa é o L. sabe um loirinho, vai bastante lá em casa...

### **( 3.3 a) Presente do indicativo:**

Augusto, que, na primeira oficina, havia feito o papel de um jovem que tinha o computador como amigo inseparável para ser posto por terra pela repórter, que via o mundo

virtual como ideal, na entrevista, afirmou: “*eu saio pra jogar bola com os amigos, jogo no computador, entro na internet*” e ainda: “*Eu marco futebol com meus amigos, ah...eu tenho mesa de sinuca em casa e eu marco com os meus amigos*”.

Aqui chamamos a atenção para a revelação de um jovem que não tem aversão à tecnologia, bem pelo contrário, aprecia utilizar o computador e que também sai com os amigos. A polaridade apresentada na oficina, que acentua a necessidade de para seguir o caminho certo não ser usuário assíduo do computador, é desfeita no uso de verbos no presente do indicativo com o traço [ + durativo]. Na encenação, o *Tu-ausente* parece se colocar de forma mais contundente, levando os jovens a instituir uma posição polarizada entre o bem e o mal. Na entrevista, essa ausência é amenizada pela figura da pesquisadora, que parece estar num espaço menos comprometido com os valores que eles veem no ONDA.

### (3.3 b) *Negação:*

Ao afirmar “*Mas não me interessa só nisso*”, o jovem deixa ainda mais nítido que há outras coisas que o interessam, como respondendo ao *Tu-ausente*. Ele sabe que não pode se interessar só por computador, por entrar na internet e, assim, em seguida afirma que também tem tempo para as coisas espirituais: “*mas não esqueço de ir a uma missa*”. Está indicada aí a interlocução com o *Tu-ausente*, que representa o conjunto de valores característicos do ONDA e da orientação religiosa seguida por ele.

Assim, ainda que na oficina fique evidente a polarização entre bem e mal, na instância da entrevista ela é amenizada. Mesmo que Augusto esclareça que para ele é preciso que se vá à missa, deixa claro que tanto convive com seus amigos, quanto é usuário assíduo de diversas tecnologias e que nem por isso é menos próximo das pessoas com as quais convive. Talvez certa dissolução dessa polarização tenha sido provocada pelo fato de o *eu* que está por trás da pesquisadora que realiza a entrevista, que já foi coordenadora, que durante as respostas é o *tu* para quem o jovem se dirige, ter se encoberto de alguma forma pelo distanciamento que tomou, uma vez que há bastante tempo não frequentava as reuniões do grupo antes de realizar a entrevista. Além disso, a entrevista não ocorreu dentro de uma reunião do grupo nem havia público (constituído por seguidores dos ideais do ONDA) para assisti-la.

O menino entrevistado, quando questionado a respeito do que gosta no ONDA, responde que gosta de aprender dentro do grupo: “*É...as coisas que eles falam sobre o evangelho, sobre perseverar, essas coisas assim...*” Utiliza o pronome *ele*, que é a *não-pessoa*, construindo junto da pesquisadora um referente a respeito dos coordenadores e

demais pessoas que organizam a reunião, ou seja, a pesquisadora, que outrora fora coordenadora, não está entre *elas*.

O jovem, enfim, permite-nos perceber que há um *Tu* (ausente) que perpassa a construção de suas falas, que implica que ele denuncie os valores cultivados no grupo, o que também se pode notar na fala de Camile, do primeiro grupo. O segundo grupo, que realizou uma encenação mais curta, consegue revelar, através das respostas de Joana na entrevista, mais claramente, qual representação faz do Onda.

O ONDA é representado pelos jovens como um espaço em que se vivencia alegria, solidariedade e bem-estar junto dos amigos. Também é onde a doutrina católica implica-se no discurso dos jovens, que manifestam em seu dizer que, enquanto adolescentes, são indivíduos que estudam, zelam pela família e pelos amigos e que, ainda que re-(velem) que há um caminho certo a seguir e coisas específicas a fazer para se estar perto de Deus, não são alheios ao mundo, como eventualmente pode parecer. O grupo permite-lhes um ponto de apoio para suas relações em sociedade.

Esse apoio, no entanto, toma o aspecto de uma verdade, como se houvesse um só modo de proceder para estar em harmonia com o bem.

Nesse momento, retraçaremos brevemente o caminho trilhado, especialmente no que diz respeito à análise, para que possamos chegar a algumas conclusões que nos levem de fato a apresentar as considerações que encaminham este estudo para seu término, ainda que possa suscitar futuras pesquisas. Isso será realizado no capítulo final, a seguir.

## 6 PALAVRAS FINAIS

*Nada do que foi será  
De novo do jeito que já foi um dia  
Tudo passa  
Tudo sempre passará*

*A vida vem em ondas  
Como um mar  
Num indo e vindo infinito*

Tudo passa, tudo sempre passará. Esta viagem passou, chegou ao fim. Quando saímos para viajar há aquela motivação pelo novo, há o desejo. Assim me senti ao partir. Mas voltar pra casa também parece maravilhoso. É quando se fica com um sentimento de que seria bom permanecer mais para navegar por trajetos ainda desconhecidos, ocultos, pois sempre existirão. Ao mesmo tempo ao chegarmos ao lugar de onde partimos se percebe como é bom retornar.

Esta navegação foi assim. É bom estar de volta, mas não porque há tranquilidade em casa, bem pelo contrário, porque comigo permaneceu algo que ninguém pode me tirar: a inspiração, o meu olhar frente a tudo que havia no horizonte, olhar que pode encontrar nos detalhes a beleza da paisagem. A viagem me fez ter vontade de escrever mais sobre a paisagem, não porque é necessário descrevê-la, mas sim porque ela me revela a possibilidade ir além, de buscar outros portos, de perceber de outras maneiras, de resignificar meu olhar e, conseqüentemente, resignificar a paisagem.

Chego, enfim, ao final da viagem como quem tem a certeza de que ela não terminou. Como se no lugar mais bonito eu tivesse de dizer adeus com a promessa do retorno. É uma despedida solidária, não solitária: como foi bom o que vi e aprendi com todas as experiências que compartilhei com os navegadores mais experientes, o que desvendei mesmo sem tanta experiência, ou melhor, com certa experiência em se aventurar tendo uma missão relevante.

O caminho que desejamos trilhar no que diz respeito à translingüística foi percorrido, ainda que sempre possamos dar continuidade ao estudo e encontrar nele outras respostas e outras perguntas que promovam uma abertura ao campo aplicado.

Essa abertura em nosso trabalho se deu através da interlocução que realizamos com a psicanálise durante a análise, atentos às singularidades dos sujeitos. É possível, portanto, que possamos levar em conta o construto teórico-metodológico explicitado neste estudo em outras pesquisas acadêmicas.

Em um primeiro momento, me surpreendi com a dualidade expressa na fala dos jovens. Nas oficinas pareciam (re)velar o referente de uma forma, nas entrevistas de outra. Sob um olhar mais cuidadoso sobre o *corpus*, foi possível perceber que o que era expresso não era tão divergente, mas sim complementar.

Ao analisarmos o que advém da fala dos participantes do ONDA, percebemos que o grupo proporciona um vínculo significativo entre os jovens ali situados. Os participantes utilizam *nós* (a gente) ao se expressarem, configurando, em seu discurso, um engajamento acentuado com o grupo. Isso fica bem evidente no primeiro grupo ao utilizar vocativos tanto quando um integrante se dirige ao outro na encenação quanto ao chamarem a coordenadora de “tia”, expressão que denota afetividade e suporte na imagem da líder.

Não se pode esquecer que há a presença, no grupo em que focamos esta pesquisa, do discurso religioso. O caráter religioso do discurso pode oferecer alento ao jovem diante de suas crises, uma vez que sabemos que se constitui em uma linguagem bastante carregada de certezas, de promessas, a observar um encontro de jovens ou até mesmo uma celebração religiosa.

O grupo é, ainda, um ambiente que interessa a muitos jovens pelo encontro com os semelhantes e que, em geral, é garantido e autorizado pelos pais, a quem tanto querem transgredir, mas a quem ainda devem respeito aos limites fixados. No momento em que os jovens têm de ser felizes diante da idealização de seus pais, os pais “idealizam” o ONDA, uma vez que se trata de um ambiente que a sociedade autoriza como um lugar da busca de valores, tendo em vista que, ao se vincular a um grupo de caráter religioso, o jovem tem a oportunidade de agir para o bem social: ações voluntárias, palestras, aprender dança, canto e instrumentos...o que poderá torná-lo um adulto melhor situado diante da sociedade moderna. É um lugar que os pais autorizam e no qual confiam e, o filho, com esse respaldo, sente-se ainda melhor em atuar no grupo.

Esse interesse do jovem pela prática de ações voluntárias, por ter a oportunidade de agir como um líder para os demais e em sustentar os laços de amizade fica nitidamente expresso na entrevista com a jovem no segundo grupo. Ela salienta os laços de amizade e solidariedade e a alegria que sente por encontrar-se com seus amigos no grupo.

Durante as oficinas, os ondinhas deixam emergir de sua enunciação a polarização entre bem e mal. Apresentam um ONDA configurado diante de uma ética do bem, onde se segue a Jesus Cristo. Essa característica, no entanto, como pudemos perceber, é neutralizada pelas entrevistas, em que os entrevistados, afastados da platéia, estabelecem uma relação intersubjetiva com a pesquisadora e conseguem esclarecer que para eles há aspectos válidos

que vão além da importância de crer em Deus e ser solidário para com o próximo. Fica evidente, também, que são muito alegres por terem amigos no grupo, os quais respeitam princípios comuns. Constituem-se, ainda, indivíduos que, ao mesmo tempo que utilizam computador, celular, frequentam shoppings, participando de tudo o que envolve o mundo, comparecem às reuniões, participam de missas e estão dentro do universo religioso.

Na fala do último entrevistado, por exemplo, percebemos, que, ainda que ele tenha buscado responder ao Tu (ausente) ao revelar que não deixava de pensar e de praticar o que aprendeu no ONDA, há o esclarecimento de que ele pertence ao grupo e que ao mesmo tempo tem contato com todas as tecnologias que facilitam sua vida e o aproximam de seus amigos, o que vem reiterar a demonstração dada pelos participantes, no questionário, do frequente acesso à televisão, Orkut e MSN.

Como apresentamos no decorrer das reflexões acerca da adolescência, segundo Knobel (1983), no grupo, o jovem pode exercer liderança e encontrar suporte na imagem do líder. O grupo ONDA tem um objetivo e quem dele participa, conforme observado na análise, interessa-se em segui-lo: querem ser líderes e participar junto de seus pares, aprendendo a tocar violão, participando de ações sociais, preparando reuniões, exercendo o papel de coordenadores em um encontro. Cabe ao grupo oferecer esse suporte, orientar o jovem, permitindo que ele conviva bem em sociedade e que saiba usufruir do que o meio lhe oferece de atrativos e de possibilidades para facilitar sua vida.

Se o grupo proporciona que o jovem desenvolva habilidades e sinta-se bem em conviver e aprender com os demais, podemos dizer que ele favorece que o jovem estabeleça vínculo com o social, à medida que leva consigo os valores que aprendeu a vivenciar, os amigos, as experiências de liderança.

O ONDA não se constitui como o único grupo que pode favorecer a estruturação dos indivíduos, mas pelo que os jovens mesmo verbalizam, o fato de poderem ter uma experiência de alegria, solidariedade e fé, faz com que se sintam felizes. É importante, porém, que se busque acentuar aos jovens que tais sentimentos podem ser percebidos em pessoas que não fizeram o curso, pois em todos os segmentos sociais há indivíduos capazes de tornar o convívio em sociedade mais harmonioso e significativo.

Além disso, é importante que haja uma preocupação com a preparação dos coordenadores que interferem diretamente na formação do participante do grupo. É preciso pensar que o jovem, uma vez que enfrenta o rito de passagem adolescente, pode não estar preparado para discernir tudo o que uma doutrina pode lhe oferecer, filtrando os ensinamentos a ponto de saber como equilibrá-los com o que o mundo lhe oferece. Obviamente, em uma

reunião do grupo, o ondinha vai se preocupar em mostrar uma visão coerente com que lhe é transmitido. É preciso, no entanto, fazermos uma reflexão: será que não está sendo oferecida somente uma visão do bem? Seria esta visão tão única ou haveria a possibilidade de encontrar um ponto de equilíbrio? Qual seria melhor forma de o coordenador continuar sendo um suporte favorável à inscrição social do adolescente?

Para ser feliz, é preciso (re-) significar todos os dias, nos mais diversos contextos sociais, a representação construída do ONDA, como um espaço de partilha de experiências, de valorização da família e amigos, de aprendizagem e de um convívio harmonioso, através de uma atitude solidária que promove o bem-estar e a alegria de nós mesmos e daqueles com os quais nos encontramos durante a vida.

A vida vem em ondas como o mar, num indo e vindo infinito. O importante é ter a certeza de que há sempre navios partindo e sempre haverá um porto. O essencial está em fazer de cada viagem algo surpreendente, significativo. A intensidade da busca aliada a motivação fazem com que haja ganhos significativos em estar no mar, mesmo em meio as intempéries e adversidades.

Se as verdadeiras riquezas estão no fundo do mar, mais vale ter a certeza de que se fez o melhor para encontrá-las a passar a vida sem nunca ter partido.

## REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. *Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico*. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- ABRAMO, H. *Cenas Juvenis: punks and darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.
- ARESI, F.; FLORES, V. N. O funcionamento enunciativo do par pergunta-resposta em situação de clínica dos distúrbios de linguagem. *Calidoscópio*. V. 6, n. 2, p. 86-95, mai/ago, 2008.
- ARIPÉ, Roberto. *Manual do ONDA*. Novo Hamburgo: 1987.
- BALLY, Charles. *El lenguaje y La vida*. Obra traduzida por ALONSO, Amadeo. Buenos Aires: Losada, 1962.
- BARROS, Simone de Lima Silveira. *Diálogo entre escola e mídia jornalística: uma análise metassemântica de programa de mídia direcionado ao ensino*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- BECKER, Ângela Lângaro. *Adolescência e Instituições: a mimesis como transmissão possível*. Dissertação de Mestrado desenvolvida no programa de pós-graduação em psicologia social e institucional. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. São Paulo: Pontes, 2005.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. São Paulo: Pontes, 2006.
- BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica: ciência das significações*. São Paulo: EDUC; Pontes, 1992.
- BORGES, Paulo. BORGES, P.R. S. A pessoalização do pronome a gente sob a perspectiva da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste. *Letras de Hoje*, v. 39, n. 4, p. 163-172. Porto Alegre: EDIPUCRS, dez., 2004.
- CREMONESE, Lia. *Bases epistemológicas para elaboração de um dicionário de linguística da enunciação*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- CALLIAGARIS, Contardo. *Adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- DOUVILLE, Olivier. *Uma melancolização no laço social?* In: *Ágora*. Rio de Janeiro: UFRJ, v. II, no. 2, p. 179-201. jul/dez 2004.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: CULTRIX, 1973.

DUCROT, Oswald. *La pragmatique et l'étude sémantique de la langue*. In: Letras de Hoje. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 32, p. 9-21, março de 1997.

DUFOUR, Dany-Robert. *A arte de reduzir as cabeças*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. *Introdução à lingüística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

FLORES, Valdir do Nascimento ; SILVA, S. ; LICHTENBERG, S. ; WEIGERT, T. . *Enunciação e Gramática*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008. v. 1. 198

FLORES, Valdir do Nascimento (et al.). *Dicionário de lingüística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, V. N. Sujeito da enunciação e/ou sujeito do enunciado? exterioridade e interioridade teórica no campo da lingüística da enunciação. In: MATZENAUER, C.L.B. et. al. *Estudos da linguagem*. VII Círculo de Estudos Lingüísticos do sul. Pelotas: EDUCAT, p. 87-104, 2008.

HAAG, Cassiano e TEIXEIRA, Marlene. *Construção enunciativa de referentes*. In: ReVEL, v. 3, n.13, 2009.

KAUFMANN, Pierre. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KEHL, Maria Rita (org.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

KNOBEL, Maurício. A síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, Arminda (coord.). *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas: 1983.

LICHTENBERG, Sônia. *Usos de todo: uma abordagem enunciativa*. In: Letras de Hoje. Porto Alegre, v.36, p.147-181, dezembro de 2001.

LEBRUN, Jean-Pierre. *O futuro do ódio*. Porto Alegre: CMC, 2008.

MATHEUS, Tiago Corbisier. *Ideais na adolescência: falta d(e) perspectivas na virada do século*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

MELMAN, Charles. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

MONDADA, Lorenza & DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE & RODRIGUES & CIULLA. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

NORMAND, Claudine. “Linguistique et/ou psychanalyse: de leurs relation si elle existe”. In: NORMAND, Claudine; ARRIVÉ, Michel (dir.). *Linguistique et psychanalyse*. Colloque international de Cerisy-La Salle. Paris, Press Éditions, 2001.

ONO, Aya. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.

RASSIAL, Jean Jacques. Adolescência como conceito da teoria psicanalítica. In: APPOA. *Adolescência entre o passado e o futuro*. POA: Artes e Ofícios, 1999.

RASSIAL, Jean-Jacques. *A passagem adolescente: da família ao laço social*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

RIEGEL, M. et al. *Grammaire méthodique du français*. Paris: PUF, 1994.

RODULFO, Ricardo. Um novo ato psíquico: a inscrição ou a escrita do nós na adolescência. In: APPOA. *Adolescência entre o passado e o futuro*. POA: Artes e Ofícios, 1999.

SZINVELSKI, Valkíria Marks. *Para além do muro: uma análise enunciativa da atribuição de referência em cartas de Caio Fernando Abreu*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: UNISINOS, 2008.

TEIXEIRA, Marlene. *Análise de Discurso e Psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

TEIXEIRA, Marlene. *Quando a linguagem intervém na atividade de trabalho*. Anais do III Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

TEIXEIRA, Marlene; Di Fanti, Maria da Glória. O texto como objeto de ensino: um olhar enunciativo. In: GOMES, Leny da Silva e GOMES, Neiva Maria Tebaldi (Org.). *Aprendizagem de língua e literatura: gêneros e vivências de linguagem*. Porto Alegre: UniRitter, 2006.

TREVISOL, Vilson (org.). *Diretrizes diocesanas do ONDA*. Novo Hamburgo: 2007.

VOGES, Márcia Cristina Neves; TEIXEIRA, Marlene. *O sujeito cuidador em “cena”: o uso de si na atividade em centro de tratamento intensivo*. In: *Nonada Letras em Revista*. Porto Alegre, n. 11, p. 163-186, 2008.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1 - Questionário

### UNISINOS

### PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUÍSTICA APLICADA

#### Entrevista com os jovens participantes da pesquisa

Nome:

Data de aniversário e idade:

Sexo: ( ) feminino ( ) masculino

Curso do Onda que fez: \_\_\_\_\_ Data do curso: \_\_\_\_\_

Endereço:

Bairro:

Cidade:

Nome do pai:

Profissão:

Nome da mãe:

Profissão:

Meus pais moram juntos ( )

Meus pais são separados ( )

Com quem moro:

Série em que estudo:

Colégio/Cidade de localização:

Atividades extras (fora as escolares):

---

---

---

Assinalo os materiais com que tenho contato durante a semana:

Jornal: ( ) 1x ( ) 2 ou mais x ( ) todos os dias ( ) nenhuma vez

Qual (is) jornal (is)?

---

Revista: ( ) 1x ( ) 2 ou mais x ( ) todos os dias ( ) nenhuma vez

Qual (is) revista (s)?

---

Livros: ( ) 1x ( ) 2 ou mais X ( ) todos os dias ( ) nenhuma vez

Quais tipos de livros (ex. gibis, histórias, didáticos etc)?

---

---

Orkut, MSN: ( ) 1x ( ) 2x ( ) todos os dias ( ) nenhuma vez

Jogos eletrônicos e videogames :

( ) 1x ( ) 2x ( ) todos os dias ( ) nenhuma vez)

Televisão: ( ) 1x ( ) 2 ou mais x ( ) todos os dias

Quais são os programas que assisto com mais frequência?

---

Quais assisto com menos frequência ou raramente?

---

Outras leituras : quais?\_\_\_\_\_

( ) 1x ( ) 2 ou mais x ( ) todos os dias

Dentre os citados acima e tantos outros materiais que leio diariamente, qual é o meu favorito? Por quê?

---

---

O que costumo fazer sempre em minha semana? Há algum motivo especial?

---

---

## ANEXO 2 - Oficina analisada

**Contexto enunciativo: os jovens estão se preparando e buscando materiais para a representação.**

Cristian: Pera um pouquinho, só um pouquinho...e [...]?

Carla: Não.

Cristian:E vassoura?

Carla: Não! ((risos))Faz com a mão!Faz com a mão

CRistian: [...] ta bom! Faz com a mão!Tá esquece!Eu vou pegar a garrafa, não vai dar tempo

Diogo: Ô CR, [...]

Carla: Então tá vai assim mesmo!

Cristian: Tá. Pode começar?

Carla: Pode!

**1º grupo - Contexto enunciativo: os jovens arrumam as cadeiras em um círculo e procuram montar um cenário que represente uma reunião típica do grupo.**

Cristian:Pessoal, vamos pra reunião do Onda?

((todos s deslocam até um ambiente com cadeiras conversando animadamente))

Cristian: Oi tia Camile!Pessoal, vamos dar oi pra tia Camile!!

((todos se levantam e vão abraçá-la))

Camile: Bom, pra começar a reunião vamos cantar o hino do Onda!

Cristian e meninas: Ah êêê!!!((todos se levantam animados))

Cristian: Folclore! Folclore lá pra frente!

((As meninas de animação na frente e todos cantam e dançam o hino do grupo)):

*Faça o mundo melhorar, hei!*

*Siga sempre o coração, hei!*

*E não deixes de amar*

*É a lei do amigão!*

*Para ser feliz é preciso crer*

*Nosso Jesus cristo ama pra valer*

*É fazer com que os sonhos se tornem reais*

*Aprendendo a viver*

Camile: Eu vou chamar o Cristian para ler o Evangelho!

Cristian: Pessoal, como é que a gente escuta o Evangelho?

((todos ficam de pé))

Cristian: Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos saltadores, os quais o despojaram e espancando-o retiraram-no deixando meio morto. Ocasionalmente desceu pelo caminho um sacerdote e vendo-o passou ao lado. De igual modo também um levita chegando aquele lugar e vendo-o passou adiante. Mas um samaritano chegou ao pé dele e vendo-o envolveu-se de íntima compaixão e aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho e pondo-lhe sobre sua cavalgadura levou-o para uma estalagem e cuidou dele. Palavra da Salvação.

Todos: Glória a vós Senhor.((todos sentam))

Camile: E aí pessoal? Qual foi a mensagem que vocês tiraram do Evangelho?

Alexandra: Eu sei, tia Camile! Fazermos o bem e ajudarmos as pessoas!

Camile: É isso aí !Muito bem! Para terminarmos a reunião, vamos fazer nossa oração!

((Os jovens entrelaçam os braços, rezam um Pai- Nosso e desejam-se um bom final de semana))

Todos: Tchau, tia Camile!

Salete: No dia seguinte...

Cristian: ((apoiando uma garrafa para servir de bengala)) Ai, ai, ai como é difícil...depois que a gente fica velho, para atravessar essa rua...((a Ge. se aproxima dele)) Tu vai me ajudar menina? Ah, obrigado, obrigado!Como é bom quando os jovens, os jovens...não ajudam mais os idosos!Você fez o Onda? Ah, que bom que é esse grupo do Onda!Ah êêê!

((aplausos))

Carla: Segundo grupo!! Gente, vamo lá?Deu?Então vamo lá...1,2,3

**2º grupo - Contexto enunciativo: os participantes do grupo dispostos em fileira. Uma menina toma a frente fala.**

Tatiana: A gente pede desculpa porque a gente não fez um teatro grande assim porque a gente vai tentar no teatro resumir numa palavra só o que significa o Onda pra gente, uma das coisas, né!((a T. vai até o centro com os pés descalços, Ju se aproxima e calça uma sandália em seus pés))

((Guilherme se finge de cego e Paula o conduz))

Guilherme: Muito obrigado!

Paula: De nada!

Joana: ((abrindo os braços))Solidariedade!!Valeu pessoal! Ahêêê!

((aplausos e risos))

((O terceiro grupo se prepara))

### **3º grupo - Contexto enunciativo: um tele-jornal composto por jornalistas na bancada e uma repórter de rua.**

Laura- Boa noite. Estamos começando mais um jornal do Onda.

Renata: Boa noite. Nosso assunto de hoje é: o que os jovens hoje em dia fazem? Vamos para a rua com a repórter Ty.

Tabita: Bem, tem dois câmeras, com os dois câmeras ãh vim até as ruas pesquisar o que os jovens acham e o que eles têm feito de suas vida atualmente, então reunimos quatro pessoas que estavam passando pela rua e resolvi perguntar: O que você jovem de hoje em dia acha que é mais divertido e mais construtivo fazer de sua vida?

Augusto: Jogar computador, eu não preciso de amigo, o computador é o meu amigo inseparável . O resto é tudo bobagem, o mundo mesmo é internet!

Tabita: Pois é, esse jovem que diz que a internet é a melhor coisa pra se fazer! Aqui nós temos um jovem com uma camiseta muito bonita ((se volta para um dos meninos que está com uma camiseta do Onda))O que você acha que é melhor para a juventude fazer atualmente?

João: Ter amigos.

Tabita: Você tem amigos no Onda?

João: Tenho.

Tabita: E você acha que é mais construtivo amigos digitais ou amigos de verdade?

João: De verdade.

Tabita: Ok, obrigada. ((se volta para a outra menina a ser entrevistada))Aqui nós temos outra jovem com a camiseta muito bonita. O que você gosta de fazer nas suas horas vagas e por quê?

Bárbara: Passear com os amigos, ir a missa.

Tabita: Olha que coisa mais importante !Os seus amigos também vão a missa?

Bárbara: Vão.

Tabita: Os amigos do Onda ou os outros amigos?

Bárbara: Os do Onda.

Tabita: Muito obrigada ((se volta para a outra jovem))E aqui nós temos mais uma jovem que vai dizer: o que você gosta de fazer no seu tempo livre?

Bárbara: Ir pro shopping, é claro!

Tabita: Ir pro shopping, ir pro shopping é claro...por que você acha que ir pro shopping é uma coisa legal?

Bárbara: Porque é melhor do que estar lá na igreja com aqueles amigos patéticos!

Tabita: [...]Hoje em dia vai pra lá ((fala para a cameragirl)Hoje em dia nós temos muito jovens nós podemos observar e tem dedicado seu tempo para coisas que são às vezes legais e às vezes não e as pessoas do Onda né tem sua características de serem pessoas que têm uma visão mais certa do mundo, onde as coisas materiais não são boas e as coisas de Deus são boas e era isso. Obrigada! É com você, Glória Maria! ((risos))

Renata: Boa noite. Ficamos por aqui com mais um jornal do Onda.

Laura: Boa noite.

((O jornal é encerrado))

### ANEXO 3 - Entrevistas

**Contexto enunciativo – a pesquisadora convida a jovem a assistir à primeira encenação, em que os jovens representaram uma reunião do Onda.**

Camile – Eu queria que tu pudesses olhar primeiro aquela cena que vocês representaram. Se tu quiseres comentar algo durante a cena, fica à vontade.

P- Vocês cantaram o hino ali, Camile o que a gente pode fazer para o mundo melhorar, assim, na tua opinião já que vocês cantaram o hino na representação?

C-Pro mundo melhorar, acho que as pessoas deveriam ajudar mais.

P- E tem pessoas que tu conheces que ajudam assim uns aos outros?

Camile- A maioria não.

P- Tem algum exemplo de pessoas, que tu possa me dar, que tu conheça, que ajudam?

Camile- Conhecida, conhecida sim...a minha mãe

P- Aham

Camile- Quando alguém pede alguma coisa pra comer ...dentro do possível a minha mãe ajuda as outras pessoas, né!

P- Tu tem algum exemplo pra me dar de outras pessoas que ajudam?

Camile- Ajudar eu acho que quando uma pessoa não tem dinheiro suficiente pra comprar uma roupa a gente dá uma que tenha em casa assim...ou então não sei...eu acho que é isso!

P- Aham

P- E o que acontece quando a gente segue sempre o coração? Tem um verso da música que diz “Siga sempre o coração”?

Camile – Não sei.

P- O que tu acha que na tua vida acontece se tu seguires sempre o coração?

Camile – Acho que é seguir o caminho bom...

P- Tu acha que seguir o coração é esse caminho bom? (sinal afirmativo da entrevistada) E quais são as coisas que estão nesse caminho bom pra ti?

Camile-Não fazer as coisas erradas assim...

P- O que pra ti é fazer o bem nesse caminho?

Camile – É seguir Deus

P- E quando tu ouviu aquela passagem, tu lembra da passagem do bom samaritano que ajudava, que o Cristiano leu na representação de vocês, a pessoa tava caído passaram pessoas e só o último que ajudou, lembra? Tu acha que tem alguma mensagem aí?

Camile- Eu acho que tem poucas pessoas que ajudam os outros.

Eu acho que aquela pessoa, que é a única que ajudou que é a que acreditava em Deus.

P- E é só essa mensagem?

Camile- Aham

P- E tu acha que todas as pessoas crêem em algo ou em alguma coisa?

Camile- Acho que sim

P- E no que tu acha que as pessoas acreditam?

Camile- Ah, tem uns que acreditam nas religiões e eu acho que é isso.

**Contexto enunciativo – Joana assiste com a pesquisadora à representação que fizeram do que o Onda representava para eles, destacando a palavra solidariedade. Para tanto, fizeram gestos simbólicos e de caridade, como a ajudar um cego a atravessar a rua.**

P-Joana, ali a Tatiana diz assim: que vocês escolheram “Solidariedade” como uma palavra e vocês abriram os braços. Por que esse gesto?

Joana- Em relação a estar de braços abertos, solidariedade é ajudar, então estar de braços abertos para ajudar alguém, mas vamos supor pode ser um gesto de solidariedade um abraço, né.

P- Aham.E isso é solidariedade, esse gesto pra ti?

Joana- Aham

P- Mas como tu pode me explicar assim mais a solidariedade? Onde acontece a solidariedade?

Joana- Ai não sei, tipo assim, a cada momento assim que alguém está precisando de ajuda, seja um simples sorriso, seja assim como a Ju assim com a Tatiana em que ela ta descalça e ela põe o calçado nela, seja as pessoas que fazem algo para o bem –estar da pessoa...

P- No grupo, participando do grupo, tu acha que tu percebe algo de solidariedade?

Joana – Aham, acredito que sim, até porque isso é uma coisa que a gente aprende bastante dentro do Onda, quando , no final do ano, a gente vai assim lá pras irmãs por exemplo, é um jeito da gente mostrar assim, a gente também aprende mais assim o que é realmente solidariedade.

P – E a Tatiana falou ali na representação que vocês iam escolher aquela palavra e que era uma das coisas pra representar o Onda. Ela até disse: “Ai, desculpa...”, não é um teatro tão

longo...solidariedade então é uma das coisas. Que outras palavras tu escolheria pra dizer o que era o Onda nesse momento?

Joana- Acho que alegria tem bem a cara do Onda . Por ser mais um grupo que a maioria é entre 11 e 16/17 anos, assim nessa faixa etária e eu acho que assim tipo tem o lado criança assim que a gente tem, assim pela alegria, por a gente estar sempre alegre,disposto.

P- Em que momento tu acha que é possível ver alegria no grupo?

Joana- Tu dizes assim dentro da reunião, coisa assim...

P- É, não sei...

Joana – É que, na verdade, todo o momento no Onda é alegria entende?

P- Aham...

Joana – Por esse lado assim meio criança que eu to falando que assim a gente tem, sem perder nunca o meu lado adulto assim. Isso eu acho um adjetivo assim muito grande de um jovem adolescente! Por ter conhecido a Deus eu acho assim.

P- O que te deixa mais alegre no grupo?

Joana– O que me deixa mais alegre no grupo?

P- É...

Joana- Ah, é que eu passo a semana toda assim estudando e eu acho que rever meus amigos me deixa muito alegre!... Chegar aqui e rever meus amigos isso me deixa muito alegre e saber que a maioria dos meus amigos tem os mesmos propósitos, valores que eu vivo.

P- E fora do grupo como é a convivência com esses amigos?

Joana – Os amigos aqui do Onda?Ou outros?Porque tipo assim o pessoal do Onda a maioria, tem um grupo de pessoas que eu passo o dia todo...

P- Aham

Joana- Ou a maioria eu falo assim às vezes pela internet ou o pessoal mais amigo assim que eu tenho que não participam do Onda é diferente assim a questão de contato, o jeito que tu te expressa assim com a pessoa

P- Aham

Joseane - Porque assim dizer “EU TE AMO” é assim uma coisa difícil, é algo que eu tenho mais proteção no falar?

P- E com os amigos do Onda tu não precisa ter tanto essa proteção?

Joana- É isso! Por ter os mesmos propósitos, os mesmos valores, eu me sinto melhor assim, sabe,os que eu me dou melhor com certeza são os do Onda,de dentro do Onda.

**Contexto enunciativo – a entrevistadora convidou o jovem a assistir a representação que consistia em um tele-jornal com uma repórter que fazia questionamentos a jovens nas ruas e a jovens participantes do grupo Onda.**

P- Tu tem uma fala sobre o jovem que usa o computador, que só pensa na internet...Eu queria te perguntar assim André o que tu faz mais no teu tempo livre?

Augusto- Ahh... eu saio pra jogar bola com os amigos, jogo no computador, entro na internet

P- Aham...

Augusto- Nessas coisas que eu disse (se referindo a sua fala na encenação)...

P- Aham.

Augusto- Mas não me interessa só nisso.

P – Aham. E no que tu dedica o maior tempo da tua vida?O que tu faz mais no teu tempo livre?

Augusto – Ah! Saio bastante...

P- E estas saídas incluem que atividades?

André- Eu marco futebol com meus amigos, ah...eu tenho mesa de sinuca em casa e eu marco com os meus amigos.Às vezes eles vão lá em casa e a gente jogamos computador uma tarde inteira.

P- Aham

Augusto- É, é isso!

P- E tu vai a missa?

Augusto- Vou.

P- Teus amigos costumam ir?

Augusto- Não.

P- E tu também vai a casa dos teus amigos?

Augusto- Aham.

P- Pra que atividades tu acha hoje em dia que os jovens dedicam o maior tempo da vida deles?

Augusto – Ah...aam...fazer como eu disse ali, ficar com os amigos, mas tipo eu fico ali com os amigos, mas não esqueço de ir a uma missa, na reunião.

P- Aham.

P – E o que tu fazes no Onda?

Augusto- Quando tem o Onda assim mesmo eu gosto de participar, por exemplo quando teve agora o último eu ajudei na cozinha, às vezes ler o evangelho...

P- Aham

Augusto- Eu tava querendo tocar violão, mas aí a mãe não deixou eu trazer o violão é por causa que às vezes eu venho de ônibus porque nem sempre meu pai pode me trazer de carro e ela tem medo que alguém roube.

P- Ah, sim!É às vezes tu ensaia com o violão em casa, e às vezes joga com teus amigos?

Augusto- Aham

P- E tu tem muitos amigos?

Augusto- Tenho.

P- Quem é que tu considera que são os teus melhores amigos?

Augusto- Bah...é uma turma, né!Bah...assim dizer...são uns 30!

P- Ah é!?

Augusto- aham..bah às vezes eles vão lá em casa e nossa!É que meu computador fica mais assim no quarto do meu irmão porque ele é o que usa mais pra fazer os trabalhos da faculdade, às vezes a minha mãe chega e é um monte de gente, sentada na cama, em cadeira...E chega e olha e aquele povão dentro do quarto...

P- Aham!!E aí todo mundo joga junto!?

Augusto- Ahum

P- E tu tem amigos aqui no Onda também?

Augusto- Tenho.

P- É!?E eu já vi que esses amigos que vão na tua casa te deixam muito feliz. E o que mais te deixa feliz no Onda?

Augusto – Ah...ah...no Onda...ai o jeito de aprender...

P- Aprender...

Augusto- É...as coisas que eles falam sobre o evangelho, sobre perseverar, essas coisas assim...

P- Aham.E tu gosta disso e tu encontra aqui pessoas pra conversar sobre isso também?

Augusto – Ai, eu tenho alguns amigos assim que vão a missa e eu falocom eles. Eu falo com a minha mãe bastante. Tava até pensando em marcar, em eu fazer uma reunião sobre religião!

P- E tu fazes outras atividades com os teus amigos do Onda fora daqui?

Augusto- Faço! O que mais vai lá em casa é o L. sabe um loirinho, vai bastante lá em casa...